

Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Letras

Departamento de Língua e Literatura Vernáculas

Um Estudo Fonológico Gerativo dos Diminutivos
em Português

Dissertação submetida à Universidade Federal de Santa
Catarina para obtenção do Grau de Mestre em Letras, área de Lin-
guística

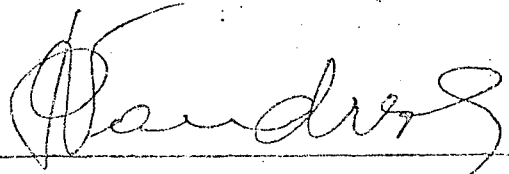
Hilda Gomes Vieira

1978

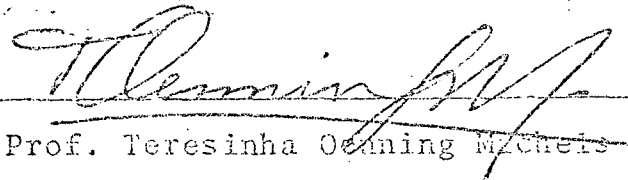
Esta Dissertação foi julgada adequada para a obtenção de grau de

MESTRE EM LETRAS - LINGUÍSTICA

e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação.

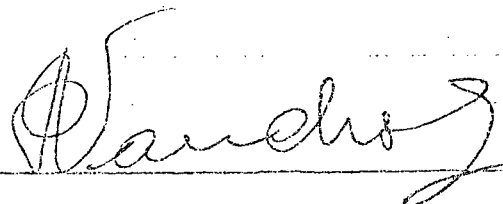


Prof. Paulino Vandresen
Orientador

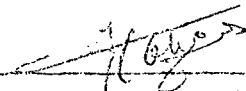


Prof. Teresinha Oanning Michels
Coordenadora

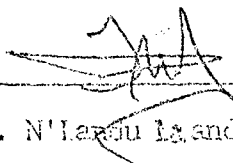
Banca Examinadora:



Prof. Paulino Vandresen



Prof. Jean Pierre Angenot



Prof. N'harau Laanda Ntotila Ne Kongo

OFERECIMENTO

A meu esposo e meus filhos.

A G R A D E C I M E N T O S

- Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSC, coordenação, professores e colegas de curso.
- À Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina, por ter autorizado minha frequência no curso de Pós-Graduação.
- Ao Professor Paulino Vandresen pela sábia e paciente orientação.
- Aos colegas de magistério, alunos e amigos, pelo incentivo e colaboração.

S U M Á R I O

CHAVE DE SÍMBOLOS E CONVENÇÕES	viii
ABREVIATURAS	x
RESUMO	xii
ABSTRACT	xiv
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - REVISÃO DA LITERATURA - A GRAMÁTICA TRADI CIONAL E O ESTRUTURALISMO	5
1.1. O tratamento de "-inho" e "-zinho" nas Gramá ticas Tradicionais	7
1.1.1. Classificação	7
1.1.2. Distribuição de "-inho" e "-zinho" ..	18
1.1.3. A origem dos diminutivos	22
1.1.4. A(s) forma(s) básica(s) dos diminuti- vos	23
1.2. O tratamento estrutural	25
1.3. Os diminutivos como exceções a regras do Português	27
1.3.1. Fechamento de vogais	27
1.3.2. Gênero e número	28
1.3.3. O aspecto semântico	30
1.3.4. O acento	30
1.4. Considerações finais	31
1.4.1. Classificação	31
1.4.2. Distribuição	32
1.4.3. Forma	34
1.4.4. As exceções	35
NOTAS DO CAPÍTULO I	37

CAPÍTULO II - A FONOLOGIA GERATIVA	39
2.1. Considerações iniciais	39
2.2. A situação do componente fonológico no modelo "Standard"	41
2.3. Considerações críticas e algumas proposições	47
2.3.1. As regras de reajustamento	47
2.3.2. As regras do componente fonológico ..	50
2.3.3. A ordenação das regras	57
2.3.4. O grau de abstração das representações fonológicas	66
2.3.5. Os traços fonéticos e fonológicos ..	68
NOTAS DO CAPÍTULO II	73
CAPÍTULO III - O DESENVOLVIMENTO DAS HIPÓTESES	79
3.1. Considerações iniciais: Análise da distribuição dos diminutivos "-inho" e "-zinho"	79
3.1.1. Nomes que geralmente aceitam somente "-zinho"	80
3.1.1.1. Nomes terminados em vogal tônica ..	80
3.1.1.2. Nomes terminados em <u>l</u> ou <u>r</u>	82
3.1.1.3. Nomes terminados em nasal	84
3.1.1.4. Nomes terminados em ditongo oral ..	86
3.1.1.5. Nomes terminados em vogal átona precedidas de $\left[\begin{array}{c} - \text{ cons} \\ + \text{ alt} \end{array} \right]$	87
3.1.1.6. Nomes proparoxítonos	89
3.1.2. Nomes que geralmente aceitam as duas formas	90
3.1.2.1. Nomes paroxítonos terminados em vogal átona, precedidos por consoante ..	90
3.1.2.2. Paroxítonos terminados em vogal átona precedidos $[- \text{ cons}]$	97
3.1.3. Nomes que aceitam "-inho" ou "-zinho" (não é possível conhecer a opção) ...	99
3.1.3.1. Nomes terminados em <u>s</u> ou <u>z</u>	99

3.2. Primeira Hipótese	104
3.2.1. Argumentos a favor de duas entradas no léxico	104
3.2.2. Inconvenientes desta hipótese	105
3.3. Segunda Hipótese: a forma básica é "-inho" .	106
3.3.1. Evidências a favor da 2 ^a hipótese ...	106
3.3.2. A forma subjacente de "-inho"	107
3.3.3. Relacionamento entre a sintaxe e a fo nologia pelas regras de reajustamento	108
3.3.4. Formalização e aplicação das regras .	109
3.3.4.1. O ponto na derivação de aplicação da regra de inserção do z 	109
3.3.4.2. A regra de inserção do z 	113
3.3.4.3. Nomes terminados em vogal tônica ..	117
3.3.4.4. Outros contextos	119
3.3.5. Problemas com esta hipótese	124
3.3.6. Inconvenientes da 2 ^a hipótese	126
3.4. Terceira Hipótese: A forma subjacente é "-zinho"	127
3.4.1. Considerações iniciais	127
3.4.2. A queda do z 	131
3.4.3. A aplicação das regras relacionadas com o processo de formação de palavras com "-zinho"	135
3.4.3.1. Nomes paroxítonos terminados em X \bar{V} C ₁ V	135
3.4.3.2. Nomes paroxítonos terminados em z V	142
3.4.3.3. Nomes terminados em $[\bar{V}]^V$	147
3.4.3.4. Nomes terminados em <u>l</u> , <u>r</u> , <u>s</u> e nasais.	156
3.4.3.5. Nomes masculinos terminados em <u>a</u> .	168
3.4.4. Vantagens da terceira hipótese	172
NOTAS DO CAPÍTULO III	174
CONCLUSÃO	177
BIBLIOGRAFIA	186
ÍNDICE DE REGRAS	191

CHAVE DE SÍMBOLOS, CONVENÇÕES

1. O alfabeto usado foi o Alfabeto Fonético Internacional (AFI) com algumas adaptações para facilitar o trabalho de datilografia.

As adaptações são as seguintes:

AFI	Adaptação
ʃ	ʒ
ʒ	ʃ
ɲ	ñ
ɳ	ĩ
R	ṛ

2. () o elemento é opcional
3. { } os elementos estão conjuntivamente ordenados
4. [] englobam conjunto de traços distintivos ou delimitam re representações fonéticas.
5. | | delimitam representações fonológicas
6. → se reescreve como
7. / indica que segue o contexto em que se integra o elemento transformado.
8. — indica o ponto, dentro do contexto, do elemento transformado pela aplicação da regra.
9. + fronteira de morfema.
10. # fronteira de sufixo especial
11. ## fronteira de palavra
12. ### posição final de sentença
13. * indica forma agramatical

14. — o grifo é do autor
15. ---- o grifo foi acrescentado
16. C consoante
17. \hat{V} vogal tônica
18. \check{V} vogal átona
19. \tilde{V} vogal nasal
20. C_0 zero ou mais consoantes
21. V_0 zero ou mais vogais
22. \emptyset elemento zero
23. X qualquer seqüência de segmentos
24. ? ortografia incorreta
25. \neq é diferente de
26. C_1 uma ou mais consoantes
27. G glide (semivogal)
28. ? ortografia incorreta
29. B base
30. g gênero
31. n^o número
32. VT vogal temática

ABREVIATURAS

Traços Fonológicos

1. ac = acento
2. alt = alta
3. ant = anterior
4. arr = arredondado
5. bx = baixa
6. cons = consonantal
7. cont = contínuo
8. cor = coronal
9. lat = lateral
10. nas = nasal
11. post = posterior
12. silab = silábico
13. soant = soante
14. son = sonoro
15. voc = vocálico

Outras Abreviaturas

1. A = Adjetivo
2. dim = diminutivo
3. FF = Forma Fonética
4. FS = Forma Subjacente
5. LN = Locução Nominal
6. N = Nome

- 7. nasaliz = nasalização
- 8. Op. = Opcional
- 9. Reaj.ac. = Reajuste do acento
- 10. RF = Regra Fonológica
- 11. RM = Regra Morfológica
- 12. S = Sentença
- 13. Suf. = Sufixo

R E S U M O

Esta Dissertação foi escrita com apoio na Teoria Fonológica Gerativa "Standard", porém modificada, principalmente no que se refere ao grau de abstração das representações fonológicas, e ao tipo de regras do componente fonológico, para atender a uma maior naturalidade dos processos fonológicos.

Foram tratados certos aspectos do Português relacionados com os diminutivos.

Considerando as formas dos diminutivos "-inho e "-zinho", apresentadas nas gramáticas tradicionais, observou-se seu comportamento no processo de formação de palavras, onde se procurou a forma subjacente melhor motivada e as regras adequadas para explicar o processo.

Observando que os sufixos em estudo nesta Dissertação apresentam características de morfema lexical, foi sugerida inicialmente a substituição da juntura de morfema (+) pela juntura de sufixo especial (#), a fim de explicar aparentes exceções a várias regras do Português, aplicáveis aos sufixos formadores de palavras. Finalmente a juntura (#) foi substituída pela juntura (##), onde se considera o processo derivacional, uma composição .

Foram desenvolvidas três hipóteses sobre as formas subjacentes dos diminutivos:

- a) duas formas listadas no léxico;
- b) "-inho" como forma básica;
- c) "-zinho" como forma básica.

Na conclusão foi proposta a forma subjacente "-zinho",

com a qual são formadas palavras compostas por justaposição. Foi obtida a forma derivada "-inho", por aglutinação em determinados ambientes, pela aplicação da regra morfológica de queda do | z |, de caráter opcional, ma maioria dos casos, e foram apresentadas ou tras regras que acompanham o processo.

Desta forma, a gramática revelou-se mais simples, com uma só entrada no léxico para "zinho" e tornou-se mais explícita, eliminando-se as aparentes exceções.

Estas conclusões fornecerão subsídios para uma reformulação da descrição gramatical a ser usada na escola, tornando-a menos confusa, mais explícita e mais real.

A B S T R A C T

This Dissertation was written based upon the Generative Phonological Standard Theory, a little modified mainly on what concerns the degree of abstraction of the phonological representations and the type of rules of the phonological component in order to fit the demandings of a greater naturality of the phonological processes.

Certain aspects of the Portuguese language related to the diminutive forms were focused upon.

Taking into account the forms "-inho" and "-zinho" of the diminutive presented in the traditional grammars their behaviour in the process of word-formation was observed at the same time that the best motivated underlying form and the adequate rules were searched in order to explain the process.

Having observed that the suffixes studied in this Dissertation present lexical morpheme characteristics the substitution of the morpheme juncture (+) for the special suffix juncture (#) was suggested at first in order to explain apparent exceptions to several rules of Portuguese, applicable to word-formation suffixes. Finally the juncture (#) was replaced by the juncture (##) in which the derivational process was considered a word composition.

Three hypotheses over the underlying forms of the diminutive were developed.

- a) two forms listed on the lexicon;
- b) "-inho" as a basic form;
- c) "-zinho" as a basic form.

As a conclusion the underlying form "-zinho" was proposed as that with which words are formed by juxtaposition. The derived form "-inho" was obtained through aglutination in certain environments, by the application of the morphological rule of the |z| deletion, a rule which has an optional character in the majority of cases, and other rules which follow the process were presented.

Thus the grammar showed to be simpler, with only one entrance to the lexicon, "-zinho", and more explicit since the apparent exceptions were eliminated.

The conclusions of the present Dissertation will furnish elements to the formulation of the grammatical description to be used at school making it less confused, more explicit and real.

I N T R O D U Ç Ã O

O problema abordado neste trabalho é o do comportamento dos diminutivos "-inho e -zinho" no processo de formação de palavras, com o objetivo de estabelecer o conjunto de regras capazes de explicar as diferentes manifestações superficiais do sufixo e eliminar as aparentes irregularidades no sistema.

As gramáticas tradicionais, utilizadas nas escolas, são essencialmente complicadas e confusas, pois seus pressupostos teóricos não permitem solucionar uma série de problemas. A maioria delas limita-se apenas a relacionar os sufixos, dando-lhes os significados. Algumas vezes, falam da origem dos mesmos, outras vezes confundem flexão (grau) com derivação. Outras, estabelecem incoerências, afirmando que "-inho e -zinho" são desinências de flexão (grau), entretanto os relacionam com os sufixos derivacionais. Dizem, algumas vezes, de sua distribuição nos contextos, mas sem se preocupar em explicar o processo fonológico derivacional.

Quanto a sua forma básica, umas admitem as duas formas, "-zinho" e "-inho", outras admitem uma só forma, "-inho", com um "z" epentético. Há trabalhos que admitem a forma "-zinho" como a mais produtiva no Português atual do Brasil, mesmo que, historicamente, a forma básica tenha sido "-inho", com o "-z" epentético, para evitar o encontro vocálico.

Algumas gramáticas têm tratado o problema, considerando a formação de palavras com "zinho - inho" como uma exceção, em relação a certos aspectos como: regras de elevação das vogais pretônicas, flexão de gênero e número, acento, e conservação do significado da raiz da palavra.

As considerações feitas até aqui motivaram a procura de uma melhor solução para o problema, com os recursos da Gramática Gerativa Transformacional, essencialmente explicativa.

Considerando-se que o uso das palavras com diminutivo parece não oferecer dificuldades para o falante-nativo de português, nos diversos níveis sociais, acredita-se que existam princípios de organização interna da língua, na mente do falante-ouvinte nativo, que não são adquiridos na escola, mas que poderão ser conhecidos e explicados por regras, numa teoria gerativista. Esta explicação elucidará o comportamento original dos diminutivos, podendo-se sugerir simplificações nas gramáticas escolares.

As indagações principais a que se procurou responder são: Que princípios são estes que fazem parte da competência do falante-ouvinte? Qual a melhor forma subjacente e quais as regras capazes de explicar a sua atuação, uma vez que os sufixos são considerados uma exceção dentro do sistema, mas não oferecem dificuldade, para o seu uso, pelo falante-ouvinte nativo?

Dada a natureza do trabalho, este estudo está limitado à formação de palavras com "-inho e -zinho", em que o primeiro elemento seja um substantivo, deixando-se de lado as formações com adjetivos, advérbios, etc.

O método usado foi o dedutivo, no qual se apelou para as técnicas de "item e processo". A partir de uma representação fonética dos dados empíricos, foram elaboradas hipóteses de estruturas subjacentes e várias regras foram apresentadas, numa tentativa de descobrir o mecanismo mental ativado pelos falantes-nativos de português, ao produzirem os nomes acompanhados dos diminutivos, "-inho" e "-zinho".

Partindo da observação dos exemplos oferecidos nas gra

máticas, foi organizado um "corpus" no qual acrescentavam-se ou eliminavam-se exemplos, à medida que prosseguia a análise.

As palavras foram agrupadas de acordo com a ocorrência ou não de um e/ou outro sufixo, levando-se em conta a terminação e o acento das mesmas.

Este material foi testado com alunos de graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, não necessariamente do Curso de Letras, e com outras pessoas, tais como colegas de magistério e amigos.

Para isso, foram aproveitadas as ocasiões de exercícios com os alunos, conversas informais durante as aulas, ou intervalos das mesmas, ou qualquer outra situação em que era motivado o uso dos diminutivos.

Esta pesquisa não teve caráter estatístico, pois não interessavam números neste trabalho. Uma vez aceita uma determinada forma, esta era mantida ou acrescentada ao "corpus". Era necessário saber quais as palavras (nomes) que aceitam os sufixos "-inho" e/ou "-zinho".

Organizado o "corpus", foram desenvolvidas as hipóteses formuladas, cujos resultados estão apresentados nas conclusões.

No primeiro capítulo foi feita uma revisão da literatura onde é apresentado o tratamento das gramáticas tradicionais e algo sobre o estruturalismo, nos seguintes aspectos:

- 1) classificação de "-inho" e "-zinho", nas alternativas de flexão e derivação;
- 2) distribuição dos diminutivos nos contextos;
- 3) a origem dos mesmos;
- 4) sua forma básica;
- 5) os diminutivos como exceção de regras.

No capítulo II são apresentados alguns pressupostos básicos em Gramática Gerativa, necessários para o desenvolvimento do trabalho, bem como a Teoria Fonológica que orienta o mesmo.

No final deste capítulo foi possível observar que a solução para o problema da melhor forma subjacente, "-inho" ou "-zinho", poderá ser encontrada a partir da escolha de uma das três estruturas sintáticas analisadas de forma diferente:

- 1) $[\#_N \text{ K a f e } + \text{ i ñ } + \text{ o } + \text{ s } \#]_N$
- 2) $[\#_N \text{ K a f e } \#]_N \text{ i ñ } + \text{ o } + \text{ s } \#]_N$
- 3) $[_N [\#_N \text{ K o r a s o ñ } + \text{ i } + \text{ s } \#]_N$
 $\text{ z i ñ } + \text{ o } + \text{ s } \#]_N \#]_N$

No capítulo III, após considerações iniciais, onde é apresentada a análise dos dados, são desenvolvidas as hipóteses sobre a melhor forma subjacente, e as regras que envolvem o processo derivacional.

CAPÍTULO I

REVISÃO DA LITERATURA - A GRAMÁTICA TRADICIONAL E O ESTRUTURALISMO

Neste capítulo, é abordado o tratamento dado aos sufixos diminutivos "-zinho" e "-inho" pelas gramáticas usadas nas escolas, e pela gramática estrutural.

Vários autores foram consultados à procura de esclarecimentos sobre o problema em estudo. Algumas gramáticas mais usadas nas escolas foram consultadas, para reunir as informações que estão à disposição dos alunos: Rocha Lima, Evanildo Bechara, Celso Cunha, Cegalla, Hildebrando A. de André, Gladstone Chaves de Mello, Artur de Almeida Torres e Leodegário de Azevedo.

Outros autores mais antigos foram consultados, à busca de respostas às indagações. Foram recolhidas informações de Jerônimo Soares Barbosa, Eduardo Carlos Pereira, Ernesto Carneiro Ribeiro, Said Ali, Napoleão Mendes de Almeida, Silveira Bueno e Leite de Vasconcelos.

Na linha estrutural, em que pouco se tem feito, são apresentados Leodegário de Azevedo e Mattoso Câmara.

Dada a variedade de nomenclatura usada pelas gramáticas normativas, sempre que for preciso se faça referência a um dos elementos de estrutura dos nomes, no tratamento tradicional, será usada a nomenclatura preconizada pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira). A correspondência com a nomenclatura dos gramati

cos, para entender o texto, é fácil de ser deduzida por qualquer professor de português.

Admitindo-se uma estrutura dos nomes abaixo, a NGB usa a seguinte nomenclatura:

1) Nome simples

Rad + VT + g + n°

2) Nome formado por derivação

Rad + VT + (Suf) + g + n°

3) Nome formado por composição

Rad + VT + g + n° # Rad + VT + g + n°

Onde Rad = radical, VT = vogal temática, Suf = sufixo, g = desinência de gênero e n° = desinência de número.

É oportuna, neste momento, a definição dos seguintes termos que serão usados no trabalho:

1) Justaposição = processo morfológico de composição, onde dois nomes que formam um composto não têm sua estrutura alterada (sem a queda de elementos fonéticos), (Cegalla, 1976:58), (guarda-roupa).

2) Aglutinação = processo morfológico de composição, onde os dois nomes se fundem com a queda de um ou mais elementos fonéticos (Cegalla, 1976:58), (água + ardente = aguardente).

3) Derivação = a) processo morfológico de criar palavras novas, acrescentando-se um sufixo ao radical (marmelo + ada = marmelada).

b) seqüência das representações que resultam da atuação das regras fonológi

cas sobre um determinado formante (morfema), desde a forma subjacente até a saída fonética.

O contexto evita a ambigüidade que poderia ocorrer com o termo derivação.

- 4) Flexão (nominal) = processo morfológico de indicar gênero e número nos nomes pelo acréscimo de desinências de gênero e de número.
- 5) Formante = o mesmo que morfema; as palavras são formadas de morfema (formante) lexical (Radical sufixo) + morfema (formante) gramatical (desinência de gênero, número, tempo x modo, n° x pessoa).

1.1. O Tratamento dos Diminutivos nas Gramáticas Tradicionais

1.1.1. Classificação

Das gramáticas atualmente em uso nas escolas, Rocha Lima¹ classifica "-inho e -zinho" como sufixos (p. 81), porém não deixa bem claro se são sufixos derivacionais ou flexionais; não os relaciona com os demais sufixos formadores de palavras (p. 173). Fala em gradação (p. 80), preocupando-se com o aspecto semântico e relacionando-os com os sufixos:

"Gradação: Por meio do grau exprime-se:
a) O aumento ou a diminuição de um ser

*relativamente ao seu tamanho normal;
b) a intensidade maior ou menor de uma
qualidade... O diminutivo sintético ex-
pressa-se com os sufixos ito, ulo, cu-
lo, ete, ola, em, elho, e, sobretudo,
-inho e -zinho".*

Para o autor, desinência é o morfema indicativo das fle-
xões das palavras, isto é, das "variações por que elas passam, pa-
ra expressar as categorias gramaticais de gênero e número (nos
nomes) e de pessoa, número, modo e tempo (nos verbos)" (p. 168) .
Aqui não se fala em flexão, mas "variações"; entretanto é proble-
ma de nomenclatura.

Pelo exposto acima, para o autor, os diminutivos não fa-
zem parte da flexão, não são desinências. No entanto, à p. 172,
analisando a palavra lobinho, Rocha Lima considera "-inho" como
sufixo indicador de diminutivo; mas, com os sufixos que ele
considera "sufixos derivacionais", em oposição a "sufixos flexio-
nais", não relaciona os diminutivos "-inho e -zinho", muito embo-
ra, nesta relação, apareçam outros sufixos normalmente considera-
dos pelos autores como diminutivos, tais como: -ito, -ico, -ote,
-ebre (p. 186).

O autor, aqui, apenas relaciona estes sufixos, sem di-
zer o que representam. É de se estranhar que os aumentativos e di-
minutivos juntos estão relacionados como fazendo parte da grada-
ção (p. 80 a 83) e somente os aumentativos, fazendo parte dos su-
fixos derivacionais (p. 181). Os diminutivos "-inho e -zinho", por
tanto, não aparecem com os sufixos flexionais, mas também não
estão relacionados com os sufixos derivacionais. Grau é algo à
parte.

Rocha Lima considera o sufixo derivacional da seguinte
forma:

"Ao contrário dos prefixos que, como vemos guardam certo sentido, com o qual modificam de maneira mais ou menos clara, o sentido da palavra primitiva, os sufixos, vazios de significação, têm por finalidade, formar séries de palavras da mesma classe gramatical; Assim por exemplo, o único papel do sufixo ez é criar substantivos abstratos, tirados de adjetivos: - altivo - altivez; estúpido - estupidez; surdo - surdez etc" (p. 180-181).

A seguir o autor apresenta os principais sufixos derivacionais que funcionam na língua portuguesa, onde é incluído o sufixo "-ão", e não o sufixo diminutivo. Realmente, essa definição de sufixos "vazios de significação" não se adapta aos diminutivos, que trazem em si um "significado" extra-lingüístico (pequeno). Do mesmo modo, como se usa "casinha", usa-se também casa "pequena", "nova", "redonda", "grande", "azul", etc... Há uma carga semântica a se acrescentar com os sufixos diminutivos. O autor não deixa bem claro que os sufixos diminutivos fazem parte do processo de derivação, mas também não os coloca com os sufixos flexionais. E a sua definição de sufixo derivacional não se adapta aos diminutivos.

À página 80, entretanto, ao se referir sobre a formação analítica dos diminutivos com o acréscimo de pequeno, o autor fala de um "processo de adjetivação". (Seria o sufixo com "-zinho" um processo de adjetivação? - locução adjetiva ou composição).

Evanildo Bechara² afirma que o diminutivo, "zinho", como sufixo indicativo de grau, faz parte da derivação.

"Gráu do substantivo. Os substantivos apresentam-se com a sua significação aumentada ou diminuída: homem, homem - zarrão, homenzinho. A Nomenclatura Gramatical Brasileira estabelece dois graus de significação do substantivo:

a) aumentativo: homenzarrão; b) diminutivo: homenzinho. A indicação gradual do substantivo se realiza por dois processos: a) sintético - ... acrêscimo de um síngl. especial ... b) analítico - ... emprego de uma palavra de aumento ou diminuição (grande, enorme, pequeno, etc) junto ao substantivo: "homem grande, homem pequeno" (p. 87).

Evanildo Bechara considera o sufixo derivacional como "assumindo uma função morfológica" que relaciona o vocábulo a que se agrega o sufixo, aos nomes aumentativos ou diminutivos, aos nomes de agente, de ação, de instrumento, coletivos, pátrios, etc... E dá os seguintes exemplos: casarão (aumento), livrinho (diminuição), cantor, lavrador, (nomes de agente ou ofício), punição, casamento, aprendizagem (nomes de ação ou resultado)... suavemente (modo) (p. 169). Para o autor, a derivação consiste em "formar palavras de outras primitivas por meio de afixos" (prefixos ou sufixos) (p. 176).

O autor deixa bem claro o que são desinências: "elementos mórficos de significação interna, indicadores das flexões gramaticais e se dividem em nominais e verbais". Não fala em grau, nas flexões do nome; isto é, apesar de falar em graus dos substantivos (aumentativos e diminutivos), o autor considera "-inho e -zinho", como sufixos derivacionais (p. 176). Ao relacionar os sufixos diminutivos, apresenta as formas "-inho", "-zinho", "-im", "-zim": livrinho, florzinha, espadim.

Celso Cunha³⁾ afirma que os substantivos flexionam em gênero, número e grau:

"Flexão dos substantivos: Os substantivos podem variar em número, gênero e grau" (p. 124).

"Grau: Um substantivo pode apresentar-se: a) com a sua significação normal... b) com a sua significação exagerada... c) com a sua significação atenuada ou valorizada afetivamente (grau diminutivo): chapeuzinho, boquinha; chapêu pequeno, boca minúscula. Vemos portanto, que a gradação se faz por dois processos: a) sinteticamente, mediante o emprego de sufixos especiais que estudamos no capítulo 5º. Assim: chape-l-ão, boc-arra, chapeu-zinho, boqui-inha..." (p. 140).

Celso Cunha é incoerente em sua posição uma vez que considera o diminutivo uma flexão de grau (p. 124) e coloca "-inho" e "-zinho" entre os sufixos derivacionais (p. 66), dizendo, ao mesmo tempo, que os sufixos flexionais fazem parte da flexão do gênero e número, apenas dos nomes (p. 56), enquanto que os sufixos derivacionais fazem parte da derivação sufixal (p. 57).

Cegalla⁴ considera os diminutivos como sufixos derivacionais:

"Sufixos são elementos (isoladamente, insignificativos) que acrescentados a um radical, formam nova palavra. Ao mesmo tempo, que alteram a significação do vocábulo originário (dente -- dentista) podem ainda mudar-lhe a classe gramatical (ponte -- pontudo), o gênero (boi -- boiada) ou o grau (gato -- gatinho), (frio -- friíssimo)" (p. 81).

Porém, à página 95, o autor fala em "flexão do substantivo em grau":

"Grau dos substantivos é a propriedade que essas palavras têm de exprimir as variações de tamanho dos seres. ... O grau diminutivo exprime um ser com seu tamanho normal diminuído. Pode ser formado sintético ou analiticamente" (p. 95).

E à página 54, o autor fala sobre flexão e desinência:

"Desinências são os elementos terminais indicativos das flexões das palavras. As desinências nominais indicam as flexões de gênero e número dos nomes: menino, menina, meninos, meninas" (p. 54).

Aqui o autor não fala de flexão de grau. Entretanto diz o autor, que o diminutivo sintético "forma-se com sufixos especiais" (p. 95), que correspondem aos sufixos formadores de novas palavras.

Como foi visto até aqui, as gramáticas pouco ajudam a esclarecer a função dos diminutivos no sistema. A confusão é geral entre os autores mais usados nas escolas, quanto à classificação de "-inho" e "-zinho" e quanto à nomenclatura usada.

Hildebrando A. de André⁵ toma posição idêntica à de Cegalla, quanto à classe a que o diminutivo pertence.

Em Gladstone⁶, há uma observação importante: o autor fala em flexão do substantivo em "gênero, número e grau: masculino e feminino, singular e plural; aumentativo e diminutivo" (p. 112).

"O grau no substantivo exprime o tamanho, maior ou menor, do objeto designado pela palavra. São dois os graus dos substantivos que se formam por meio de sufixos" (p. 118).

O autor levanta o problema em nota de rodapé, e é esta a importância aludida acima.

"... Aqui se situa uma das muitas dificuldades da sistematização. Se o grau é flexão, como se costuma considerar, o elemento que o exprime deverá ser uma desinência, o que de fato não é,

porque a gradação implica alteração no cional de significação. Livrão, livrinho e livro exprimem ideias objetiva - mente diversas e não apenas gramatical mente diversas. Ficamos pois, nessa meia incoerência de considerar flexão ao grau e dizer que ele se forma por meio de sufixos" (p. 118).

Artur de Almeida Torres⁷ apresenta o diminutivo como flexão de grau; "-inho" é desinência, mas relaciona-o com os su fixos derivacionais.

"Distingue-se a desinência do sufixo porque esta forma vocábulos novos, ao passo que aquela apenas exprime os aci dentes gramaticais já mencionados" (p. 47).

O autor define desinência como elemento "final do vocábulo, indicativo de flexão" (p. 47) e sufixo, como "elemento significativo secundário" (p. 47), que se junta ao radical. Distingue desinência de sufixo, mas considera "-inho" sufixo e desinência, ao mesmo tempo.

Leodegário de Azevedo⁸ critica os autores que admitem a flexão dos substantivos em grau. Ele admite que, a rigor, só há grau nos adjetivos e as terminações devem ser chamadas desinências e não sufixos. Quanto aos substantivos, diminutivos, a eles anexados, devem ser chamados sufixos, e comenta:

"Além da idéia de aumento ou diminuição os sufixos que indicam os chamados graus do substantivo acrescentam frequentemente conceitos de desprezo ou de carinho... (papelão, chereta, jornal leco, filhinho, amorzinho etc.). Em outros casos passam a designar coisas diferentes. Ex.: cartaz (não é uma carta grande); portão (não é uma porta grande etc.) (p. 79).

Por ai, aliás, já se percebe que não se trata rigorosamente de graus, razão porque não damos a tais elementos mórficos a denominação de desinências e sim de sufixos. Aliás, assim procede a maioria dos autores inclusive aqueles que admitem os graus do substantivo. E se estabelece conseqüentemente a confusão entre sufixo e desinência" (p. 79).

À procura de informações elucidativas para o problema em questão, foram pesquisados autores de épocas anteriores, como os que seguem:

Jerônimo Soares Barbosa⁹, em sua "Gramática Filosófica", não fala em grau dos substantivos. Sobre os diminutivos assim se expressa:

"Os substantivos comuns derivados são, os aumentativos ou diminutivos, ou verbais, ou compostos" (p. 83).

O autor não fala em flexão de grau do substantivo.

Somente há grau no adjetivo. Não os considera como sufixos, falando em terminação. Apresenta vários exemplos com outros diminutivos e, a seguir, diz que os "que diminuem mais" são os que acabam em "-inho", "-inha" e há um "z" eufônico em certos textos.

Pode-se deduzir da leitura que "-inho" é uma terminação que entra no processo de derivação, serve para formar palavras derivadas. O autor não deixa bem claro o que entende por terminação e derivação.

Eduardo Carlos Pereira¹⁰ considera três graus (positivo, normal, aumentativo) do substantivo, expresso por meio de "terminação ou flexão apropriadas":

"As flexões ou terminações diminutivas, na forma masculina, são as seguintes: -inho, -zinho, -ito, -ete, -eto, -ote, -oto, -ico, -ebre, -ejo, -ilho, -elho, -el, -im, -olo, -ulo, -ela" (p. 99).

Porém, à página 184, fala em sufixos designativos de diminuição: -inho, -inha, -zinho, -zinha".

"A derivação própria faz-se por meio de sufixos que, aglutinados ao tema das palavras primitivas, lhes modificam a significação, determinando-a; por exemplo: guerr + a, guerr + ear, guerr + eiro, guerr + ilha" (p. 182).

Sobre flexão o autor assim se pronuncia:

"Flexão do substantivo: os substantivos variam em sua terminação, isto é, mudam de flexão, para indicarem os acidentes de gênero, número e grau".

Não deixando bem claro o que ele considera flexão ou terminação, o autor inclui os sufixos diminutivos entre estas terminações, com a função de exprimir grau, junto aos substantivos, porém relaciona-os com os sufixos derivacionais cuja função não é a mesma, conforme se apresentou acima, mas sim a de modificar a significação das palavras primitivas.

Ernesto Carneiro Ribeiro¹¹ afirma que os diminutivos fazem parte da flexão gradual, mas os considera também elementos derivacionais:

"Os derivados dos apelativos subdividem-se em aumentativos, diminutivos e verbais...

Os diminutivos são os que por meio de certas desinências particulares atenuam ou diminuem a significação de seus primitivos" (p. 191).

A página 193, o autor fala de dois acidentes ou duas

flexões principais dos substantivos, o gênero e o número, "afora a flexão gradual de que tratamos há pouco".

Os diminutivos são tratados como uma flexão especial ("duas flexões principais" são gênero e número" afora a flexão gradual") e, ao mesmo tempo, tratados como uma derivação especial ("por desinências particulares").

Said Ali ¹², em sua Gramática Secundária, não fala em flexão do grau. Considera os sufixos como "elementos formativos que alteram a acepção primitiva das palavras, ou lhes acrescentam sentido novo" (p. 151).

No entanto, enquanto ele considera um processo de derivação nos substantivos, aos quais se anexam os sufixos diminutivos e aumentativos, classifica esses sufixos como um sufixo de 1ª classe, deixando à 2ª classe os outros sufixos derivacionais que se conhecem (p. 151).

Como foi visto até aqui, Said Ali é o único autor que não confunde flexão com derivação, mas considera os sufixos diminutivos, bem como os aumentativos, um tipo de sufixo à parte, o que ele chama de 1ª classe. O autor não define sufixo de 1ª classe, ou de 2ª classe, apenas dá-lhes nomes específicos.

Para Napoleão Mendes de Almeida ¹³, os sufixos diminutivos são desinências, indicativas de grau: "à propriedade do substantivo de indicar as dimensões do ser por ele nomeado dá-se o nome de flexão gradual" (p. 121).

Porém, o autor não distingue desinência de sufixo.

São "diversas as desinências, terminações, ou sufixos graduais, quer aumentativos, quer diminutivos" (p. 121).

Os diminutivos estão relacionados juntamente com os sufixos derivacionais. No entanto derivação é o processo em que "o

sentido da palavra é modificado mediante a troca ou acréscimo de sílaba ou sílabas finais".

Silveira Bueno¹⁴ apresenta uma posição mais coerente: O autor define os termos, desinência, derivação e sufixo, como se pode ver abaixo, e considera os sufixos, "-inho" e "-zinho", "-ito" (a) e "-ulo", como elementos componentes do processo de derivação:

"Derivação é o mais popular e o mais produtivo processo criador de palavras novas. Consiste a derivação própria em juntar ao tema da palavra antiga um sufixo adequado." (p. 86).

Para o autor, os sufixos "separadamente nada significam; apostos ao tema das palavras acrescentam-lhes novo significado, ou lhes dão nova classificação gramatical" (p. 86).

O autor distingue terminação (mera terminação de palavras, como em banco, banca) de desinência (que forma palavra nova).

Aqui, sente-se bem clara a classificação dos sufixos, "-inho" e "-zinho": são chamados de sufixos derivacionais formadores de palavras novas. Somente se pode criticar, que o autor afirma que os sufixos "nada significam porque, com relação aos diminutivos, há "-zinho" com idéia de pequeno" (p. 86).

Em suma, foi observada em 1.1.1. a grande confusão que há entre os gramáticos no que se refere ao seguinte:

- 1) os diminutivos são considerados elementos de flexão por uns autores e, elementos de formação de palavras, por outros autores, havendo ainda as duas possibilidades numa mesma gramática, o que a torna incoerente.

- 2) a confusão aumenta com a nomenclatura variada usada pelos autores que não definem suficientemente os termos usados em seu trabalho.

1.1.2. Distribuição de "-inho e -zinho":

A maioria dos autores costuma apresentar a distribuição dos sufixos "-inho ou -zinho" de acordo com a terminação dos substantivos aos quais se anexam, sua acentuação, o ritmo da frase, a linguagem culta ou popular. Pode-se aqui sintetizar as várias informações, colhidas nas diversas gramáticas e que são de interesse para este trabalho.

Celso Cunha¹⁵ diz que, excetuando-se as palavras terminadas em -s e -z, em que se deve usar "-inho" (pires + inho, rapaz + inho), é difícil indicar "as razões que comandam a escolha entre -inho e -zinho". Muitas vezes, esta relação deve-se ao ritmo da frase. O autor acrescenta que há uma preferência na linguagem culta, pelo uso de "-zinho", para conservar íntegra a pronúncia da palavra derivante e que a linguagem popular, tendendo à simplificação, prefere as formas com "-inho" (p. 66).

Acredita-se que o ritmo da frase e preferências individuais e, até mesmo, sociais e regionais, influam na escolha das formas "-inho" ou "-zinho", porém a informação é incompleta, visto não se referir a alguns contextos, onde há impossibilidade de se usar um ou outro sufixo. Exemplo: em palavras tais como casa, nunca se pode usar "-zinha" *(casazinha) e em palavras tais como café, nunca se usa "-inho" *(café-inho).

Para Cegalla ¹⁶⁾, a distribuição dos sufixos "-inho" e "-zinho" é condicionada pela acentuação tônica e pela terminação:

Usa-se "-zinho": "nas palavras proparoxítonas (lâmpada + zinha) e em palavras terminadas em sílaba nasal (irmão + zinho), ditongo (herói + zinho), hiato (baú + zinho, rua + zinha), ou vogal tônica (café + zinho)". "Note que se pode dizer ruinha, lampadinha".

Usa-se "-inho": em palavras terminadas em -s ou -z, ou em uma dessas consoantes mais vogal (país + inho, rapaz + inho, princes(a) + inha, ros(a) + inha, belez(a) + inha).

Em alguns casos coexistem as duas formas: colher + inha, ou colher + zinha, flor + inha ou flor + zinha, pastor + inho ou pastor + zinho (p. 96). O autor manda que se observe as palavras prainha, radinho.

Observação do autor:

"São anômalos os plurais usados popularmente e até por escritores de renome tais como: pastorinhos, papelinhos, florinhas, florzinhas, colherzinhas e mulherzinhas".

É curiosa esta observação, uma vez que, à página 96, o autor afirmou que em certos contextos coexistem as duas formas, usando florinha (no singular) como forma correta e, aqui, considerando anômalo florinha(s) (no plural). Logo, pode-se dizer florinha, mas nunca florinhas.

Observa-se que o autor não se referiu a palavras terminadas em vogal átona (paroxítonas) em geral, bem como a palavras terminadas em "l".

Rocha Lima ¹⁷⁾, afirmando que "-inho" e "-zinho" são os

sufixos por excelência formadores de diminuição, diz ser obrigatório o uso de "-zinho" em substantivos terminados em vogal tônica, ou ditongo: café + zinho, pai + zinho (p. 81).

Ao se referir ao uso dos sufixos, a informação é muito vaga e incompleta, pois o autor não fala nos demais contextos.

Napoleão Mendes de Almeida¹⁸⁾ distribui os sufixos da seguinte forma: usa-se "-zinho" com os oxítonos terminados em vogal, oral ou nasal, e com o maior número dos proparoxítonos: (pã + zinha, limão + zinho, filô + zinho, lâmpada + zinha).

A forma "-inho" é erudita e "-zinho" é popular. No norte, dá-se preferência ao sufixo "-zinho", mesmo em palavras paroxítonas enquanto no sul se usa "-inho" (cidadinha, caderninho, cachorrinho) (p. 122).

Leite de Vasconcelos¹⁹⁾ fala sobre a ortografia dos substantivos, dizendo que pãezinhos e soizinhos se escreve com -z e não com -s, porque o sufixo só se junta a um tema. Há um tema de singular pão e um tema de plural pãe(s), aos quais se juntam respectivamente um sufixo de singular, "-zinho", e um sufixo de plural, "-zinhos". "O plural não se forma do singular, cada uma dessas flexões é independente da outra" (p. 200).

Para Said Ali²⁰⁾, forma-se o substantivo principalmente com "-inho, -inha, -zinho, -zinha". Assim o autor explica a distribuição dos sufixos (p. 32):

"Usa-se ora "-inho(0) (a)", ora "zi - nho(0) (a)" com os nomes terminados em vogais simples átonas (livro - livrinho ou livrozinho, cadeira - cadeirinha ou cadeirazinha)..."

Concorda que aqui haja influência do ritmo da frase.

Usa-se "-zinho(a)", de preferência a "-inho(a)" nos nomes terminados em L ou R (papel + zinho), flor + zinha). Usa-se sempre "-zinho(a)" com os nomes que acabam em outro fonema: café + zinho, irmão + zinho, chapéu + zinho, jardim + zinho.

Pode-se dar, a qualquer substantivo, a forma diminutiva, acrescentando-se "-inho" ou "-zinho", mas são relativamente poucos os nomes a que é possível juntar-se ão, ou algumas de suas variantes.

Reunindo as informações de todas as gramáticas consultadas, observou-se que há pouca informação na maioria delas.

Embora alguns autores não admitam o uso de uma ou outra forma determinada, a distribuição geral nas gramáticas consultadas é a seguinte:

- 1) Usa-se "-inho" e "-zinho" em nomes terminados superficialmente em vogais simples, átonas:
 - a) livro - livrinho - livrozinho
cadeira - cadeirinha - cadeirazinha
- 2) Usa-se "-inho":
 1. com palavras terminadas em s ou z, ou por uma dessas consoantes seguida de vogal:
 - a) país - paisinho
 - b) rapaz - rapazinho
 - c) princesa - princesinha
 - d) rosa - rosinha.
- 3) Usa-se "-zinho" com os terminados em sílaba nasal, ditongo, hiato, vogal tônica, r, l, e com os plurais:
 - a) irmão - irmãozinho
herói - heroizinho

- b) baú - bauzinho
- c) café - cafezinho
- d) farol - farolzinho
- e) mulher - mulherzinha
- f) pães(s) + zinhos
funi(s) + zinhos

Alguns autores observam que se usa popularmente o sufixo "-inho", em palavras terminadas em r ou l, como florinha, e mulherinha, mas apenas no uso popular, como já foi visto.

1.1.3. A origem dos diminutivos:

Os autores ²¹ consultados são unânimes em afirmar que os sufixos diminutivos tiveram a sua origem no latim. As gramáticas históricas não estudam o problema em profundidade. Uma informação mais completa encontra-se num artigo de Maurer ²².

A forma inicial do sufixo é -inho, do latim -inus, e era usada para formar adjetivos, derivados de substantivos, como latinus, vicinus, bovinus, caprinus, com várias aplicações.

Teria surgido da linguagem rústica, no emprego com nomes designativos de animais novos (particularmente pullus), para indicar a espécie.

"... estão bem documentados em textos latinos expressões como pullus, asinius, pullus equinus, pullus columbinus, com a omissão do substantivo pullus em época antiga - o adjetivo substantivava-se, donde surgem as formas columbinus (pombinho), lupinus (lobinho) etc".

A princípio, servia para designar sō animais novos e, mais tarde, passou a constituir-se um sufixo diminutivo, de valor geral. Hoje temos livrinho, casinha, mesinha, etc. (mesmo não sendo animais), ao lado de gatinho, lobinho (que são animais).

Ribeiro²³ nos informa que o -z foi incluído entre a palavra e o sufixo, por duas razões:

- 1) por eufonia, no caso de o vocábulo primitivo terminar em vogal, acentuada ou forte, em som nasal, ou ditongo: "entra nos hábitos da língua intercalar o infix -z- entre a palavra primitiva e o sufixo".
- 2) por analogia, como no caso de florzinha, que figura ao lado da florinha.

1.1.4. As formas básicas dos diminutivos:

Com referência às formas básicas dos diminutivos, a maioria das gramáticas tradicionais²⁴ registra as duas formas, "-inho e -zinho". Pode-se ver um exemplo disto em Rocha Lima:

"O diminutivo sintético expressa-se com os sufixos ito, ulo, culo, ete, ola, im, elho e, sobretudo, inho e zinho. Este último é obrigatório quando o substantivo terminar em vogal tônica ou ditongo: café, pai - cafezinho, pai zinho" (p. 81).

Outros autores, apesar de registrarem as duas formas, costumam tratar o "z" como consoante de ligação. Pode-se observar um exemplo em Cegalla:

"... Usa-se "-zinho": nas palavras...
 usa-se "-inho": em palavras terminadas
 em ...
 Em alguns casos coexistem as duas for-
 mas: colher + inha ou colher + zinha
 ..." (p. 96).

O autor apresenta sobre a consoante "z", o seguinte:

... Vogais e consoantes de ligação são fonemas que se interpõem entre os elementos morfológicos de eufonia, isto é, para facilitar a pronúncia das palavras: silv - i - cola, café - t - eira, pe - z - inho, cha - l - eira..." (p. 54/55).

Outros autores²⁵, em menor número, tratam os diminutivos com uma só forma "-inho" e explicam a existência do z, como um elemento de ligação: Gladstone diz o seguinte, com referência ao assunto:

"O sufixo diminutivo mais comum é -inho, que também pode vir soldado à raiz por meio de uma consoante de ligação (quase sempre (-z-))..." (p. 119).

Em suma, duas posições têm sido tomadas pelas gramáticas tradicionais com referência à forma dos diminutivos mais produtivos no Brasil, "-inho e -zinho".

- 1) há duas formas listadas no léxico, que são distribuídas conforme o contexto fonológico: "-inho e -zinho".
- 2) há uma forma básica "-inho", que se usa em todos os contextos e se introduz uma consoante de ligação, -z-, quando necessário.

1.2. O Tratamento Estrutural

Ao consultar os poucos trabalhos de que se dispõe na linha estruturalista, sobre o português, pôde-se depreender as informações apresentadas a seguir:

Leodegário de Azevedo²⁶ não se detém com o estudo dos diminutivos especificamente.

Há também uma certa confusão quanto ao que ele chama de flexão e derivação. O autor classifica os monemas em lexemas e morfemas (cita Martinet). Leodegário classifica estes últimos em morfemas categóricos (gênero, número, modo, tempo, pessoa, aspecto), morfemas relacionais (conjunções, preposições e posição), e morfemas lexicais (indicam palavras distintas formadas com o mesmo lexema, através de afixos) (p. 57 a 59).

Mais adiante, há um conceito de flexão ("processo de variação da forma vocabular por meio de morfemas categóricos") e de derivação ("processo de se obter novos vocábulos por meio de morfemas lexicais") (p. 58).

Entretanto, a seguir, o autor confunde flexão com derivação, unindo os dois processos num só:

"Em Português, o mecanismo gramatical da flexão se opera na base de morfemas aditivos (sufixos flexionais ou designências) e na base de derivação (sufixo lexical ou derivacional)" (p. 59).

Assim, para Leodegário de Azevedo, a derivação faz parte da flexão (p. 59), mas também é um processo à parte, formador de "nova palavra" (p. 67). O autor não define palavra.

O autor não faz um estudo dos sufixos produtivos na formação de palavras, apenas dá alguns exemplos de palavras deriva-

das com sufixos. Entre elas, papel - papelucho, cujo valor é introduzir uma idéia acessória (p. 67).

Ao falar sobre flexão do substantivo, o autor apresenta o que ele chama de "categoria lingüística de grau":

"Fala-se ainda em variação dimensiva de grau (p. 70) em relação ao substantivo, sempre que ocorrem derivados com idéia aumentativa ou diminutiva... há palavras derivadas mais com valor estilístico do que com valor gramatical propriamente dito".

Aqui o autor se refere à expressão de "conceitos de desprezo ou carinho" dos diminutivos.

Mattoso Câmara ²⁷ dá uma descrição mais aceitável:

"No Português Moderno há uma possibilidade permanente de criação de adjetivos e substantivos na base de certos sufixos particularmente produtivos (p. 216)... A derivação por sufixo também serve para assinalar no nome derivado um grau maior ou menor de dimensão ou intensidade em face do termo primitivo... Os dois sufixos básicos diminutivos em português são: ..."-inho... a aplicação é praticamente irrestrita... e ito..." (p. 224).

"Um e outro apresentam uma variante com -z- inicial, como consoante de certos radicais afinal integrada no sufixo... No Português moderno há sensível preferência por essa variante, que fica em justaposição com o termo primitivo numa locução em que tanto este como o sufixo tem flexão: lobozinho, lobazinha" (p. 225).

Assim, para Mattoso, o diminutivo é um sufixo, que faz parte da derivação e expressa grau. O autor fala em expressão de grau, por meio de sufixo derivacional (processo formador de palavras).

Observou-se que pouco se tem feito até o presente com referência ao estudo dos diminutivos no Português, na linha estruturalista. Os autores consultados limitam-se a falar brevemente no problema, deixando muitas interrogações quanto ao processo de formação de palavras com os diminutivos.

1.3. Os diminutivos como exceções de regras do português:

Foi visto em 1.1.1. como o diminutivo tem um comportamento original com relação à classe de morfemas a que pertence:

- 1) se tratado como flexão de grau, pertence a um tipo de flexão, com sufixos especiais.
- 2) se tratado como elemento formador de palavras, pertence a um sufixo especial (chamado de sufixo de 1ª classe).

Outros casos em que os diminutivos são interpretados como exceções a várias regras do Português são apresentados a seguir:

1.3.1. Fechamento das vogais (ê e ó: [ɛ] e [ɔ]).

Algumas gramáticas costumam afirmar que os derivados com diminutivos "(z)inho" são exceções à regra que fecha a vogal tônica da palavra primitiva. Rocha Lima ²⁸ assim se expressa:

"Observe-se: a) que a simples passagem da posição tônica para a átona determina mecanicamente o fechamento das vogais...:

reta (ē) - retângulo (ē)...

reza (ē) - rezar (ē)

roda (ō) - rodar (ō)...

voto (ō) - votação (ō).

Excetuam-se apenas: ...Os vocábulos de derivados com os sufixos mente, ou (z) inho, (z) ito:

leve (e) - levemente (ē)

café (ē) - cafezinho (ē)

mole (ō) - molemente (ō)

sō (ō) - sozinho (ō)... (p. 28).

1.3.2. Gênero e número.

Sabe-se que o nome, em português, ao receber um sufixo derivacional, passa a ter as flexões de gênero e número, depois do sufixo. Por exemplo, a palavra irmã pode flexionar em gênero e número: irmão, irmãs, irmãos. Os derivados com sufixos terão a flexão de gênero e número colocados depois do sufixo: em irmanado, pode-se obter a palavra flexionada, irmanados, irmanadas, irmanada, isto é, a estrutura dos nomes é a seguinte: Tema (Sufixo) + (flexão). Observe que o sufixo e a flexão são opcionais.

No entanto, com os sufixos diminutivos, o nome primitivo conserva a sua flexão de gênero e/ou número e o sufixo derivacional deverá concordar com o nome, em gênero e número. Funciona, o diminutivo, como um adjetivo no português? Com a palavra irmã mais o sufixo zinho temos as seguintes flexões (gênero e número): irmãozinho, irmãzinha, irmão(s) zinhos, irmã(s) zinhas. A estrutura com diminutivos será outra: Tema + flexão # Tema + flexão,

onde cada tema pode ter um ou mais sufixos derivacionais.

Sobre isso observa Mattoso Câmara ²⁹ que "zinho" constitui uma exceção com relação ao gênero:

"Na sua adjunção à palavra primitiva, a vogal do tema primitivo pode desaparecer pela regra morfofonêmica geral da supressão de uma vogal átona em contacto com outra vogal... (ex.: lobinho de lobo) ou reduzir-se e tornar-se in-característica como...

"Vogal de ligação" entre o radical e a consoante inicial do sufixo (ex.: amenidade, de ameno + dade, com a redução de o-para-i). Isso quando há aglutinação. A justaposição, como acontece com o sufixo -zinho, cria uma locução, em que o vocabulo fonológico corresponde te a palavra primitiva tem sua flexão ao lado da flexão no sufixo (c. lobazinha, com a desinência de feminino em loba como em -zinha".

Com relação ao gênero, observa-se que os autores não explicam porque os diminutivos dos nomes masculinos terminados em a concordam em gênero com o nome (mapazinho), mas recebem um a quando o sufixo é "-inho" (mapinha).

Leite de Vasconcelos ³⁰ assim se refere aos plurais dos diminutivos como exceção da regra:

"... há um sufixo singular que se junta a um tema singular e um sufixo do plural que se junta a um tema do plural: ... pão e sol... são temas de plural... isto é, o plural não se forma do singular, cada uma destas flexões é independente de outra..." (p. 200).

Assim temos: pão + zinho, pães + zinhos; sol + zinho, sois + zinhos.

Formalmente obtém-se palavra composta como em couves(s)

- flor(res) ou, locução adjetiva como: casas amarelas.

1.3.3. O aspecto semântico.

A maioria dos gramáticos costuma considerar os sufixos como morfemas vazios de significação³¹.

Câmara³² afirma que na raiz (lexema), à qual se acrescenta um sufixo, o significado básico da raiz não muda, de um modo geral. "Os sufixos derivacionais ampliam a raiz, no que se chama radical". Para o autor existe radical de primeiro grau, segundo, terceiro, conforme se apresente só a raiz ou um ou mais sufixos derivacionais respectivamente).

Em nota de rodapé, o autor apresenta os diminutivos com portando-se diferente, em relação aos demais sufixos, sobre o aspecto semântico.

"Em todos os derivados o semantema da raiz permanece válido. Outras vezes, como nos diminutivos, nele se insinua uma noção suplementar (ex.: livrinho, um "livro" que é "pequeno" (p. 57)).

1.3.4. O acento.

Vários autores têm observado o comportamento original dos diminutivos, em relação ao acento da palavra. Aliás, a própria regra ortográfica oficial do acento no Brasil, (antes de 1971) mandava assinalar, com acento grave, a sílaba sub-tônica dos

diminutivos com "-zinho"³³.

"Mantêm-se o acento circunflexo e o til do primeiro elemento... nos derivados em que figuram sufixos precedidos do infixo Z (zada, zal, zeiro, zinho, zista, zito, ... e o acento agudo do primeiro elemento passará a ser acento grave... avôzinha... faisczinha, sô-zinho, somente..." (p. 64).

Ribeiro³⁴ observa que na palavra florzinha há dois acentos: o primário, tônico ou dominante, que incide sobre a sílaba zi do sufixo, e o secundário, ou sub-tônico, "subdominante", que recai no radical flor. Ao passo que, em florinha, há apenas um acento dominante ou tônico" (p. 281).

1.4. Considerações Finais

1.4.1. Classificação.

Com relação à classificação dos diminutivos, observou-se que eles têm sido considerados, ora como sufixos flexionais, formadores de grau, ora como sufixos derivacionais, formadores de palavras novas, havendo, em certos casos, confusão entre dizer que há flexão de grau e relacionar os diminutivos entre os sufixos derivacionais.

Entretanto há argumentos suficientes para se afirmar que a expressão de "grau" não é um processo flexional em português. Esta confusão é feita pela transposição de um aspecto da gramática latina para a gramática do português. Isto é possível dentro dos princípios da gramática tradicional, que apela para o

latim, para prescrever as regras gramaticais de nossa língua.

Não se pretendendo esgotar o assunto que, por si sô, seria motivo para uma tese, pode-se apresentar as razões pelas quais os diminutivos não são sufixos flexionais no português. Usa-se para isso as palavras de Câmara³⁵ que tratou o assunto numa abordagem estruturalista:

"... a expressão do "grau" não é um processo gramatical em Português, porque não é um mecanismo obrigatório e coerente, não estabelece paradigmas exaustivos e de termos exclusivos entre si".

Se os diminutivos não são sufixos flexionais, resta admitir-se aqui, preliminarmente, que são sufixos derivacionais, sufixos que se juntam a um nome, para formar palavras novas. Esta é a concepção estruturalista de Mattoso Câmara.

1.4.2. Distribuição.

Quanto à distribuição dos diminutivos, ao se observar o estudo feito sobre as regras das gramáticas tradicionais, obteve-se, em suma, a seguinte informação:

- 1) as duas formas "-zinho" e "-inho" podem ocorrer livremente em palavras terminadas em vogal átona;
- 2) somente "-inho" ocorre em palavras terminadas em s, z, ou em uma dessas consoantes mais vogal;
- 3) somente "-zinho" pode ocorrer diante de nomes terminados em sílaba nasal, ditongo, hiato, vogal tônica,

l, r, e com os plurais.

Ao se observar as palavras que ocorrem somente com "-inho", conforme a gramática tradicional, viu-se que, só a ortografia mostra que o sufixo usado foi "-inho", pois a realização fonética seria a mesma; de admitissemos que a forma usada fosse "zinho". Temos, neste grupo, palavras para exemplificar nossa afirmação:

país + inho = pai [z] inho, ou

país + zinho = pai [z] inho

rapaz + inho = rapa[z] inho, ou

rapaz + zinho = rapa[z] inho

rosa + inha = ro [z] inha, ou

* rosa + zinha = ro [z] inha.

Levada em conta esta observação, pode-se chegar à conclusão de que a forma "-zinho" pode ocorrer com todos os nomes, sendo a mais produtiva portanto (a forma superficial, ? ro[z]inha poderia ser explicada por uma regra de haplologia³⁶ como no português: em bondadoso → bondoso, rosazinha → ? ro[z]inha.

Porém a gramática tradicional, estribada na diacromia, realmente, não pode interpretar desta forma o fato.

Ela se preocupa em relacionar as formas dos sufixos e mal apresenta a sua distribuição. Além disso, baseada na língua escrita, dita normas de uso de acordo com a preferência dos escritores ou preceitos históricos.

A gramática tradicional ignora o aspecto sistemático da língua, que é governada por um conjunto de regras que o falante internaliza e as usa toda vez que fala. Ela não se preocupa em explicar as alterações fonológicas, que ocorrem nas palavras, no processo fonológico derivacional. A descrição é substituída por

um código normativo, com vistas à prática escolar.

Também é falha a abordagem estrutural dada aos sufixos, que, por seus postulados teóricos, e seu método de análise, não permite explicar o processo derivacional, de forma adequada.

Este trabalho tentará apresentar uma solução para o problema, numa abordagem gerativa, onde se procura, nas formas subjacentes, uma explicação para as aparentes irregularidades.

1.4.3. Forma.

Com relação às formas dos diminutivos, são encontradas as seguintes posições nas gramáticas:

- 1) A maioria dos autores tradicionais ³⁷ costuma relacionar as duas formas dos sufixos, "-inho" e "-zinho", como os sufixos diminutivos mais produtivos do português. Desta forma, há duas entradas no léxico, que serão distribuídas, conforme acento e terminação das palavras primitivas.
- 2) Outros autores admitem uma só forma subjacente "-inho", com a inclusão de um -z, em determinados ambientes.

Foi visto também em 1.1.3., nas gramáticas históricas, que, originariamente, a forma dos diminutivos é "-inho"; o z é um elemento estranho ao sufixo, a ele anexado, por eufonia ou analogia.

Numa abordagem estrutural, Mattoso Câmara ³⁸ mantém a mesma posição, considerando "-inho" como a forma básica, que apre

senta uma variante com z inicial, integrada aos sufixos.

Entretanto o autor vê uma tendência para preferir a forma com "-zinho", que fica em justaposição com o termo primitivo, numa locução, em que, tanto este, como o sufixo, têm flexão.

No decorrer desta dissertação, far-se-á uma análise da melhor forma subjacente, numa abordagem gerativa, onde se levanta, além das duas possibilidades aventadas em 1) e 2), uma nova hipótese, ainda não apresentada em trabalho do português, porém deduzida do comportamento dos diminutivos, com base na intuição do falante-ouvinte.

1.4.4. As exceções.

Em suma, os diminutivos são tratados como exceções a várias regras aplicáveis às palavras formadas com sufixos:

- 1.) conservam o timbre aberto das vogais pretônicas [ɛ] [ɔ], quando tônicas na palavra primitiva: r [ɔ] sa - r [ɔ] sinha, mas r [o] seira; p [ɛ] le - p [ɛ] lezinha, mas p [e] lada. (tanto com "-inho" como com "zinho").
- 2.) flexionam em gênero e número, tanto o nome, como o sufixo diminutivo: irmãzinha, irmãozinho, irmãozinhos, mas irmanado, irmanada, irmanados, irmanadas e a concordância do sufixo com o nome de um modo geral não é tratada [o mapinha].
- 3.) o nome conserva o acento vocábulo com um grau 2 de intensidade, com o sufixo "-zinho" cafêzinho, mas cafêzal.

- 4) diferentemente da maioria de outros sufixos da língua, acrescentam uma noção suplementar ao semantema da raiz com o sufixo "-zinho" ou "-inho": livrinho é um "livro" que é "pequeno".
- 5) ora fazem parte de uma flexão especial (com sufixos), ora fazem parte de derivação, mas com sufixos especiais (de 1^a classe).

Será proposto, neste trabalho, dar uma solução ao problema numa abordagem gerativa.

NOTAS DO CAPÍTULO I

1. LIMA, 1974.
2. BECHARA, 1975.
3. CUNHA, Celso, 1975.
4. CEGALLA, 1976.
5. ANDRÉ, 1974.
6. MELLO, 1970.
7. TORRES, s.d.; p. 47.
8. AZEVEDO FILHO, 1969, p. 79.
9. BARBOSA, 1881, p. 83.
10. PEREIRA, 1958.
11. RIBEIRO, 1957.
12. ALI, 1971.
13. ALMEIDA, 1967.
14. BUENO, 1968.
15. CUNHA, Celso, 1975.
16. CEGALLA, 1976.
17. LIMA, 1974.
18. ALMEIDA, 1967.
19. VASCONCELOS, 1961.
20. ALI, 1971.
21. a) RIBEIRO, 1957, p. 281.
b) CUNHA, A Estevam da Costa, 1883, p. 95.
c) COUTINHO, 1972, p. 171.
d) PEREIRA, 1933, p. 214.
e) COUTINHO, 1954, p. 117.
f) CÂMARA, 1976, p. 215.
22. MAURER, s.d. p. 236-237.
23. RIBEIRO, 1957, p. 28.
24. a) LIMA, 1974, p. 81.
b) PEREIRA, 1958, p. 184.
c) ALMEIDA, 1967, p. 122.
d) CUNHA, Celso, 1975, p. 66.
e) VASCONCELOS, 1961, p. 200.
f) BECHARA, 1975, p. 72.

- g) BARBOSA, 1881, p. 83.
h) RIBEIRO, 1957, p. 281.
25. a) SOUSA, Silveira, p. 71.
b) MELLO, 1970, p. 119.
c) ELIAS, 1973, p. 97.
26. AZEVEDO, 1971.
27. CÂMARA, 1976, p. 216-224-225.
28. LIMA, 1974, p. 73.
29. CÂMARA, 1976, p. 215-216.
30. VASCONCELOS, 1961.
31. LIMA, 1974, p. 180-181.
32. CÂMARA, 1971, p. 51.
33. PEREIRA, 1958, p. 64.
34. RIBEIRO, 1957, p. 281.
35. CÂMARA, 1971, p. 48-50. Há vasta argumentação para sustentar que os diminutivos não fazem parte da flexão, mas do processo de formação de palavras, chamado derivação.
36. É uma regra conhecida no português, a haplologia. Como ocorre em bondadoso → bondoso, podemos supor: rosazinha ?rozinha.
37. a) CUNHA, 1975, p. 65.
b) LIMA, 1974, p. 81.
c) ALMEIDA, 1955, p. 122.
d) ALI, 1964, p. 32.
e) CEGALLA, 1976, p. 96.
f) PEREIRA, 1958, p. 99.
38. CÂMARA, 1976, p. 224.

CAPÍTULO II

A FONOLOGIA GERATIVA

2.1. Considerações Iniciais.

Neste capítulo serão apresentados alguns pressupostos básicos em Fonologia Gerativa, necessários para o desenvolvimento do trabalho.

Após considerações iniciais sobre o modelo "Standard" da Gramática Gerativa e a situação do componente fonológico na mesma, serão desenvolvidos alguns pontos considerados relevantes tais como: as regras de reajustamento, o grau de abstração das representações fonológicas, os traços fonéticos e fonológicos, as regras do componente fonológico e a ordenação de regras.

Em 1957, Noam Chomsky apresentou uma teoria, que revolucionou os estudos lingüísticos da época, com a publicação de "Syntactic Structures". Esta teoria foi ampliada em 1965, pelo autor, em "Aspects of the Theory of Syntax".

Estes dois trabalhos enfatizavam o componente sintático da gramática neste período primordial do desenvolvimento da teoria gerativa.

Em 1968, entretanto, as atenções dos lingüistas se voltaram para a Fonologia que enfatizava o componente fonológico da gramática. Neste ano, Chomsky e Halle apresentaram uma síntese da teoria fonológica, desenvolvida até aquela data, no trabalho intitulado "The Sound Pattern of English", que marcou uma nova era na Gramática Gerativa Transformacional.

Nesta época, portanto, deu-se ênfase ao componente fonológico da gramática e pouco se fez com referência à morfologia, embora a mesma fosse reconhecida potencialmente produtiva.

Enquanto esta nova teoria denominada "Standard" se desenvolvia plenamente, o componente fonológico da gramática era constituído de um só tipo de regras, chamadas regras fonológicas¹.

Estudos desenvolvidos posteriormente² têm observado que muitas regras do componente fonológico resultam de processos motivados morfológicamente, ao lado dos processos motivados fonologicamente. E a aplicação destes dois tipos de regras, indistintamente, tem acarretado problemas para explicar as mudanças fonológicas e se obter a representação fonética de uma maneira natural.

Observou-se também que há um tipo de regras consideradas de reajustamento na teoria "Standard"³ que por suas características (mudança fonológica em contexto de morfema) ficam melhor agrupadas no componente fonológico, entre as regras morfológicas.

A caracterização das regras morfológicas em Português e a sua posição no componente fonológico constitui um dos pontos deste trabalho, com os diminutivos.

Por outro lado, a teoria "Standard", numa tentativa de alcançar uma descrição mais explanatória, mais simples e mais generalizante, conduzia os lingüistas a uma abstração cada vez maior das formas lexicais⁴, a ponto desta abstração ser objeto de controvérsia por parte dos lingüistas que passaram a defender uma posição menos abstrata.

A discussão em torno do assunto "concreto" x "abstrato" teria surgido com o artigo de Kipassky⁵ que reprovava as práticas "abstratas" abusivas e perigosas para a teoria fonológica.

Dos poucos trabalhos sobre o português, há alguns que apresentam uma solução abstrata: Hensey (1967), Saciuk (1970) e Brasington (1971), e uma tese de doutoramento de Matheus (1965).

Uma solução concreta para o Português é encontrada em Yone Leite (1974), e Pagliarini (1977). O trabalho ora apresenta do sobre os diminutivos propõe uma solução menos abstrata, onde se procuram explicações mais naturais do que as da teoria "Standard", porém não se distanciando totalmente desta teoria. Alguns pontos serão apenas mais desenvolvidos com base nos trabalhos de outros pesquisadores, cujas contribuições serão apresentadas no decorrer deste capítulo. Muitas questões em Fonologia Gerativa foram deixadas em aberto por Chomsky e Halle onde os autores levantaram hipóteses e sugeriram possíveis soluções.

2.2. A situação do componente fonológico no Modelo "Standard".

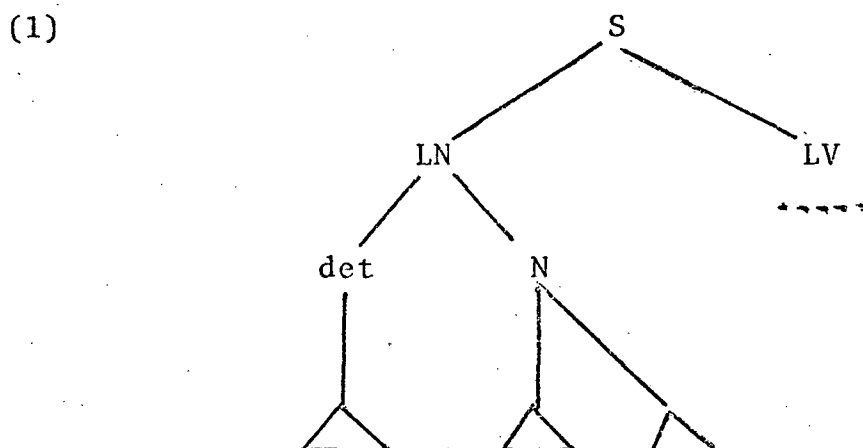
Segundo Chomsky ⁶, uma gramática é formada por três componentes básicos: o componente sintático, o componente semântico e o componente fonológico.

O componente sintático é formado pelo sub-componente de base e o sub-componente transformacional.

O sub-componente de base compreende o sub-componente categorial, o léxico e as regras de inserção lexical.

A função do sub-componente categorial é especificar os padrões básicos das sentenças da língua, através das regras categoriais, gerando os símbolos postiços que serão substituídos pelos itens lexicais apropriados.

A representação em (1) mostra os símbolos postiços gerados pelas regras do componente categorial.



O lêxico é formado por um número finito de morfemas compostos por traços de três tipos: traços sintáticos, semânticos e fonológicos.

As regras de inserção lexical substituem os símbolos postiços (Δ) gerados pelo sub-componente categorial, pelos itens lexicais apropriados, especificados pelos traços do léxico. As estruturas geradas pelo sub-componente de base (regras categoriais, léxico e regras de inserção lexical) são as estruturas profundas que constituem o "input" para o componente semântico.

A função do componente semântico é fornecer uma interpretação semântica à estrutura profunda.

O sub-componente transformacional é constituído de regras que convertem a estrutura profunda em estrutura de superfície sintática. Entre estas regras podem estar as regras de concordância de gênero e número ⁷.

Regras transformacionais operam a concordância atribuindo ao artigo os mesmos traços de gênero e número do nome.

A estrutura de superfície sintática é formada por dois

tipos de seqüências:

1.) formativos lexicais, como: [l i v r + o] e [i ñ + o] (que são totalmente especificados quanto a suas propriedades sintáticas, semânticas e fonológicas);

2.) categorias sintáticas abstratas como: $\begin{bmatrix} + & \text{def} \\ - & \text{fem} \end{bmatrix}$ e [+ pl]⁸, (formativos gramaticais não especificados quanto a suas propriedades fonológicas).

O conteúdo da estrutura de superfície fonológica é determinado pela aplicação das regras de reajustamento sobre a estrutura de superfície sintática.

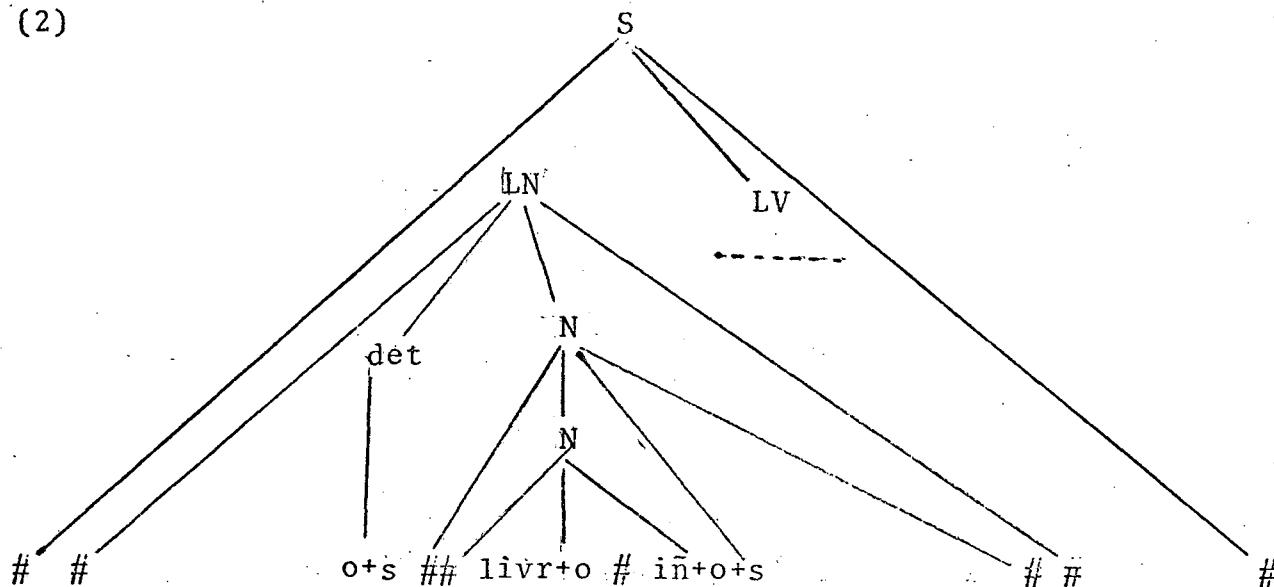
Problemas que surgiriam no componente sintático não estão sendo questionados aqui, no momento em que a preocupação primordial é com as regras do componente fonológico.

As regras de reajustamento⁹ podem operar várias modificações na estrutura de superfície sintática, mas as principais são: a) eliminar estruturas (- pl → \emptyset); b) eliminar formativos gramaticais em favor de matrizes fonológicas (+ pl → s), $\begin{bmatrix} + & \text{def} \\ + & \text{fem} \end{bmatrix}$ → |a|); c) substituir certas junturas de (#) por (+); d) especificar traços fonológicos redundantes.

Depois de aplicadas as regras de reajustamento, manifesta-se a estrutura de superfície fonológica, totalmente especificada com seus traços sintáticos, semânticos e fonológicos, sobre a qual atuarão as regras do componente fonológico do qual nos ocuparemos, mais detalhadamente, adiante.

A representação (2) que segue mostra uma estrutura de superfície fonológica, depois de aplicadas as regras de reajustamento que especificam os formativos gramaticais em traços fonológicos, onde foram incluídos outros detalhes que serão explicados logo depois.

(2)



Esta representação merece uma explicação:

- 1) na teoria "standard", por convenção geral, uma estrutura de superfície sintática traz do léxico a junção de morfema (+) entre o segmento final de um formativo e o segmento inicial do formativo seguinte ¹⁰;
- 2) ainda por convenção geral a junção (#) aparece automaticamente antes e depois de uma palavra e em posição inicial e final de sentença ¹¹.

A árvore em (2) pode ser substituída por uma representação em colchetes rotulados, para maior simplicidade como em (3) :

$$(3) \left[\#_S \left[\#_{LN} \left[\text{det} \left[o+s \right] \text{det} \left[\#_N \left[\#_N \text{livr+o\#} \right]_N \text{in+o+s\#} \right]_N \# \right]_{LN'} \right] \right]_S$$

- 3) há ainda um tipo de regra de reajustamento que pode reanalisar esta estrutura, eliminando, por exemplo, o colchete rotulado depois de $\text{livr+o\#}]_N$ e substituindo o símbolo complexo (#) por (+) para a aplica-

ção das regras fonológicas. É possível, então, se supor uma estrutura fonológica (3) reanalisada como em (4).

(4)

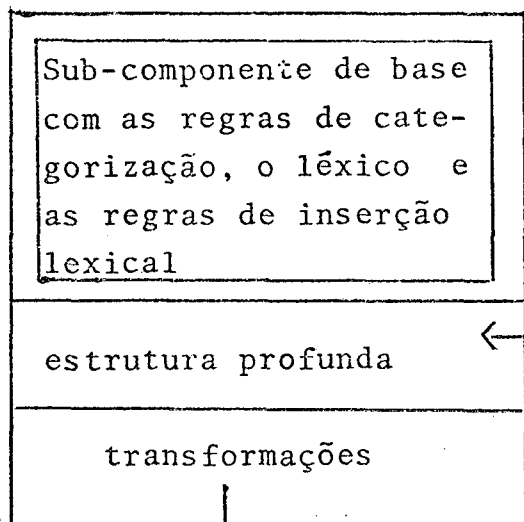
$$\left[\# \left[S \left[\# \left[LN \left[\# \left[\text{det } o + s \right] \text{det } \left[\# \left[\text{livr} + o + i\tilde{n} + o + s \right] \# \right] N \# \right] LN \# \right] S \right. \right. \right.$$

Sobre esta estrutura de superfície fonológica, aplicam-se as regras do componente fonológico, transformando-a na estrutura de superfície fonética [lĩvrĩnuš].

Em linhas gerais, uma gramática, nos termos da teoria "Standard", conforme foi delineada neste capítulo, pode ser representada no seguinte esquema:

FIGURA 1: A Teoria Standard

A. Componente Sintático

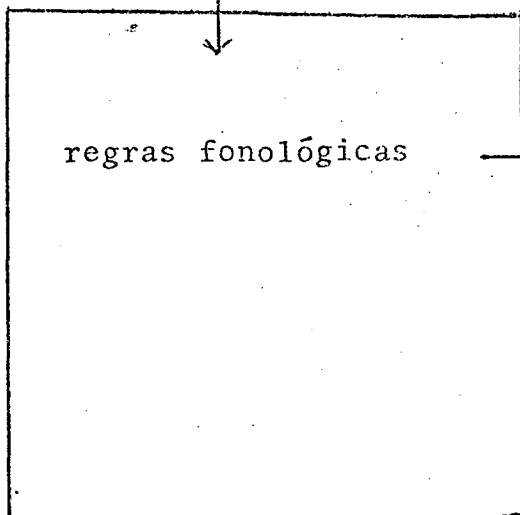


estrutura de superfície sintática com representação lexical.

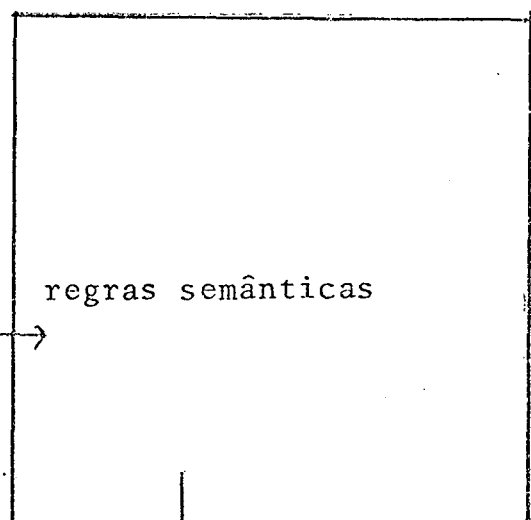
regras de reajustamento

estrutura de superfície fonológica com representação fonológica

C. Componente Fonológico



B. Componente Semântico



interpretação semântica

representação fonética

NOTA: O componente fonológico sofrerá uma subdivisão a partir de estudos desenvolvidos por outros lingüistas.

2.3. Considerações críticas e algumas proposições:

2.3.1. As regras de reajustamento:

Vale aqui uma observação com relação às regras de reajustamento que não têm uma posição definida dentro da gramática, isto é, dentro do conjunto dos componentes integrantes da gramática. Se esta última é formada por três componentes (o sintático, o semântico e o fonológico), naturalmente era de se esperar que as regras de reajustamento, como parte da gramática, deveriam integrar um destes três componentes, mas isto não ocorre; assim a função destas regras de reajustamento é relacionar a estrutura de superfície sintática (saída do componente sintático) com a estrutura de superfície fonológica (entrada do componente fonológico). Elas estão, por assim dizer, do "lado de fora" de qualquer componente da gramática, portanto, "fora da mesma".

À página 382, Chomsky se refere a um componente de reajustamento¹² o que parece uma incoerência com a afirmação de que a gramática é composta por apenas três componentes já citados anteriormente. Formariam, as regras de reajustamento, um quarto componente da gramática, para haver coerência com a necessidade de sua existência.

Como o relevante, neste trabalho, não é definir o lugar de todas as regras de reajustamento, cabe, aqui, apenas este comentário, onde se pretende deixar claro é que estas regras de reajustamento se fazem necessárias, pelo menos enquanto estudos posteriores não provarem o contrário. A definição de seu lugar na gramática será discutida em trabalho posterior.

No momento, apenas se pretende propor que algumas regras, consideradas como de reajustamento, na teoria "Standard", por suas características especiais, devam integrar o componente fonológico da gramática.

Segundo Chomsky (1968: 10-13), as regras de reajustamento podem fazer várias modificações na estrutura de superfície sintática. As mais importantes são:

a) modificar a estrutura em várias formas "ad hoc", de marcando-a em frases fonológicas, eliminando alguma estrutura e recolocando alguma ocorrência de (#) por (+) para aplicação das regras do componente fonológico.

b) especificar com traços fonológicos um formativo gramatical abstrato. Um exemplo citado pelo autor, substitui o formativo gramatical [past] por d:

$$(5) \quad \left[\begin{array}{c} \\ v \end{array} \right] \left[\begin{array}{c} \\ v \end{array} \right] \text{past} \left[\begin{array}{c} \\ v \end{array} \right]$$

Onde past é um formante com uma estrutura de traços abstrata, introduzida por regras sintáticas. Uma regra de reajustamento pode substituir past por d (past → d) manifestando-se a estrutura fonológica $\left[\begin{array}{c} \\ v \end{array} \left[\begin{array}{c} \\ v \end{array} \text{mend} \right] \begin{array}{c} \\ v \end{array} \text{d} \right] \begin{array}{c} \\ v \end{array} \cdot$

c) elas podem especificar formativos deriváveis (p.223-224), (vide nota 3 neste trabalho):

$$(6) \quad t \rightarrow d \quad / \quad \left\{ \begin{array}{l} \text{mi} \quad \text{---} \quad + \text{ive} \\ \text{ver} \quad \text{---} \quad + \text{ion} \end{array} \right\}$$

Com respeito a este último tipo de regras, que produzem

uma mudança de traços fonológicos, em determinados ambientes de morfemas (formativos) neste trabalho se supõe que as mesmas passem a fazer parte do componente fonológico, entre as regras de um sub-componente morfológico de que será tratado mais adiante.

O termo "especificar formativos" fica reservado para as regras de reajustamento, que substituem um símbolo abstrato por traços fonológicos ($[+ \text{past}] \rightarrow d$), ou ($[+ \text{pl}] \rightarrow s$).

Aqui em (8), o que realmente existe, não é especificação de traços, mas mudança de traços, o que em muito difere: o dado fonológico | t | de | mit | anteriormente especificado por

+	cons
+	ant
+	cor
+	son
-	nas

, sofre uma mudança fonológica, em que o traço $[-\text{son}]$

passa a $[+\text{son}]$ condicionado pelo morfema | + ive | que o segue. A presença da juntura (+) acompanhada de um morfema (formativo, na nomenclatura de Chomsky e Halle) é o que irá caracterizar um tipo de regra morfológica neste trabalho.

As regras morfológicas fazem parte da morfologia derivacional, pois são determinadas por processos derivacionais próprios de cada língua. Elas operam uma mudança fonológica de um dado morfema em contexto de morfemas específicos que pertencem a uma classe (classe dos verbos, classe dos nomes, classe de sufixos, etc)... Não há uma motivação fonológica natural para tal mudança.

d) as regras de reajustamento podem também eliminar estruturas (queda de nós nas representações em árvore; ou pares de colchetes nas representações em colchetes rotulados). Um exemplo apresentado por Chomsky é a eliminação de $[\text{past}]$ na sequência $[_V [\text{sing}] _V \text{past}]$, onde $[\text{past}] \rightarrow \emptyset$, e o colchete mais

interno é eliminado, obtendo-se a seqüência $[\text{ s } * \text{ ng}]_{\text{V}}$ e o símbolo $| * |$ é substituído por $| \mathcal{R} |$, através da uma "regra fonológica posterior".

O uso de símbolos abstratos como $| * |$ subjacentes que nunca ocorrem na superfície fonética não serão permitidos neste trabalho. Se $| \text{ s } * \text{ ng } |$ fosse uma estrutura pronta para a aplicação do componente fonológico, deveria já estar totalmente especificada quanto aos traços fonológicos. Além disso, uma regra que especifique o símbolo abstrato $| * |$ em seus traços fonológicos como os de $| \mathcal{R} |$ não é uma regra do componente fonológico, cuja única função deve ser a de mudar traços e não de especificá-los. Também não seria muito natural, como regra fonológica, pois não há motivação fonológica. O que parece ocorrer é um condicionamento morfológico onde $i \rightarrow \mathcal{R}$, pela queda do morfema de passado. Incluindo no componente fonológico, um sub-componente de regras motivadas morfológicamente, é possível se obter regras mais naturais, condicionadas fonologicamente, para um sub-componente fonológico deste mesmo componente.

Em resumo, será excluída, neste trabalho das regras de reajustamento, toda mudança fonológica, condicionada por contexto de outros morfemas. Estas regras farão parte do sub-componente morfológico, integrado no componente fonológico da gramática, que se rão apresentadas em 2.3.4.

2.3.2. As regras do componente fonológico.

O componente fonológico na teoria "Standard" é constituído de um só tipo de regras chamadas fonológicas. Embora estas re-

gras representem processos fonológicos condicionados, às vezes fonologicamente e, outras vezes, morfolologicamente, não há distinção entre estes dois tipos de regras.

Este procedimento leva o lingüista a apresentar soluções muitas vezes "forçadas", longe de refletirem processos fonológicos naturais na formulação das regras fonológicas.

Um trabalho sobre o português foi muito bem apresentado por Yone Leite (1974), onde a autora mostra a necessidade de se explicar os fatos fonológicos da língua com o auxílio de regras motivadas morfolologicamente ¹³.

Estudos desenvolvidos ¹⁴ atualmente têm sugerido a distinção entre estes dois tipos de processos e demonstrado a conveniência de se dividir o componente fonológico em dois sub-componentes: um sub-componente morfológico, constituído de regras motivadas morfolologicamente, e um sub-componente fonológico, constituído de regras motivadas fonologicamente.

Em trabalho recente de tese de mestrado defendida na UFSC, Florianópolis, Maria Inês Pagliarini, num tratamento fonológico gerativo das formas verbais do português, propôs a divisão, acima, do componente fonológico da gramática ¹⁵.

A autora resenhou vários trabalhos sobre o assunto, entre eles, Shane (1975), Chomsky (1971), Cearley (1975), Warburton (1975). A seguir, comparou algumas afirmações conflitantes com referência a caracterização das regras morfológicas, concluindo que elas são necessárias para se explicar as aparentes irregularidades de superfície das formas verbais no Português, e sugerindo estudos com palavras derivadas (Radical + sufixo) nesta língua.

Pagliarini (p. 45-46) conclui que, contrariamente ao que afirma Cearley, Warburton evidencia que a morfolologização de

uma regra fonológica:

- 1.) não introduz necessariamente irregularidade na língua;
- 2.) nunca converte um segmento subjacente em outro;
- 3.) os falantes não estão conscientes de tal regra.

Por outro lado, Warburton concorda com a proposição de Cearley que as regras morfológicas:

- 1.) nunca interferem na aprendizagem de uma língua estrangeira;
- 2.) nunca afetam palavras emprestadas;
- 3.) resistem a dialeção:

Não raro, irregularidades morfológicas aparentes vêm a ser fenômenos completamente regulares quando examinados cuidadosamente em relação a todo o sistema fonológico. Para se penetrar nos padrões morfológicos de uma língua, não é suficiente se examinar os dados fonéticos exclusivamente, mas se considerar o sistema fonológico, como uma série integrada de regras, que se aplicam a representações subjacentes, às vezes abstratas.

As regras morfológicas são determinadas pelos processos derivacionais próprios de cada língua.

Uma regra morfológica pode ser regular e, portanto estável e persistente por um longo período de tempo, ou irregular e, portanto instável e propensa à extinção.

As regras morfológicas regulares diferem das regras morfológicas irregulares porque, nas primeiras, os traços envolvidos se referem a uma classe natural de itens, isto é, traços que podem ser assumidos por um traço morfológico único: [passado], [plural], [verbo] etc... independentemente de motivação fonológica.

Estas regras morfológicas não complicam a gramática e são ordenadas antes das regras fonológicas.

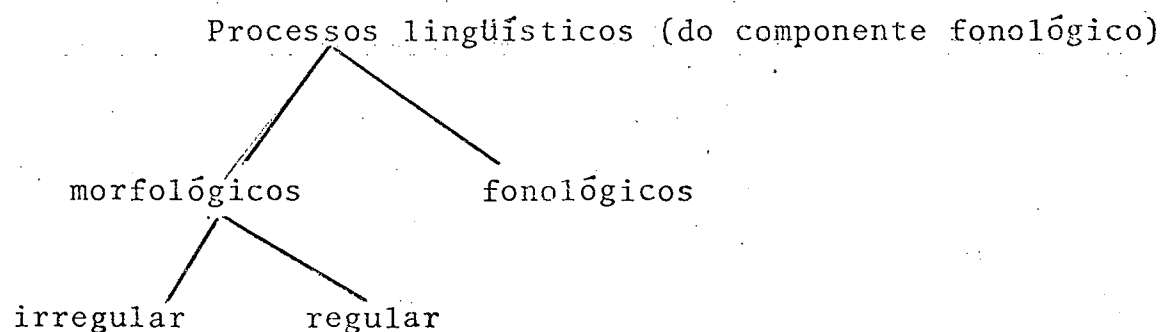
Com base na posição de Warburton, Pagliarini (p. 45) sugeriu a formalização de uma regra morfológica, de queda da vogal temática dos verbos: a regra a seguir seria uma regra fonológica na teoria "Standard":

$$(7) \quad V \rightarrow \emptyset / + \text{---} + V \quad]_{Vb}$$

Todos os itens que saírem do componente sintático com V_b adstrito a suas matrizes, estão sujeitas a aplicabilidade desta regra, salvo poucas exceções.

As regras morfológicas irregulares, na concepção de Pagliarini são as que têm adstrito, a seu contexto, traços como [+ nativo] ou [+ erudito].

O esquema apresentado por Pagliarini (p. 116), com respeito às regras do componente fonológico é o seguinte:



Em resumo, aceitando a proposição acima, este trabalho considera o componente fonológico subdividido em dois sub-componentes onde os dois tipos de regras serão caracterizados como segue:

1) as regras do sub-componente fonológico representam processos de mudança fonológica, condicionados fonologicamente por segmentos ou seqüências de segmentos.

Nestas regras não deve entrar a juntura de morfema (+), porque as mudanças fonológicas que ocorrem com sua ausência também ocorrem com sua presença¹⁶. Quer dizer que a presença de um limite de morfema numa seqüência fonológica, ao contrário, por exemplo, de limite de palavra, não possui a função de bloquear uma regra fonológica. Daí a convenção geral segundo a qual o limite de morfema não é mencionado explicitamente se a sua presença eventual não bloqueia a regra fonológica mas, por outro lado, o limite de morfema pode possuir a função de condicionar uma regra fonológica. É diferente, a função de bloquear ou de condicionar. E, nesse caso, a sua presença, naturalmente é obrigatória e pertinente

2) as regras do sub-componente morfológico representam processos de mudança fonológica em contexto de determinadas classes de morfemas. As regras morfológicas caracterizam-se, pois, pela presença de morfema acompanhado da juntura (+)¹⁷, ou de traços de categorias tais como, N, V, determinados sufixos, explícitos na regra, etc. A regra, a seguir, é uma regra morfológica porque elimina o |1| antes de uma vogal temática de um nome (N) seguido de morfema de plural. (1 → ∅ / — + 1 + s).

$$(8) \quad \begin{array}{c} C \\ \left[\begin{array}{l} + \text{ alt} \\ + \text{ ant} \end{array} \right] \end{array} \rightarrow \emptyset / \text{ — } + \begin{array}{c} V \\ \left[\begin{array}{l} + \text{ ant} \\ + \text{ alt} \end{array} \right] + s \end{array}]_N$$

Esta regra não é condicionada fonologicamente.

Ela elimina o |l| em nomes como |kanal+is| |kãnājs| mas conserva o |l| quando não há morfema de plural explícito. Em |kanal+i|, no singular o |l| não cai.

A regra a seguir é uma regra fonológica porque o condicionamento é fonológico, não precisando de contexto de morfema acompanhado da junção (+), ou outros tipos de categorias explícitas na mesma.

$$(9) \quad (i \rightarrow \emptyset / \left. \begin{array}{c} l \\ r \\ z \end{array} \right\} \text{ — } \#)$$

$$\begin{array}{c} V \\ \left[\begin{array}{c} + \text{ alt} \\ - \text{ post} \end{array} \right] \end{array} \rightarrow \emptyset / \begin{array}{c} C \\ \left[\begin{array}{c} + \text{ cont} \\ + \text{ ant} \\ + \text{ cor} \\ + \text{ son} \end{array} \right] \end{array} \text{ — } \#$$

O ambiente em posição final de palavras, precedido de |l, r, z| é puramente fonológico, sendo, a presença de (#) necessária nas regras, porque as mudanças fonológicas que ocorrem com sua presença, ocorrem também em sua ausência.

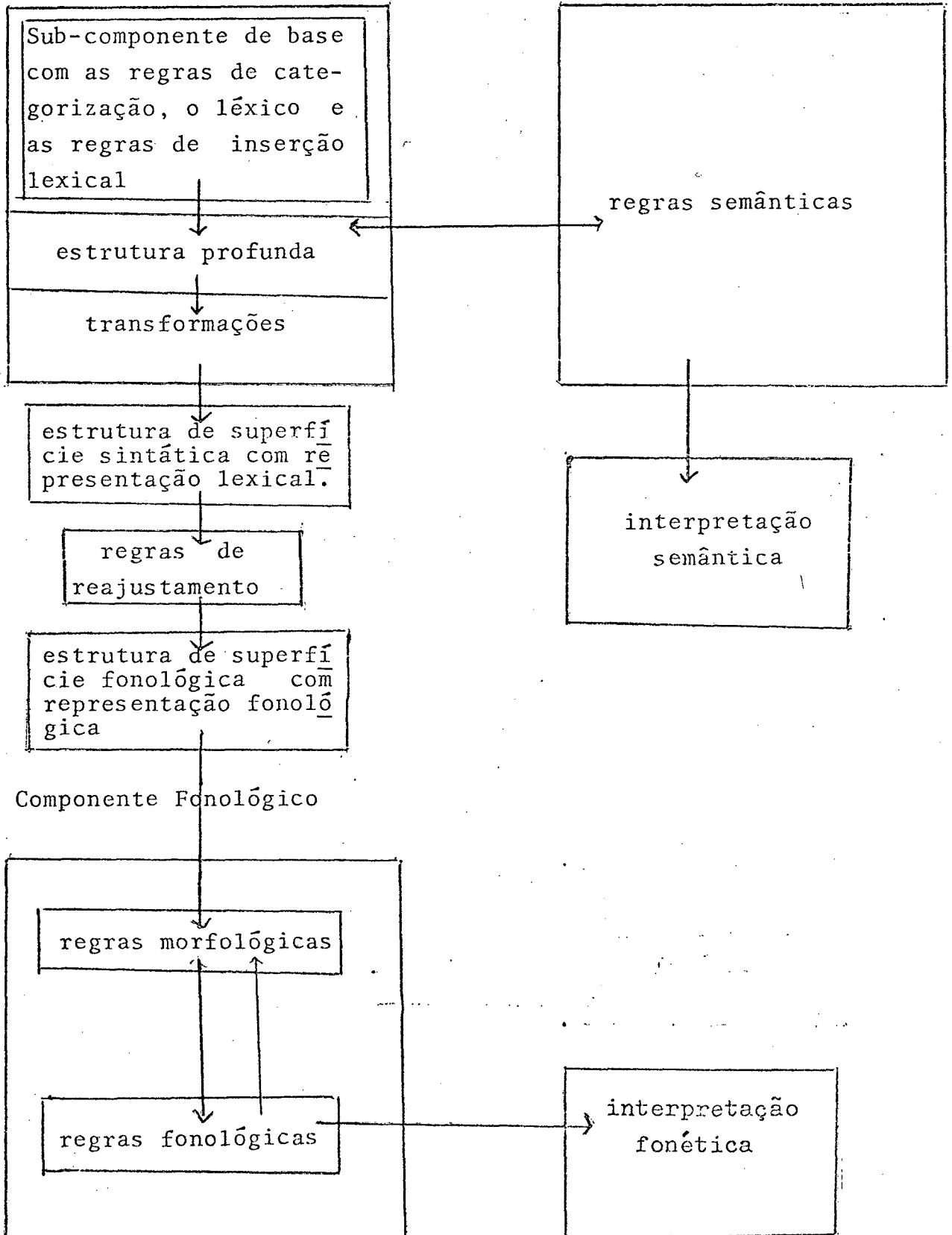
Esta regra elimina o |i| em posição final de palavra quando precedida por |l, r ou z| em palavras como |kanali| → [kanāɫ], |mari| → [mār], |řapazi| → [rapāš].

Como foi afirmado no início deste capítulo, a posição assumida neste trabalho não afeta totalmente a teoria "Standard", mas a desenvolve bastante em alguns pontos. Na formalização da gramática apenas se distingue dois tipos de regras no componente fonológico para maior naturalidade das regras.

FIGURA 2: Modelo de Gramática que se vem delineando na literatura lingüística mais natural.

A. Componente Sintático

B. Componente Semântico



2.3.3. A ordenação das regras:

Diz-se que as regras fonológicas são ordenadas, quando a aplicação das mesmas, em uma dada ordem, resulta em uma representação fonética diferente daquela representação que se poderia obter pela aplicação das mesmas regras numa ordem diversa.

Em fonologia gerativa, há várias posições com respeito à ordenação das regras.

1) As regras fonológicas são ordenadas extrinsecamente - isto é, a ordenação é governada por princípios impostos por uma língua específica.

2) As regras fonológicas são ordenadas intrinsecamente - isto é, a ordenação é governada por princípios universais ¹⁸.

3) As regras fonológicas podem ser parcialmente ordenadas. Para Schane (1973: 122), ao fazer a listagem das regras, coloca-se algumas regras antes de outras, mas isto não deve ser confundido com o significado técnico das regras ordenadas. Na verdade as regras fonológicas são parcialmente ordenadas ¹⁹.

4) As regras fonológicas podem ser ordenadas ciclicamente por um princípio universal ²⁰ do ciclo transformacional.

Segundo Chomsky e Halle (1968:60) as regras são linearmente ordenadas e aplicadas numa dada ordem na derivação. Esta ordem é cíclica. O componente sintático gera uma estrutura de superfície representada por colchetes rotulados. A seqüência de regras fonológicas se aplica aos constituintes mais internos da série. Os colchetes mais internos são eliminados e a seqüência se aplica

ao novo constituinte mais interno da seqüência toda. Esta aplicação é repetida até que todos os colchetes sejam eliminados. Dentro de cada ciclo, no contexto / ## — ##, as regras podem ser aplicadas conjuntivamente ou disjuntivamente.

A ordenação extrínseca das regras fonológicas tem as seguintes características:

- a) as regras podem ser formuladas disjuntivamente ordenadas (Chomsky e Halle, 1968: 60)²¹; (Schane, 1975:123).
- b) as regras podem ser ordenadas conjuntivamente (Chomsky e Halle, 1968:60); (Schane, 1975:124).
- c) cada regra só pode ser aplicada uma vez num determinado ponto da derivação, antes ou depois de determinada regra (Schane, 1975:120).
- d) a aplicação das regras é feita em seqüência, onde o "imput" de cada regra se realiza no "output" da regra anterior, que se prestará para o "imput" da regra seguinte²².
- e) as variações dialetais são conseqüências de ordenação de regras. Vários casos de dialetos contêm as mesmas formas subjacentes e as mesmas regras, porém a ordenação destas regras é diferente em cada dialeto (Chomsky e Halle, 1968:342)²³, (Schane, 1975:118).

A maior vantagem apresentada a uma teoria de ordenação extrínseca consiste no fato das significantes generalizações linguísticas que possibilitam tal ordenação. (Schane, 1975:122), (Chomsky e Halle, 1968:342)²⁴.

Entretanto várias críticas têm sido feitas à teoria de ordenação extrínseca por seu caráter pouco natural, enquanto se afirma que qualquer fato fonológico que pode ser tratado por meio

de uma ordenação extrínseca pode também ser tratado, com menor ou maior generalidade, através de uma ordenação intrínseca, muito mais natural.

Em recente trabalho ²⁵ sobre a fonologia do português são discutidos os tipos de ordenação destas regras. Ali, Pagliarini faz uma resenha de trabalhos tais como: de Chomsky e Halle, (1968), Söhane, (1975), Koutsoudas, Sanders & Noll (1974), Asheley, (1974) e apresenta evidências para uma ordenação intrínseca através dos argumentos desenvolvidos pelos dois últimos lingüistas citados. Para maiores detalhes, vide Pagliarini, 1977:46-56.

Os argumentos apresentados pelos defensores da ordenação intrínseca são governados por princípios universais da linguagem.

As principais conclusões a respeito do assunto são (p. 55-56):

- 1) Não haverá possíveis línguas naturais ou dialetos que se diferenciam somente pela ordenação de suas regras. As línguas ou dialetos diferem porque suas gramáticas são diferentes e não porque suas regras se aplicam em ordem diversa.
- 2) Os fatos tratados pela ordenação extrínseca de forma "ad hoc" podem ser tratados por ordenação intrínseca, embora de forma não tão simples às vezes, mas sempre com muito mais naturalidade.
- 3) As teorias de ordenação intrínseca obrigam o lingüista a procurar princípios explicativos gerais, buscando generalizações lingüísticas significativas, parcialmente abandonadas nas teorias extrínsecas, voltadas principalmente para o aspecto formal das gramáticas.

A ordenação intrínseca tem sido caracterizada pelos linguistas que defendem esta posição de forma praticamente oposta à ordenação extrínseca.

Neste ponto parece conveniente um paralelo sobre os dois tipos de ordenação discutidas:

<u>Ordenação extrínseca</u>		<u>Ordenação intrínseca</u>
a) aplicação disjuntiva	X	a) "o princípio da precedência da inclusão".
b) aplicação conjuntiva	X	b) aplicação simultânea.
c) aplicação de uma regra somente uma vez em um ponto da derivação.	X	c) aplicação de uma regra tantas vezes quantas sua descrição estrutural o permitir.
d) aplicação sequencial.	X	d) aplicação sequencial.
e) as variações dialetais são conseqüências da reordenação das mesmas regras.	X	e) as variações dialetais são conseqüências de regras diferentes.

Deixando detalhes irrelevantes que poderão ser consultados em Paglianini, p. 46 a 56, é conveniente que se dê algumas explicações.

- O "princípio da precedência da inclusão" ²⁶ definido por Koutsoudes & Sanders & Noll é o seguinte: Se em uma dada representação que reúne a descrição estrutural de duas regras A e B, a regra A tem precedência de aplicação sobre a regra B, desde que e somente se, a descrição estrutural de A inclui a descrição estrutural de B. Com este princípio é possível dispensar a ordenação disjuntiva.

Por exemplo, a autora cita a regra disjuntiva do acento em francês:

$$V \rightarrow [+ac] / \text{--- } C_0 (\overset{V}{[-tensa]}) \#$$

Com esta regra, se a palavra termina em | ə |, o acento recairá na penúltima sílaba, como em | admirablə |, gerando [admiráblə]; caso contrário, o acento recairá na última sílaba, como em | ami |, gerando [amí].

De acordo com o princípio universal da precedência da inclusão é desnecessário o artifício formal da: notação, (parêntese), usada pelas teorias extrínsecas. Isto porque o contexto da regra (A):

$$(A) \quad V \rightarrow [+ac] / \text{--- } C_0 [\overset{V}{-tensa}] \#$$

inclui a descrição estrutural da regra (B):

$$(B) \quad V \rightarrow [+ac] / \text{--- } C_0 \#$$

De acordo com este princípio é suficiente apenas a regra A, sem os colchetes.

- O princípio da aplicação obrigatória ²⁷ abandona o princípio da ordenação extrínseca em que cada regra só pode aparecer uma vez na derivação. Cada regra obrigatória deve ser aplicada a cada representação em que ela pode ser aplicada e nenhum outro princípio pode prevenir a sua aplicação. Isto é, de acordo com este princípio, as regras se aplicam a toda sequência que satisfaça as suas descrições estruturais, independente do

fato delas já terem ou não aparecido na derivação, porque elas são regras obrigatórias.

- A ordenação conjuntiva pode ser reduzida a uma aplicação simultânea, dispensando-se a necessidade de se especificar qual regra deve se aplicar primeiro. Um exemplo citado do francês, por exemplo: onde as consoantes caem em determinados contextos:

Na sequência #petit+z#gars õ # onde são eliminados o (+) no contexto de / — + c / e o | z |, no contexto de / — #C/, se a queda do | z | se realizar primeiro, não mais haverá uma consoante em seguida à junctura (+) e o | t | final não poderá ser eliminado.

A eliminação de | t | tem a seguinte regra (10)

$$(10) \quad C \rightarrow \phi \quad / \quad \text{---} \quad + \quad C$$

Enquanto a eliminação do z tem a seguinte regra (11)

$$(11) \quad C \rightarrow \phi \quad / \quad \text{---} \quad \# \quad C$$

Shane sugere o uso de chaves para uma aplicação conjuntiva uma vez que as duas regras são obrigatórias.

$$(12) \quad C \rightarrow \phi \quad / \quad \text{---} \quad \left\{ \begin{array}{c} + \\ \# \end{array} \right\} \quad C$$

Entretanto, com a aplicação simultânea sugerida por Paglianini (p. 55), elimina a necessidade de se especificar qual regra deve ser aplicada primeiro.

Em # pa^ti t+z# gars ɔ̃ #
 ↓ ↓
 ø ø

 # pati # gars ɔ̃ #

as regras foram aplicadas simultaneamente, uma vez que as duas são obrigatórias.

Neste trabalho, sugere-se formalizar uma regra transformacional como (13) para a aplicação simultânea da queda das consoantes em francês aqui discutidas:

(13) X C + Z # C
 1 2 3 4 ⇒
 1 ø ø 4

Esta regra expressa o processo fonológico da eliminação das consoantes com muita naturalidade. É uma regra morfológica por que elimina uma consoante diante de morfema de plural e também elimina o próprio morfema de plural. O condicionamento da mudança fonológica é morfológico.

É notório que a ordenação das regras fonológicas continua sendo um assunto polêmico.

Neste trabalho será tomada a seguinte posição com relação à aplicação das regras do componente fonológico.

1) Palavras simples :

- a) as regras morfológicas são aplicadas antes das regras fonológicas (sub-componente morfológico).
- b) a seguir são aplicadas as regras fonológicas (sub-componente fonológico), ordenadas por princípios intrínsecos.

2) Palavras seguidas de sufixos derivacionais:

- a) as regras podem ser aplicadas do mesmo modo como nas palavras simples, se a junção de morfema (+) estiver entre a palavra e o sufixo, expressando que este sufixo não é neutro ²⁸.

$$(14) \left[\#_N \left[\#_N \text{livr+o+iñ+o+s} \# \right]_N \# \right]_N$$

- b) as regras podem ser aplicadas em ciclos ²⁹, se a junção entre a palavra e o sufixo for a junção de sufixo especial (#), onde há também um colchete rotulado com uma categoria $\left]_N \right.$, numa representação, como já foi visto neste trabalho.

$$\left[\#_N \left[\#_N \text{livr+o} \# \right]_N \text{iñ+o+s} \# \right]_N$$

1º ciclo = regras morfológicas e fonológicas em $\left[\# \text{menin+o} \# \right]_N$.

2º ciclo = regras morfológicas e fonológicas em $\left[\# \text{menin+o} \# \text{in+o+s} \right]_N$

onde os parêntesis $\left[\# \right]_N$ mais internos foram eliminados.

3) Palavras compostas:

- a) as regras podem ser aplicadas ao nível da palavra, primeiro nos colchetes mais internos, depois nas seqüências gradativamente maiores. Na seqüência a seguir há dois ciclos.

(15) $\left[\begin{matrix} \# \\ - \\ N \end{matrix} \right] \left[\begin{matrix} \# \\ N \\ \text{menin+o+s\#} \end{matrix} \right] \left[\begin{matrix} \# \\ N \\ \text{zin+o+s\#} \end{matrix} \right] \left[\begin{matrix} \# \\ N \\ \# \end{matrix} \right]$

1º ciclo: regras morfológicas e fonológicas em $\left[\begin{matrix} \# \\ N \\ \text{menin+o+s\#} \end{matrix} \right]$ e $\left[\begin{matrix} \# \\ N \\ \text{zin+o+s\#} \end{matrix} \right]$ ao nível de cada palavra.

2º ciclo: regras morfológicas e fonológicas no conjunto todo onde foram eliminados os parênteses mais internos.

b) as regras podem ser aplicadas em ciclos, da esquerda para a direita, eliminando-se os colchetes mais internos da esquerda, depois da direita, e finalmente de todo o conjunto.

Justaposição em:

$\left[\begin{matrix} \# \\ N \end{matrix} \right] \left[\begin{matrix} \# \\ N \\ \text{kaf\xi+s\#} \end{matrix} \right] \left[\begin{matrix} \# \\ N \\ \text{zin+o+s\#} \end{matrix} \right] \left[\begin{matrix} \# \\ N \\ \# \end{matrix} \right]$

1º ciclo: regras morf. e fonol. em $\left[\begin{matrix} \# \\ N \\ \text{kaf\xi+s\#} \end{matrix} \right]$

2º ciclo: regras morf. e fonol. em $\left[\begin{matrix} \# \\ N \\ \text{zin+o+s\#} \end{matrix} \right]$

3º ciclo: regras sobre todo o conjunto.

Aglutinação em:

$\left[\begin{matrix} \# \\ N \end{matrix} \right] \left[\begin{matrix} \# \\ N \\ \text{menin+o+s\#} \end{matrix} \right] \left[\begin{matrix} \# \\ N \\ \# \\ \text{zin+o+s\#} \end{matrix} \right]$

1º ciclo: regras morf. e fonol. em

$\left[\begin{matrix} \# \\ N \\ \text{menin+o+s\#} \end{matrix} \right]$

2º ciclo: regras morf. em

$$\left[\underset{N}{\#} \text{ziñ+o+s} \underset{N}{\#} \right]$$

3º ciclo: regras morf. e fonol. na seqüência maior toda, depois de eliminados os colchetes dos dois ciclos.

2.3.4. O grau de abstração das representações fonológicas.

A estrutura de superfície fonológica que constitui a entrada do componente fonológico da gramática é uma representação mais abstrata do que a estrutura de superfície fonética.

Desde a publicação de "The Sound Pattern of English" (1968) tem-se discutido o grau de abstração destas representações. A posição defendida por Chomsky e Halle, é muito abstrata, admitindo representações muito distanciadas da forma fonética, tais como segmentos imaginários, totalmente arbitrários.

A posição abstrata apresenta como principais argumentos, uma descrição mais explicativa, mais generalizante e mais simples do que a obtida com representação concreta.

A maior crítica à posição abstrata diz respeito ao uso de segmentos imaginários, usados para distinguir alguns itens lexicais, sujeitos a regras fonológicas distintas, mas que são semelhantes na superfície. Estes segmentos abstratos são convertidos

em outro, ou simplesmente suprimidos, porém nunca aparecem na superfície fonética.

Outra crítica à posição abstrata é a procura de soluções para os problemas, na diacronia, porque as mudanças diacrônicas nem sempre refletem processos atuais internos utilizados pelo falante.

Uma nova tendência, propondo formas subjacentes mais naturais, tem se desenvolvido ultimamente.

As primeiras manifestações menos abstratas, citadas no início deste capítulo, surgiram no trabalho de Kiparsky (1968) que recomendava para as formas subjacentes o seguinte:

- a) o inventário fonêmico sistemático é um sub-grupo do inventário fonético sistemático (há uma relação entre os traços ou segmentos da fonética e fonêmica).
- b) nenhuma regra de absoluta neutralização é permitida em gramática, muito menos se tais regras não exigirem contexto.
- c) cada segmento da forma subjacente de um morfema deve aparecer nesta posição em, pelo menos, um alomorfe deste morfema de superfície.

Uma posição menos abstrata, pendendo para uma fonologia mais natural, será adotada neste trabalho com os diminutivos "-inho" e "-zinho"; mas não será tão "forte" como a posição de Kiparsky. Pois em 72 e 73 o próprio Kiparsky renunciou a sua posição extrema. Por exemplo: ele amenizou a proposição anterior e tolerou casos de neutralização absoluta, que ele acabou considerando não mais como impossível, mas como mais difícil de analisar. Daí o nome de condição "fraca" de alternância.

2.3.5. Os traços fonéticos e fonológicos:

As representações fonológicas das sentenças, assim como as representações lexicais, são seqüências de matrizes classificatórias concatenadas. Estas matrizes são formadas de traços distintivos com a função de classificar cada item lexical de tal forma que ele se distinga dos outros itens da língua. Cada traço não se define em termos de grau, mas num par de categorias opostas, ou dígitos binários, que têm a função de dizer se o traço se faz presente ou não. Estes traços distintivos com função classificatória chamam-se traços fonológicos.

Os traços fonológicos para a construção da matriz fonológica do português são quase os mesmos apresentados por Matheus (p. 17-23), quando trabalhou com o português falado em Portugal.

Aparecem na estrutura de superfície do português consoantes (C), vogal (V) e glide (G):

[C]	é	[+ con - silab]
[V]	é	[- cons + silab]
[G]	é	[- cons - silab]

O símbolo complexo G (glide) é usado neste trabalho para representar os seguintes segmentos, que tem o traço $\begin{bmatrix} - \text{sil} \\ - \text{cons} \end{bmatrix}$:

- 1) quando este segmento resulta de uma vogal subjacente que na derivação perde o traço silábico porque é precedido por uma vogal $\begin{bmatrix} - \text{alt} \\ \alpha \text{ ac} \end{bmatrix}$ como em aããia [aãajɸ] ou que o segue como em quatro [kwátru].
- 2) quando este elemento resulta de sua inserção entre duas vogais, sendo a vogal anterior $\begin{bmatrix} - \text{alt} \\ + \text{ac} \end{bmatrix}$, como

em | broa | → [brōw v̆]. Não foi usada aqui a abreviatura [S] para o símbolo complexo semivogal a fim de evitar confusão com S. de sentença.

São os seguintes os traços fonéticos, utilizados pela autora para a construção da matriz fonológica do português que serão usados neste trabalho:

a) Principais traços de classe:

Soante [soan]

Silábico [silab]

consonântico [cons]

b) Traços relacionados com a cavidade

Coronal [cor]

Anterior [ant]

c) Traços relacionados com a língua:

alto [alt]

baixo [bx]

posterior [post]

d) Traços relacionados com os lábios

arredondado [arr]

e) Aberturas secundárias

nasal [nas]

lateral [lat]

f) Traços relacionados com o modo de articulação:

contínuo [cont]

g) Traços relacionados com o modo de emissão:

sonoro [son]

h) Traços prosódicos:

acento [ac]

Os segmentos fonéticos foram classificados segundo o sistema de Chomsky e Halle da seguinte maneira. Os quadros abaixo são livres de redundância.

1) Vogais:

As vogais no português são classificadas com os traços [soan], [silab], [cons], [alt], [bx], [post] e [arr].

i

+ alt
- post

e

- alt
- bx
- post

ɛ

+ bx
- post

u

+ alt
+ post

o

- alt
- bx
+ post
+ arr

ɔ

+ bx
+ post
+ arr

ɐ

- alt
- bx
+ post
- arr

a^a

+ bx
+ post
- arr

As vogais nasais poderão ser identificadas com o traço [+ nasal], com exceção das baixas que nunca levam o traço nasal.

2) As consoantes em português estão divididas em [+ cont] e [- cont]. As contínuas são identificadas com os

traços [ant], [cor], [son] e [nas].

p	$\begin{bmatrix} + \text{ ant} \\ - \text{ cor} \\ - \text{ son} \\ - \text{ nas} \end{bmatrix}$	b	$\begin{bmatrix} + \text{ ant} \\ - \text{ cor} \\ + \text{ son} \\ - \text{ nas} \end{bmatrix}$	t	$\begin{bmatrix} + \text{ ant} \\ + \text{ cor} \\ - \text{ son} \\ - \text{ nas} \end{bmatrix}$	d	$\begin{bmatrix} + \text{ ant} \\ + \text{ cor} \\ + \text{ son} \\ - \text{ nas} \end{bmatrix}$
k	$\begin{bmatrix} - \text{ ant} \\ - \text{ cor} \\ - \text{ son} \\ - \text{ nas} \end{bmatrix}$	g	$\begin{bmatrix} - \text{ ant} \\ - \text{ cor} \\ + \text{ son} \\ - \text{ nas} \end{bmatrix}$	m	$\begin{bmatrix} + \text{ ant} \\ - \text{ cor} \\ + \text{ son} \\ + \text{ nas} \end{bmatrix}$	n	$\begin{bmatrix} + \text{ ant} \\ + \text{ cor} \\ + \text{ son} \\ + \text{ nas} \end{bmatrix}$
ñ	$\begin{bmatrix} - \text{ ant} \\ + \text{ cor} \\ + \text{ son} \\ + \text{ nas} \end{bmatrix}$						

Os [+cont] são identificados com os traços:

[soant], [ant], [cor], [son] e [lat].

f	$\begin{bmatrix} - \text{ soan} \\ + \text{ ant} \\ - \text{ cor} \\ - \text{ son} \\ - \text{ lat} \end{bmatrix}$	v	$\begin{bmatrix} - \text{ soan} \\ + \text{ ant} \\ - \text{ cor} \\ + \text{ son} \\ - \text{ lat} \end{bmatrix}$	s	$\begin{bmatrix} - \text{ soan} \\ + \text{ ant} \\ + \text{ cor} \\ - \text{ son} \\ - \text{ lat} \end{bmatrix}$	z	$\begin{bmatrix} - \text{ soan} \\ + \text{ ant} \\ + \text{ cor} \\ + \text{ son} \\ - \text{ lat} \end{bmatrix}$
ʃ	$\begin{bmatrix} - \text{ soan} \\ - \text{ ant} \\ + \text{ cor} \\ - \text{ son} \\ - \text{ lat} \end{bmatrix}$	ʒ	$\begin{bmatrix} - \text{ soan} \\ - \text{ ant} \\ + \text{ cor} \\ + \text{ son} \\ - \text{ lat} \end{bmatrix}$	l	$\begin{bmatrix} + \text{ soan} \\ + \text{ ant} \\ + \text{ cor} \\ + \text{ son} \\ + \text{ lat} \end{bmatrix}$	ĩ	$\begin{bmatrix} + \text{ soan} \\ - \text{ ant} \\ + \text{ cor} \\ + \text{ son} \\ + \text{ lat} \end{bmatrix}$
r	$\begin{bmatrix} + \text{ soan} \\ + \text{ ant} \\ + \text{ cor} \\ + \text{ son} \\ - \text{ lat} \end{bmatrix}$	ʀ	$\begin{bmatrix} + \text{ soan} \\ - \text{ ant} \\ - \text{ cor} \\ + \text{ son} \\ - \text{ lat} \end{bmatrix}$				

c) As semivogais no português se identificam com os traços [silab], [cons] e [post].

$$j \begin{bmatrix} - \text{silab} \\ - \text{cons} \\ - \text{post} \end{bmatrix} \qquad w \begin{bmatrix} - \text{silab} \\ - \text{cons} \\ + \text{post} \end{bmatrix}$$

Destes segmentos fonéticos somente não aparecem na representação fonológica, as vogais nasais e as semivogais [j] e [w], e a vogal [ɹ]. Todos os outros segmentos aparecem na forma subjacente das seqüências. Esta posição foi tomada como pressuposto neste trabalho com base em trabalhos apresentados sobre o português e em pesquisas desenvolvidas na língua portuguesa.

Na representação fonética, os segmentos são apresentados em traços fonéticos livres do poder classificatório. Todos os segmentos apresentados acima em forma de traços podem aparecer na estrutura de superfície fonética, porém podem ser modificados em alguns de seus traços para atender as diversas realizações das formas fonéticas, tais como o traço [+palatal] para o [s] em posição final (s → š); o traço [+acento 2] para vogais onde o acento é reajustado; o traço [+velar] para a velarização do [l] em posição final (l → ɫ), etc...

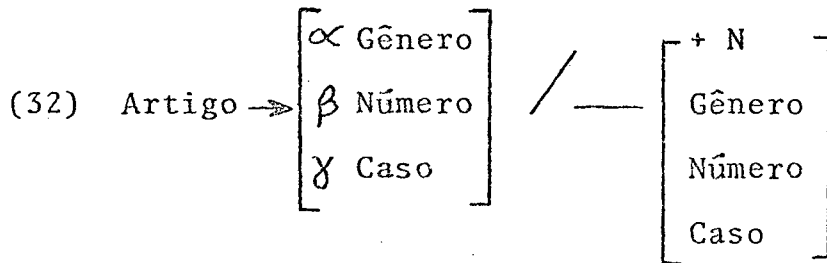
NOTAS DO CAPÍTULO II

1. Os trabalhos que sugeriram esta orientação estão muito bem representados por Chomsky (1965), Postal (1968), Shane (1968) e Harris (1969).
2. Cearley (1974:30), Warburton (1976), Leite (1974), Pagliarini (1977).
3. Chomsky e Halle (1968: 223-224) apresentam a seguinte regra que eles consideram de reajustamento:

$$t \longrightarrow [+ \text{voice}] \quad / \quad \text{---} \quad \left\{ \begin{array}{l} \text{mi} \quad \text{---} \quad + \text{ive} \\ \text{ver} \quad \text{---} \quad + \text{iVn} \end{array} \right\}$$

Esta regra explica palavras como submissive e subversion: "This will account for the spirantization of /t/ in submissive (by rule 120 a) below, with subsequent devoicing) and the voicing of /t/ in subversion (which then becomes [z̥] by later rules)". Para maiores detalhes, vide o autor acima citado.

4. Alguns trabalhos que evidenciam as posições abstratas são os de Kissenberth (1969), sobre o Yawelmani, o de Larry N. Hyman, sobre o Nupe (Language 1970) e o de Brame (1972), sobre o Maltês.
5. Kiparsky (1968).
6. Chomsky e Halle (1968: 6-7)
7. Chomsky (1965: 268) ... "as regras de concordância pertencem claramente à componente transformacional... e estas regras acrescentam aos indicadores sintagmáticos traços especificados que são introduzidos nos formativos particulares, dominando suas matrizes fonológicas" "... a gramática tem de conter regras de concordância que atribuem ao Artigo todas as especificações de traços para [Gênero], [Número] e [Caso], próprias do Nome que modifica. Assim é necessária uma regra que poderia ser apresentada na seguinte forma:



em que Artigo ...N é um SN".

8. Chomsky (1965: 270) "Os traços como $[\alpha \text{ número}]$ são inerentes ao indicador sintagmático e não ao item lexical... e só passam a fazer parte do formativo depois de este ser inserido no indicador sintagmático".
9. Chomsky e Halle (1968: 10-13).
10. Chomsky e Halle (1968: 66) This boundary, which we will designate with the symbol + , appears between the final segment of one formative and the initial segment of the following formative. We can think of it as being inserted in this position in terminal strings by a general convention".
11. Chomsky e Halle (1968) "One of the non-FB boundaries is the unit # that appears automatically before and after a word and in sentence-initial and sentence-final position" (p. 66).
O sentido de palavra é dado como segue: "As a first approximation to the problem of analysis into words, let us assume that each lexical category (e.g., noun, verb, adjective) and each category that dominates a lexical category (e.g., sentence, noun phrase, verb phrase) automatically carries a boundary symbol # to the left and to the right of the string that belongs to it (i.e., that it dominates, in tree representations such as (4), or that it brackets, in bracket representations such as (5) ... Let us tentatively define a Word as a string of formatives (one or more) contained in the context ## — ## and containing no occurrences of ##".(p. 12-13).
12. Chomsky e Halle (1968: 382) "The rules that describe lexical constraints in this fashion have been called "morpheme structure rules "or" lexical redundancy rules "and

form a part of the readjustment component".

13. Yone Leite (1974: 120). "It was show that morphological rules are definitely playing a rule in the development of the language. They account for the choices a speaker has and explain changes that occurred in the language that are unexplained on purely phonological grounds. Also, as was shown in the case of the superlative affix, new forms are created following a morphological pattern, unexplainable by the phonological rules".
14. Entre outros Cearley (1974), Warburton (1976), Pagliarini (1978).
15. Pagliarini (1978: 156). "Na função de gerar" estruturas manifestas" a partir de "estruturas latentes" o falante-ouvinte de português utiliza processos que nessa gramática estão divididos de acordo com o seu âmbito aplicativo, sem processos morfológicos e fonológicos. Sendo que os processos morfológicos comportam ainda uma outra subdivisão dependendo do tipo da restrição que lhes é feita. Se ao contexto de uma regra é adstrito traços sintáticos independentemente motivados como Vb. [+ past], [+ perf], etc...; então, tal regra caracteriza um processo morfológico regular. Se, por outro lado, ao contexto de uma regra se adstringe o traço [+ erudito], não requisitado por outros aspectos da gramática, então, tal regra caracteriza um caso típico de processo morfológico irregular".
16. Shane (1975: 130) "Acontece, quase sem exceção que regras que afetam uma seqüência de segmentos no âmbito de um único morfema também se aplicam à mesma seqüência distribuída em morfemas separados. Por isso há uma convenção em fonologia gerativa de que uma regra, mesmo que não mencione especificamente um + entre segmentos, ainda assim aplica-se a segmentos separados por uma fronteira de morfema" Chomsky e Halle (1968: 364): "Any rule which applies to a string of the form X Y Z also applies to strings of the form X + Y + Z , Z Y + Z , X + Y Z were X, Y, Z stand for sequences of zero or more units and + represents formative boundary".

17. Chomsky e Halle (1968: 364): "... a rule in which the presence of formative boundary is not explicitly indicated applies also to strings containing any number for formative boundaries. The converse is not true, however: a rule that applies to the string $X + Z$ does not also apply to the string $X Z$.
18. Koutsoudas & Sanders-Noll, 1974, vol. 50, nº 1 (.1 a 28) : "All restriction on relative order of application of grammatical rules are determined by universal rather than language specific principles". in Pagliarini (1978:)
19. Shane (1965: 122): As regras fonológicas são parcialmente ordenadas, "... ao fazer a listagem das regras, somos obrigados a colocar algumas regras antes de outras, mas isto não deve ser confundido com o significado técnico de regras ordenadas. Na verdade, portanto, as regras fonológicas são apenas parcialmente ordenadas". ... "Um conjunto de regras ordenadas, sejam elas total ou parcialmente ordenadas, sempre pode ser substituído por regras sem ordenação, contanto que se considere que o conjunto inteiro sem ordenação se aplica simultaneamente à representação subjacente. No entanto as regras são invariavelmente mais complexas".
20. Chomsky e Halle (1968: 24-25): O ciclo transformacional é considerado um universal lingüístico por alguns lingüistas. "... the principle of the transformational cycle, being well beyond the bounds of any conceivable method of "learning", is one of the conditions, intrinsic to the language-aquisition system, that determines the form of the language acquired. If this assumption is correct, we would expect the principle of the transformational cycle to be a linguistic universal, that is, to be consistent with the empirical facts for all human languages". ... "the Compound and Nuclear Stress Rules, on the other hand, might be in part language-specific". Vide também a página 60.
21. Chomsky e Halle (1968: 60): "A certain subsequence may form a block of rules which are "disjunctively ordered" in the

sense that if one these rules applies to a certain substring, the other members of the block are not applicable to this substring in this stage of the cycle. Rules not subject to this restriction on their application are "conjunctively ordered". Disjunctive ordering must be indicated by an appropriate convention..."

22. Chomsky e Halle (1968: 341): "Rules are applied in linear order, each rule operating on the string as modified by all earlier applicable rules".
23. Chomsky e Halle (1968: 340): "Further supporting evidence for the hypothesis of rule ordering comes from the study of dialectal variation. Several cases have been discovered of dialects that contain the same rules but with different ordering".
24. Chomsky e Halle (1968: 342) "The hypothesis that rules are ordered, formulated tentatively as convention (29) seems to us to be one of the best-supported assumptions of linguistic theory ... linear ordering captures significant generalizations".
25. Pagliarini (1978: 46-56).
26. Koutsoudas & Sanders & Noll. in Pagliarini (1978: 54): "Princípio da precedência da inclusão: For any representation R, which meets the structural descriptions of each of two rules A and B, A takes applicational precedence over B with respect to R if and only if the structural description of A properly includes the structural description of B". Com este princípio é possível dispensar a ordenação disjuntiva.
27. Koutsoudas & Sanders & Noll (1978: 54) Princípio da aplicação obrigatória. "Every obligatory rule must be applied to every representation to which it CAN be applied (at least any other principle prevents its application)".
28. Chomsky e Halle (1968: 85): "We can indicate the fact that an affix is neutral by making use of the # boundary which is introduced, by a universal convention, before and after each string belonging to a lexical category, that is, each

string dominated by N, A or V in the surface structure (see section 1.3.1. and Chapter one, Section 5.3). Thus, the word soliloquizing for example, might be represented in surface structure as:

$$\left[\left[\underset{V}{\quad} \# \text{ soliloquiz } \# \right]_{\underset{V}{\quad}} \text{ ing} \right]$$

X contains no internal # boundary. "

29. Chomsky e Halle (1968: 15): "... we assume as a general principle that the phonological rules first apply to the maximal strings that contain no brackets, and that after all relevant rules have applied, the innermost brackets are erased; the rules then reapply to maximal strings containing no brackets, and again innermost brackets are erased after this application; and so on, until the maximal domain of phonological processes is reached".

C A P Í T U L O I I I

O DESENVOLVIMENTO DAS HIPÓTESES

3.1. Considerações iniciais: Análise da distribuição dos diminutivos "-inho" e "-zinho":

Para desenvolver as hipóteses, faz-se necessário apresentar a distribuição dos diminutivos "-inho" e "-zinho", como resultado da análise feita no decorrer da pesquisa.

São dois os objetivos principais desta análise:

- 1) Relatar o resultado da pesquisa feita, para deixar bem claro onde ocorre "-inho" e onde ocorre "-zinho" (formas gramaticais).
- 2) Descrever todos os contextos, pré-requisito para a formalização das regras.

Os nomes relacionados adiante estarão agrupados de acordo com a terminação, o acento e o número de sílabas.

Por economia e simplicidade, os dados serão relacionados em sua representação ortográfica, destacando-se, ao lado de cada palavra, a representação de superfície fonética da terminação dos nomes, parte relevante para uma primeira observação dos dados. Esta representação não incluirá dados fonéticos dialetais de Florianópolis, que poderão ser registrados no trabalho, por uma informação complementar. As transcrições fonéticas, correspondem a uma pronúncia pausada mas não especialmente cuidada.

Observando os dados fonéticos de superfície do portu-

guês, notou-se que há nomes que aceitam somente o sufixo "-zinho", outros que admitem as duas formas e outros que admitem só "-inho".

Será apresentada, a seguir, uma análise desta distribuição, onde se procurou nas formas subjacentes, uma explicação para as aparentes irregularidades de superfície e uma maior generalização das regras gramaticais.

3.1.1. Nomes que geralmente aceitam somente "-zinho":

3.1.1.1. Nomes terminados em vogal tônica:

GRUPO I

a) Vogal tônica final precedida de consoante:

Monossílabos:

[á]	pá	pazinha	* painha
[é]	pé	pezinho	* peinho
[ê]	sê	sezinho	* seinho
[í]	pi	pizinho	* piinho
[ô]	nó	nozinho	* noinho

Dissílabos:

[á]	cajá	cajazinho	* cajainho
[é]	filé	filezinho	* fileinho
[ê]	patê	patezinho	* pateinho
[í]	caqui	caquizinho	* caquiinho

[ɔ]	filô	filózinho	* filoinho
[ô]	metrô	metrozinho	* metroinho
[ú]	tutu	tutuzinho	* tutuinho

Trissílabo:

[â]	vatapã	vatapazinho	* vatapainho
[ê]	buscapê	buscapezinho	* buscapeinho
[ê]	caratê	caratezinho	* carateinho
[ú]	urubu	urubuzinho	* urubuinho

b) Vogal tônica final precedida de outra vogal:

[aú]	baú	bauzinho	* bauinho
[iê]	tiê	tiezinho	* tieinho

Com os nomes agrupados em I só aparece o sufixo "-zinho". Não há possibilidade de se juntar o sufixo "-inho", pela tendência da língua a estruturar seqüências formadas por CVCV, evitando-se os encontros vocálicos.

Além disso, as vogais tônicas finais são elementos significativos, que fazem parte do radical dos nomes. E no momento em que é preciso conservar a integridade do radical, usa-se o sufixo "-zinho" para evitar a seqüência vogal + vogal (VV).

Exemplificando, pode-se ver que, em filozinho e filezi-
nho, é impossível tentar suprimir o | ɔ | e o | ε | finais dos radicais, porque são elementos distintivos essenciais ao significado.

Ac se usar a forma "-inho" junto aos nomes do grupo I, surgiria um hiato entre a última vogal do radical e a primeira do

sufixo, criando as seqüências V \bar{V} (em *filéinho) ou V V \bar{V} (em *baúinho), não preferidas pelo sistema do português, e rejeitadas, portanto, pelos falantes.

Estão reunidos, no grupo I a), nomes com vogal final tônica, precedida por consoante (C \bar{V}) e, no grupo I, b), nomes com vogal final tônica, precedida por outra vogal (V \bar{V}). Como o elemento que precede uma vogal tônica final pode ou não ser consoante para a escolha de "-inho" ou "-zinho", pode-se reunir os dois contextos em um só, para o sufixo "-zinho" ¹.

(1) + z \bar{i} ñ u / X C_o \bar{V} # —

Este é o contexto apresentado para os nomes do grupo I, representados por:

café - cafezinho
 pá - pazinha
 metrô - metrozinho
 baú - bauzinho
 tiê - tiezinho

3.1.1.2: Nomes terminados em r e l:

GRUPO II:

a) terminadas em r, monossílabos, dissílabos e trissílabos:

[$\bar{a}r$] mar marzinho * marinho

[éř]	ser	serzinho	* serinho
[óř]	dor	dorzinha	* dorinha
[ář]	altar	altarzinho	* altarinho
[êř]	mulher	mulherzinha	* mulherinha
[éř]	prazer	prazerzinho	* prazerinho
[óř]	doutor	doutorzinho	* doutorinho
[úř]	abajur	abajurzinho	* abajurinho
[ař]	açúcar	açucarzinho	* açucarinho

b) terminados em l monossílabos e dissílabos (oxítonos e paroxítonos).

[ář]	cai	calzinho	* calinho
[éř]	fel	felzinho	* felinho
[iř]	til	tilzinho	* tilinho
[ɔř]	rol	rolzinho	* rolinho
[úř]	sul	sulzinho	* sulinho
[ář]	canal	canalzinho	* canalinho
[éř]	papel	papelzinho	* papelinho
[ãř]	funil	funilzinho	* funilinho
[ɔř]	farol	farolzinho	* farolinho
[úř]	paul	paulzinho	* paulino
[eř]	móvel	movelzinho	* movelinho
[iř]	fóssil	fossilzinho	* fossilinho
[iř]	túnel	tunelzinho	* tunelinho

Observou-se que, num nível de língua normal, todos os falantes usam o sufixo "-zinho" com este grupo de palavras terminadas em r e l.

Alguns falantes admitem o uso de "-inho" em palavras como papelinho, florinha e colherinha, com certa vacilação². Esta possibilidade existe, tanto que algumas gramáticas já a registraram. Talvez, por isso, haja uma influência ao serem aceitas estas formas, mas sempre com restrições.

O contexto para "zinho" é o seguinte:

$$(2) \quad + z \tilde{i} \tilde{n} u \quad / \quad X \quad \left\{ \begin{array}{l} 1 \\ r \end{array} \right\} \# \quad \text{---}$$

Este contexto se refere a nomes dos grupos II, a) e b), representados por:

farol - farolzinho
doutor - doutorzinho

3.1.1.3. Nomes terminados em nasal:

GRUPO III:

a) Monossílabos

[\tilde{p}]	lã ³	lãzinha	* lãinha
[\tilde{e}]	bem	benzinho	* beninho
[\tilde{i}]	fim	finzinho	* fininho
[\tilde{o}]	tom	tonzinho	* toninho

b) Dissílabos oxítonos:

[\tilde{p}]	anã	anãzinha	* anãinha
-----------------	-----	----------	-----------

[ễj̃]	vintêm	vintenzinho	* vinteninho
[ã̃j̃]	jardim	jardinzinho	* jardininho
[õ̃w̃]	baton	batonzinho	* batoninho
[ũ̃w̃]	atum	atunzinho	* atuninho
[p̃w̃]	irmão	irmãozinho	* irmãoinho
[p̃w̃]	pão	pãozinho	* pãoinho
[p̃w̃]	anão	anãozinho	* anãoinho

c) Dissílabos paroxítonos

[p̃ p̃]	ímã	imanzinho	* imaninho
[ễj̃]	nuvem	nuvenzinha	* nuveninha
[ũ̃w̃]	álbum	alburnzinho	* albuninho
[p̃w̃]	órfão	orfãozinho	* orfãoinho

Os nomes listados neste grupo são palavras que terminam em vogal nasal, seguida de um glide, conforme se pode observar na transcrição fonética, ao lado de cada palavra.

Os nomes listados no grupo III a) e b) têm a última vogal acentuada, enquanto os nomes listados em c), do mesmo grupo, têm a última vogal átona. Isto não foi, entretanto, nenhum obstáculo às realizações com "-zinho". O acento aqui não é relevante para a escolha do sufixo, mas sim a nasalidade.

Neste contexto não se registraram formações com o sufixo "-inho".

Há, desta forma, um outro contexto exclusivo para "-zinho", tal como em (3):

$$(3) \quad + z \text{ ã̃ ñ u } / x \text{ Ṽ } (\bar{G}) \# \text{ —}$$

Este é o contexto que apresenta o grupo III, de nomes tais como:

pão	-	pãozinho
vintém	-	vintenzinho
órfão	-	orfãozinho
lã	-	lãzinha

3.1.1.4. Nomes terminados em ditongo oral:

GRUPO IV:

a) Ditongo oral, em palavras monossílabas e oxítonas:

[áj]	pai	paizinho	* painho
[éj]	lei	leizinha	* leinha
[ój]	boi	boizinho	* boinho
[áw]	pau	pauzinho	* pauinho
[éw]	vêu	veuzinho	* veuinho
[éu]	ateu	ateuzinho	* ateuinho
[sj]	herói	heroizinho	* heroinho
[áw]	degrau	degrauzinho	* degrauinho

Os falantes aceitam só a forma "-zinho", com este grupo de palavras.

São nomes terminados em duas vogais, em forma subjacente, que foneticamente terminam em um glide, pela perda do traço silábico da vogal alta.

O contexto formulado para "-zinho", referente às pala-

bras do grupo IV, é o seguinte:

(4) + z ã ñ u / X V G # —

Este é o contexto formulado para as palavras representadas pelos seguintes nomes:

pai - paizinho

herói - heroizinho.

3.1.1.5. Nomes terminados em vogal átona precedidas de

$\left[\begin{array}{l} - \text{ cons} \\ + \text{ alt} \end{array} \right]$;

GRUPO V:

a) Vogal átona precedida de consoante, mais vogal

$\left[\begin{array}{l} + \text{ alt} \\ + \text{ ac} \end{array} \right]$;

[úʔ]	pua	puazinha	* puinha
[iʔ]	tia	tiazinha	* tiinha
[íu]	tio	tiozinho	* tiinho

b) Vogal átona precedida de vogal $\left[\begin{array}{l} + \text{ alt} \\ - \text{ ac} \end{array} \right]$;

[iʔ]	pátria	patriazinha	* patrinha
[íu]	sócio	sociozinho	* socinho
[ie]	planície	planiciezinha	* planicinha

c) Vogal átona precedida de vogal + glide :

[ájɾ]	arraia	arraiazinha	* arrainha
[óju]	apoio	apiozinho	* apoinho
[ájɾ]	vaia	vaiazinha	* vainha

excessão: saia - saiazinha - sainha

Com este grupo V de palavras também ocorre somente "-zinho". Pode-se formalizar três contextos, como segue:

$$(5) + z \tilde{i} \tilde{n} u / X C_1 \left[\begin{array}{c} \tilde{V} \\ +alt \end{array} \right] V \# \text{ — (pua)}$$

$$(6) + z \tilde{i} \tilde{n} u / X C_1 \left[\begin{array}{c} \tilde{V} \\ +alt \end{array} \right] \tilde{V} \# \text{ — (pátria)}$$

$$(7) + z \tilde{i} \tilde{n} u / X \tilde{V} G V \# \text{ — (arraia)}$$

Observou-se, com este grupo de palavras, que o elemento que precede a vogal final apresenta características diferentes nos três casos. Em (5) aparece $\left[\begin{array}{c} + \text{ voc} \\ + \text{ ac} \end{array} \right]$ em (6), $\left[\begin{array}{c} + \text{ voc} \\ - \text{ ac} \end{array} \right]$ e em (7) aparece um glide.

Entretanto, há dois traços comuns aos três elementos que ocupam o penúltimo lugar na palavra e que parecem relevantes para reuni-los num mesmo grupo de palavras. Todos são segmentos $\left[\begin{array}{c} - \text{ cons} \\ + \text{ alt} \end{array} \right]$.

Estes contextos se referem às palavras representadas respectivamente por:

pua - puazinha
 pátria - patriazinha
 arraia - arraiazinha

A forma subjacente destes nomes pode ser assim representada:

(8) | p u a |
 | p a t r i a |
 | a ã i a |

Pode-se explicar o comportamento idêntico com relação aos diminutivos, por causa dos traços $\begin{bmatrix} - & \text{cons} \\ + & \text{alto} \end{bmatrix}$ do penúltimo elemento de cada grupo. Em forma subjacente todos são $\begin{bmatrix} + & \text{voc} \\ + & \text{alto} \end{bmatrix}$. A acentuação, ou não, do penúltimo elemento não é relevante, o que importa aqui são os traços $\begin{bmatrix} - & \text{consoante} \end{bmatrix}$ e $\begin{bmatrix} + & \text{alto} \end{bmatrix}$ no correr da derivação.

A palavra pátria aqui é considerada proparoxítona por isto ela será também relacionada em VI, junto com outras palavras proparoxítonas. O resultado será o mesmo, pois nos dois casos só ocorre "zinho" com esta palavra. Se pátria for considerada paroxítona terá um contexto como (7) de arraia.

3.1.1.6. Nomes proparoxítonos:

GRUPO VI:

[p]	lâmpada	lampadazinha	* lampadinha
[p]	página	paginazinha	* pagininha
[p]	máscara	mascarazinha	* mascarinha
[u]	médico	medicozinho	* mediquinho

[ɣ] pátria patriazinha * patrinha

Sabe-se que tais nomes têm as duas últimas vogais átonas. Observou-se que o uso do sufixo "-zinho", com este grupo de palavras, é exclusivo.

Um contexto para o sufixo "-zinho" terá a seguinte forma:

(9) + z i̇ ñ u / X V C₁ V C₀ V # —

Este contexto se refere a palavras do grupo VI, do tipo de:

página - paginazinha
lâmpada - lampadazinha
pátria - patriazinha

Observou-se que a palavra pátria, que já foi estudada no grupo V, também pode ser agrupada com as proparoxítonas. E que o elemento [C₀] em (9), tem a marca zero ou mais consoantes, justamente para atender, a este grupo de palavras proparoxítonas, terminadas em grupo vocálico.

3.1.2. Nomes que geralmente aceitam as duas formas ("inho" e "-zinho"):

3.1.2.1. Paroxítonos terminados em vogal átona, precedidos por consoante.

GRUPO VII:

a) Dissílabos

[p]	bola	bolazinha	bolinha
[i]	balde	baldezinho	baldinho
[u]	livro	livrozinho	livrinho
[i]	pente	pentezinho	pentinho
[i]	dente	dentezinho	dentinho
[i]	gente	gentezinha	gentinha

b) Trissílabos

[i]	gigante	gigantezinho	gigantinho
[e]	cadeira	cadeirazinha	cadeirinha
[e]	estrela	estrelazinha	estrelinha
[u]	sapato	sapatozinho	sapatinho

A maioria dos estudos feitos sobre o português afirma que o morfema "-inho" deve ser usado depois da vogal átona, em palavras paroxítonas⁴. Realmente, há um grande número de nomes deste grupo que são aceitos, de preferência, com o sufixo "-inho" mesmo no registro formal.

bola + inha → bolinha
 livro + inho → livrinho
 balde + inho → baldinho

Formalizaremos um contexto para os sufixos "-inho" e "-zinho", para as palavras do grupo VII, porque elas aceitam também o sufixo "-zinho".

$$(10) \quad \begin{bmatrix} + & z & \tilde{i} & \tilde{n} & u \\ + & \tilde{i} & \tilde{n} & u & \end{bmatrix} \quad / \quad X \bar{V} C_1 V \# \quad \text{---}$$

Hã, entretanto, diversos nomes, relacionados em VIII, que aparentemente só aceitam o sufixo "-inho". São nomes terminados em vogal [+ post] precedidos por [z] (s ou z ortograficamente). Eles só se superficializam com "-inho", talvez para evitar a repetição de sons idênticos, em sílabas próximas (caso + zinho → *casozinho):

GRUPO VIII:

a) palavras terminadas em zo ou za:

[zu]	caso	casinho	* casozinho
[z ^p]	rosa	rosinha	* rosazinha
[z ^p]	mesa	mesinha	* mesazinha

É possível supor três explicações para estas palavras :

1) o sufixo poderia ser "inho"; haveria a supressão da vogal átona final do radical, em contacto com a vogal inicial do sufixo "-inho" e seria restaurada a sílaba C V:

caso + inho → casinho

rosa + inha → rosinha

mesa + inha → mesinha

2) seria também possível com relação a estas palavras terminadas em [z {^u/_p}], supor que o sufixo usado

fosse "-zinho" (rosa + zinha → *rosazinha, caso + zinho → *casozinho e mesa + zinha → *mesazinha) e dizer que houve haplologia. Teríamos então (? cazinha, ? rozinha e ? mezinha). A haplologia aqui seria obrigatória.

- 3) O sufixo seria "zinho" e haveria uma aglutinação obrigatória que eliminaria o z e a vogal do radical (casa + zinha → casainha → casinha).

Quanto aos nomes terminados em [z e] [zi], veremos mais adiante que sô se superficializam com "-zinho".

As palavras do grupo VIII, tipo casa, apresentam um contexto para o sufixo "-inho" ou "-zinho" em (11). Pois superficialmente o sufixo usado é "-inho", mas linguisticamente poderia ser "-zinho" ou "-inho", conforme a posição que se toma na descrição. Por este motivo se disse anteriormente que sô aparentemente é que ocorre "inho".

$$(11) \left\{ \begin{array}{l} + \tilde{i} \tilde{n} u \\ + z \tilde{i} n u \end{array} \right\} / X \bar{V} Z V \left[\begin{array}{l} \\ + \text{post} \end{array} \right] \# \text{ —}$$

Este contexto se refere às palavras do tipo caso, rosa, mesa; casa.

casa + inha → casainha → casinha

ou casa + zinha → casazinha → ? cazinha (haplologia).

ou casa + zinha → casainha → casinha (queda do [z] obrigatória)

Por outro lado, encontramos uma série de nomes terminados também em vogal átona, que não aceitam a formação com "-inho".

São os nomes relacionados em IX, que vão ser estudados mais detalhadamente aqui:

GRUPO IX:

a) Formariam homófonos se fossem usados com "-inho":

[i]	ponte	pontezinha	* pontinha
[u]	solo	solozinho	* solinho
[ʁ]	gala	galazinha	* galinha

b) O falante rejeita sílabas idênticas contíguas,

[ñ i - ñ u] :

[ñu]	ninho	ninhozinho	* ninhinho
[ñʁ]	senha	senhazinha	* senhinha
[ñu]	vinho	vinhozinho	* vinhinho

c) Não foi encontrada uma motivação para rejeitar "-inho":

[i]	gafe	gafezinha	* gafinha
[i]	parte	partezinha	* partinha
[i]	agente	agentezinho	* agentinho
[i]	fonte	fontezinha	* fontinha

d) Nunca ocorrem com "-inho" por terminarem em ze [zi] :

[zi]	tese	tesezinha	* tesinha
[zi]	fase	fasezinha	* fasinha
[zi]	pose	posezinha	* posinha

Observou-se, anteriormente, com os nomes oxítonos, que o sufixo "-zinho" é o preferido para conservar a autonomia do radical, todas as vezes que a vogal final for distintiva. Com os paroxítonos também isto pode ocorrer.

Pode-se tomar por exemplo, a palavra ponte, do grupo IX a): há no português os nomes ponte e ponta. São palavras terminadas em vogal átona e, pela gramática, poderiam ser usadas com o sufixo "-inho".

Entretanto, ao lhes ser anexado o referido sufixo, obter-se-ia ponte + inha = pontinha e ponta + inha = pontinha. Apareceriam duas palavras homônimas, pois o e final de ponte, que é distintivo, cairia e o sufixo receberia a desinência de feminino. Neste caso, o falante passará automaticamente a dizer pontezi nha, e pontazinha, com o sufixo "-zinho", para desfazer o homônimo.

Da mesma forma, poderão ser resolvidas as outras palavras listadas em IX -a), onde não se usa galinha, de gala, mas galazinha; solinho, de solo, mas solozinho.

Quanto às palavras relacionadas em IX -b), ninho, senha, vinho, pode-se explicar a escusa por "-inho", para evitar assonância provocada pela sequência [ã, ã]. Por isso, usa-se, de preferência, ninhozinho, senhazinha e vinhozinho.

Curioso é o que ocorre com os nomes listados em IX -d), (tese, fase, pose) terminados em ze [zi] que poderiam se superficializar com "inho", como ocorre com os nomes (caso, casa, mesa), e isto não se dá. Eles só são aceitos com o sufixo "-zinho", como todas as demais palavras listadas em IX.

Pode-se formalizar o contexto (12) para "-zinho" com es

te grupo de nomes:

$$(12) \quad z \tilde{i} \tilde{n} u \quad / \quad X \tilde{V} Z-V \quad \left[\begin{array}{l} \# \text{ —} \\ \text{post} \end{array} \right]$$

tese → tesezinha, mas não, *tesinha.

Por outro lado, observou-se no grupo IX, listados em c), nomes que só admitem o sufixo "-inho", e não foi possível reunir uma motivação, nem fonológica, nem semântica, para explicar o fato. É comum se aceitar, de gafe, gafezinha, mas não *gafinha; de parte, partezinha, mas não *partinha; de fonte, fontezinha, mas não, *fontinha.

A hipótese de que são nomes terminados em e [i] cai por terra, quando se observa que há muitos outros nomes que terminam nesta vogal, e que aceitam os dois sufixos: dente → dentinho → dentezinho; pente → pentinho → pentezinho, gente → gentinha → gentezinha, etc; ou a hipótese de que nestes nomes o e não é vogal temática, pode-se refutar com as mesmas palavras dente e pente, por apresentarem a mesma estrutura.

Em resumo, observou-se que, apesar de se pensar muitas vezes que os nomes paroxítonos terminados em vogal admitem preferencialmente o uso de "-inho", estão listados, nos grupos VII, VIII e IX, comportamentos diferentes:

- 1) Em VII nomes que aceitam os dois sufixos, embora haja preferência por "-inho" no sul do país: livro → livrozinho → livrinho, para os quais formulamos o contexto (10).
- 2) Em VIII, nomes que podem ocorrer com "-inho" ou "-zi

nho", não se sabendo ao certo, que sufixo foi usado: casa → casinha ou ? czinha; dependerá da posição que se tomar na descrição lingüística. Formulamos o contexto (11) para estes nomes.

- 3) Em IX, nomes que aceitam somente o sufixo "-zinho":
- a) Com nomes em IX -a), o próprio falante rejeita as formas com "-inho", que produzem homônimos: (ponte → pontezinha → * pontinha) (ponta → pontazinha → * pontinha).
 - b) Com nomes em IX -b), também são rejeitadas, pelo falante, as formas com sílabas idênticas contíguas, usando-se "-zinho" (ninho → ninhozinho → * ninhinho).
 - c) Os nomes em IX -c) precisam ser marcados no léxico (parte → partezinha → * partinha), pois só se superficializam com "-zinho" e não há explicação, pelo menos neste trabalho.
 - d) Os nomes em IX -d) têm o contexto formulado somente para "-zinho" em (12) (fase → fasezinha) .

3.1.2.2. Paroxítonos terminados em vogal átona, precedidos de elemento [- cons].

GRUPO X:

- a) O glide aparece ortograficamente.

[ejz] meia meiazinha | éa | meia minha

[éju]	passeio	passeiozinho	[éo	passeio	passeinho
[éjɸ]	ceia	ceiazinha	[éa	ceia	ceinha

b) O glide não aparece ortograficamente:

[ówɛ]	broa	broazinha	[óa	broa	broinha
[ówɸ]	canoa	canoazinha	[óa	canoa	canoinha
[ówɸ]	patroa	patroazinha	[óa	patroa	patroinha

Observando a realização fonética destas palavras viu-se que alguns falantes não inserem o glide entre as vogais. Se as formas subjacentes forem levadas em conta, entretanto, pode-se encontrar uma explicação para tal fato.

Explicando melhor, as palavras deste grupo podem ter realizações de dois modos:

- 1) com o sufixo "-zinho" pode ocorrer o glide entre as vogais: [m `è jɸ z í ñɸ] e [b r `ò w ɸ z í ñɸ] ou
- 2) com o sufixo "-inho" nunca ocorre o glide entre as vogais: [m `è í ñɸ] e [b r `ò í ñɸ].

Assim, o contexto para estas palavras quando tem o glide inserido, é o mesmo que foi formulado em (7).

Será formulado, aqui o contexto (13), para estas palavras desde que o glide não seja inserido:

$$(13) \quad + \tilde{i} \tilde{n} u \quad / \quad X \left[\begin{array}{c} \tilde{V} \\ \text{[alt]} \end{array} \right] V \quad \# \quad \underline{\quad}$$

Este é o contexto formulado para "-inho", em palavras do grupo X, se não se realizar a inserção do glide entre as vogais.

São palavras como:

(14)	meia	[mea]	-	meinha	[meĩ̃ɲ]
	broa	[broa]	-	broinha	[brõĩ̃ɲ]

3.1.3. Nomes que aceitam "-inho" ou "-zinho". (não é possível conhecer a opção; as normas ortográficas costumam determinar uma das duas formas em cada caso, mas a lingüística pode tomar a melhor solução)

3.1.3.1. Nomes terminados em s ou z:

GRUPO XI:

a) Oxítonos:

[ás]	ananãs	? ananazinho	ananasinho
[ás]	rapaz	rapazinho	rapazinho
[és]	revês	? revezinho	revesinho
[és]	português	? portuguezinho	portuguesinho
[ís]	país	? paizinho	paisinho
[j's]	retrós	? retrozinho	retrosinho

b) Paroxítonos

[is]	lápis	? lapizinho	lapisinho
[is]	pires	? pirezinho	piresinho

c) Proparoxítonos

[us] ônibus ? onibuzinho onibusinho

d) Plural

[is] anéis aneizinhos ? aneisinhos

[is] corações coraçõezinhos ? coraçõesinhos

Com este grupo de palavras, às vezes, vê-se bem claramente a pronúncia do z do sufixo "-zinho" pois se escuta tanto o s [z] do final de palavra como o z do sufixo.

Na maioria das vezes, numa linguagem menos tensa, há uma tendência para a assimilação do s [z] pelo z do sufixo.

Com este grupo de nomes ocorre um fato interessante. Estes nomes, terminados ortograficamente em s ou z, seguidos dos diminutivos, têm sempre a mesma realização fonética, ou seja [zz] ou [z]. Sincronicamente é impossível se dizer se a forma preferida do sufixo é com o z ou sem ele, pois o s final seguido de uma vogal da palavra seguinte, torna-se foneticamente sonora, ou seja [z].

Do ponto de vista ortográfico as palavras do grupo XI, relacionadas em a), b) e c) são usadas com "inho" e as palavras em d) são usadas com "zinho". Exemplos:

rapaz + inho	}	singular, terminadas em <u>s</u> ou <u>z</u> - conservam a ortografia do radical e se acrescenta "inho".
lâpis + inho		
anéis + zinhos	}	plural - elimina-se o <u>s</u> de plural e acrescenta-se o sufixo "zinho".

Do ponto de vista gerativo, entretanto, é possível se fazer uma generalização, onde todas as palavras terminadas em consoante aceitam o sufixo "zinho", a exemplo do que ocorre em palavras terminadas em todas as outras consoantes que podem ocorrer em posição final de palavra: r, l.

rapaz + zinho	}	regras fonológicas de assimilação e/ou simplificação permitem as realizações fonéticas corretas
lâpis + zinho		
anéis + zinhos		

Mas haveria também a possibilidade de se supor que o sufixo fosse "-inho", embora não tão economicamente quanto à última posição, porém a explicação seria mais simples do que a solução ortográfica:

rapaz + inho	}	a sibilante final nos três casos se realiza como [z] no contexto de vogal. (Porém, muitas vezes se houve os dois sons [x zziños])
lâpis + inho		
anéis + inhos		

Diante destes fatos pode-se formular, neste ponto do trabalho, um contexto para "-inho" ou "-zinho", como em (15)

$$(15) \left\{ \begin{array}{l} + \tilde{i} \tilde{n} u \\ + z \tilde{i} \tilde{n} u \end{array} \right\} / X (+) s \# \text{ —}$$

Este contexto foi formulado para nomes do grupo XI, representados por:

- rapaz - rapazinho ou rapazinho.
- lâpis - lapisinho ou ? lapizinho.
- anéis - ? aneisinhas ou aneizinhos

A junctura (+) no contexto (15) foi acrescentada para atender as palavras do grupo d), que são formas de plural.

Ao terminar este estudo da distribuição dos diminutivos "-inho" e "-zinho", é conveniente reunir os contextos aqui descritos, material indispensável para se formalizar as regras morfológicas e fonológicas, suficientes para explicar os fatos relacionados com a formação de palavras com os diminutivos.

QUADRO 1: Distribuição de "-inho" e "-zinho"

a) Contexto específico para [z ĩn u]:

1. (1) / X C₀ Ṽ # _____ (café, baú)
2. (2) / X { $\frac{z}{f}$ } # _____ (mar, farol)
3. (3) / X Ṽ (G̃) # _____ (pão, vintém, órfão, lâ)
4. (4) / X Ṽ G # _____ (pai, herói)
5. (5) / X C₁ $\left[\begin{array}{c} \text{Ṽ} \\ +\text{alt} \end{array} \right]$ V # _____ (pua)
6. (6) / X C₁ $\left[\begin{array}{c} \text{Ṽ} \\ +\text{alt} \end{array} \right]$ Ṽ # _____ (pátria)
7. (7) / X Ṽ G V # _____ { (meia [méjɐ])
(broa [brówɐ])
(arraia)
8. (9) / X V̇ C₁ V C₀ V # _____ (página, pátria)
9. (12) / X Ṽ Z $\left[\begin{array}{c} \text{V} \\ -\text{post} \end{array} \right]$ # _____ (tese)

b) Contexto para as duas formas (opcional):

10. (10) / X Ṽ C₁ V # _____ (bola, livro, balde)
11. (13) / X $\left[\begin{array}{c} \text{Ṽ} \\ -\text{alt} \end{array} \right]$ V # _____ { (brca [bróa])
(meia [meá])

c) Contexto para "-inho" ou "-zinho" (somente a lingüística vai explicar qual dos sufixos usados):

12. (11) / X V̇ Z $\left[\begin{array}{c} \text{V} \\ +\text{post} \end{array} \right]$ # _____ (caso, rosa)
13. (15) / X (+) S # _____ (rapaz, lápis, anéis)

3.2. Primeira Hipótese

Uma primeira hipótese consiste em supor duas formas para os diminutivos "-inho" e "-zinho" listadas no léxico. Para isso é necessário que se marque a sua distribuição.

Desta forma, todos os nomes que podem ser formados com "-zinho", serão marcados com o traço [+ sufixo "-zinho"].

O mesmo deve ocorrer para os nomes que aceitam a formação com "-inho". Serão marcados com o traço [+ sufixo "-inho"].

Pode-se supor uma segunda solução, ou seja, marcar o próprio sufixo por um traço, explicando-se o contexto em que o mesmo pode ocorrer. Exemplificando, um dos contextos para "-zinho" terá a seguinte forma:

$$+ \text{ zinho} \quad / \quad X \hat{V} + \text{ ---}$$

onde X significa qualquer seqüência de elementos, \hat{V} , é uma vogal tônica, + é uma fronteira de sufixos.

Preferiu-se, neste trabalho a segunda solução, por ser mais econômica.

3.2.1. Argumentos a favor de duas entradas no léxico:

a) Quando se tem duas formas de morfemas, que são semelhantes foneticamente, e que possuem o mesmo significado, é possível se supor duas entradas lexicais para o mesmo morfema.

Realmente, duas formas dos sufixos diminutivos mais pro

ativos na língua ocorrem na estrutura fonética. Há um grande número de nomes do Português que só admite o uso de "-zinho", e outro número que aceita o sufixo "-inho" no processo de formação de palavras, além de, em alguns nomes, haver as duas possibilidades.

Se for sustentada esta hipótese, de duas formas de base, é necessário que se marque a distribuição desses dois morfemas no léxico, como já foi dito anteriormente.

Isto só é possível dentro de uma posição teórica, que descreve a língua, observando somente os dados fonéticos de superfície.

3.2.2. Inconvenientes desta hipótese.

- 1) Esta hipótese deixa de reconhecer a natureza sistemática da alternância, uma vez que permite dar duas entradas no léxico para o sufixo, quando se poderia ter uma só entrada e obter a outra pela aplicação de regras.
- 2) Não é econômica também, na medida em que precisa especificar a distribuição de cada alomorfe e ainda marcar as exceções, além de listar, no léxico, os morfemes de cada radical e de cada sufixo.

Esta posição consiste meramente em segmentação e classificação dos fatos lingüísticos. Descreve, simplesmente, sem explicar os fatos. Toda a conclusão só poderá ser feita se fundamentada nos dados de superfície (dados observáveis).

Tendo em vista os inconvenientes desta hipótese, este

trabalho considerará o sufixo diminutivo com uma só forma listada no léxico, obtendo-se a outra por derivação.

O problema será tratado numa abordagem gerativa, que permitirá o estabelecimento de formas abstratas, sobre as quais se aplicarão regras, para explicar os fatos lingüísticos de maneira adequada.

3.3. Segunda Hipótese: a forma básica é "-inho"

Uma vez refutada a primeira hipótese de duas formas listadas no léxico e, optando-se por uma só, o primeiro problema que surge é o da escolha de "-inho" ou de "-zinho" como a forma básica.

Levando-se em conta que a forma original do sufixo tenha sido -inus, do latim, que se tornou "-inho", será analisada a segunda hipótese, com a forma "-inho" como básica.

3.3.1. Evidências a favor da 2^a hipótese:

- 1) Esta hipótese reconhece a natureza sistemática da alternância, uma vez que tem uma única representação subjacente, podendo-se formular regras para a ocorrência das alternantes.
- 2) É mais econômica, do que a anterior, na medida em que não há necessidade de se marcar a distribuição para o sufixo além das exceções, no léxico.
- 3) Historicamente, a forma do sufixo se realiza sem a

consoante | z |, do latim inus → inho, sendo a mesma introduzida por eufonia ou analogia, como já foi visto anteriormente.

- 3) A maioria dos nomes da língua portuguesa constituiu-se de palavras paroxítonas, terminadas em vogal átona, contexto ótimo para o sufixo "-inho".

3.3.2. A forma subjacente de "-inho".

Quanto à forma subjacente de "-inho", pode-se levantar duas hipóteses, discutidas na literatura lingüística.

A primeira hipótese apresentaria a forma subjacente | i n + o | para o sufixo "-inho", onde haveria uma nasalização do |i|, condicionada pela nasal seguinte e a palatização do |n| seguida de elevação da vogal final, dando a forma fonética [ĩ ñ u].

Paviani⁵ defende esta posição, adotando a inexistência do | ñ | em forma subjacente. Como este assunto não é o centro deste trabalho, não será, aqui, aprofundado. Entretanto, pode-se criticar a posição de Paviani, pois há, no Português, muitas palavras terminadas em iño, em que o | n | não palataliza nesta posição, tais como: pino, mina, tina, sina, sino, etc. Além disso, há contrastes entre mina e minha, pino e pinho, tina e tinha, etc., o que elimina a possibilidade de se manter esta posição.

Uma segunda hipótese, que é a aceita neste trabalho, tem a nasal palatizada, já na forma subjacente. Após a nasalização do | i | e a elevação da vogal final, obtém-se a forma fonética [ĩ ñ u]. Para deixar bem clara esta segunda solução, será apresentada uma derivação a seguir:

F S	i ñ + o
âcento	i̇ ñ + o
nasalização	i̇ ñ + o
elevação da vogal	i̇ ñ + u
F F	[i̇ ñ u]

Assim, a forma subjacente do sufixo, neste trabalho, será | i ñ + o |⁶.

A regra de nasalização pode ser formulada como segue:

(16) R F de nasalização ($\acute{v} \rightarrow \tilde{v}$):

$$\tilde{V} \rightarrow [+nas] / \text{---} \begin{bmatrix} +cons \\ +nas \end{bmatrix}$$

Esta regra será completada mais adiante, neste trabalho.

3.3.3. Relacionamento entre a sintaxe e a fonologia pelas regras de reajustamento:

Vamos supor um "out put" do componente sintático, (estrutura de superfície sintática, isto é, uma seqüência analisada pelo subcomponente categorial da base da gramática), depois da inserção lexical e das regras de transformação. Obtém-se, então uma seqüência de formativos lexicais (totalmente especificados quanto às suas propriedades sintáticas, semânticas e fonológicas), e categorias sintáticas abstratas (não especificadas quanto as suas propriedades fonológicas).

$$(17) \# \begin{bmatrix} \# \\ N \end{bmatrix} \text{K a f e} + \text{i ñ + o} + \text{pl} \begin{bmatrix} \# \\ N \end{bmatrix} \#$$

O conteúdo da estrutura de superfície fonológica será determinado pela aplicação das regras de reajustamento à estrutura de superfície sintática como em (17). Desta forma será aplicada a regra de reajustamento que substitui a categoria [+pl] por [+s]. É sobre a seqüência (18) que ocorrerá a operação fonológica do componente fonológico.

$$(18) \# \left[\underset{N}{\#} \text{ k a f } \epsilon + \text{ i } \tilde{\text{n}} + \text{ o } + \text{ s } \underset{N}{\#} \right] \#$$

Observa-se aqui que toda a seqüência está dominada pela categoria maior N. É uma palavra, porque leva, de cada lado, a juntura # #⁷.

Sendo, a seqüência toda, uma palavra, seu plural, que é um morfema flexional, deverá ser o último elemento do nome. Isto é, o | s | de plural estará sempre depois do sufixo derivacional, quando este sufixo existir.

Obtém-se então, em (18), uma forma subjacente para a aplicação das regras morfológicas e fonológicas.

3.3.4. Formalização e aplicação das regras.

3.3.4.1. O ponto na derivação da aplicação da regra de inserção do | z |:

Para se aplicar as regras sobre a forma subjacente e se obter a saída fonética, o primeiro problema que surge é o da colo

cação de acento.

Neste trabalho serão aceitas as seguintes regras de colocação de acento já apresentadas na literatura lingüística, para o português⁸:

(19) R F de acento: palavras paroxítonas:

$$V \rightarrow [+ ac] \quad / \quad \text{---} \quad C_0 V C_0 \#$$

(20) R M de acento: palavras oxítonas:

$$\begin{bmatrix} V \\ +A \end{bmatrix} \rightarrow [+ ac] \quad / \quad \text{---} \quad C_0 \#$$

(21) R M de acento: palavras proparoxítonas:

$$\begin{bmatrix} V \\ +E \end{bmatrix} \rightarrow [+ ac] \quad / \quad \text{---} \quad C_0 V C_0 V C_0 \#$$

Retomando agora o problema da colocação do acento, a junctura | + |, usada para o sufixo, permite aplicar as regras fonológicas, ao nível da palavra.

Aplicando a regra fonológica (19), coloca-se o acento na penúltima vogal da palavra, ou seja, na vogal | i | do sufixo, e se obtém o primeiro estágio da derivação:

(22) Derivação de café:

$$F S \quad | \text{kaf}\epsilon + \text{i}\tilde{\text{n}} + \text{o} | \quad | \text{kaf}\epsilon + \text{i}\tilde{\text{n}} + \text{o} + \text{s} |$$

(19) R F (acento) *kaf\epsilon + i\tilde{n} + o *kaf\epsilon + i\tilde{n} + o + s

Observou-se aqui, dois problemas que se procurou solu-

cionar:

- 1) a regra de inserção do | z |, que é uma regra morfológica, deve ser aplicada antes de todas as regras fonológicas, quando se trabalha com a junção | + |. Entretanto, esta regra deve levar em conta a acentuação ou não da vogal da base (palavra na qual se insere o afixo).

Uma vez acentuada a sequência, ao nível da palavra, não haverá o contexto acentuado da base para a aplicação da inserção do | z |, pois o acento será colocado no i do sufixo | kafe+íño |;

- 2) no português, as vogais abertas [ɛ], [ɔ], só podem ocorrer em posição tônica. Nos derivados, onde esta vogal aberta perde a tonicidade, ela se torna [- baixa], por uma regra de elevação da vogal átona, como ocorre com palavras, tais como:

café [ɛ] → cafeteira [e] ou cafezeiro [e]

Entretanto, com o sufixo diminutivo, a vogal da base permanece aberta:

café [ɛ] → cafezinho [ɛ] .

Para o segundo problema, da não elevação da vogal baixa, há duas soluções. A primeira solução seria marcar, para o sufixo "-inho" [- regra de elevação das vogais átonas]. Entretanto, serão evitadas as marcações, sempre que se apresente uma solução mais natural e econômica.

A segunda solução, adotada neste trabalho, será mudar a

juntura de morfema (+) para a juntura de derivado especial (#), onde se usarão ciclicamente as regras fonológicas. Como vinha sendo feito até aqui, as regras eram aplicadas ao nível da palavra, como a juntura (+) o requer.

Dessa forma, trata-se de resolver o segundo problema da restrição à elevação das vogais abertas, em posição átona e, ao mesmo tempo, de resolver o primeiro problema de ter um contexto acentuado devidamente para a regra de inserção do | z |. Com a aplicação cíclica das regras, a inserção do | z | entrará depois que as regras fonológicas do primeiro ciclo tiverem sido aplicadas, (pois o | z | pertence ao sufixo), quando a base já estiver devidamente acentuada. Ficará, desta forma, resolvido o primeiro problema, ou seja, o da colocação do acento.

A representação em colchetes rotulados (18) será reformulada a seguir onde os colchetes serão colocados de forma diferente. Cada membro de uma categoria maior deve levar de cada lado um colchete.

a) # $\left[\underset{N}{\#} k a f \epsilon \# \right]_N i \tilde{n} + o \# \right]_N$ (singular)

b) # $\left[\underset{N}{\#} k a f \epsilon \# \right]_N i \tilde{n} + o + s \# \right]_N$ (plural)

Com a acentuação da vogal do sufixo, somente no segundo ciclo, tem-se já acentuada a vogal aberta da base, no 1º ciclo, impedindo a sua elevação e permitindo, neste caso, a conservação do seu grau de abertura. Fica, desta forma, resolvido também o segundo problema; ou seja, o da restrição à elevação das vogais menos acentuadas da base. (Vide Yone Leite (1974:114) que tomou posição idêntica com referência aos diminutivos em português).

Uma ilustração das derivações encontra-se na derivação (28) de café.

3.3.4.2. A regra de inserção do $|z|$.

Uma vez escolhido o nível de aplicação da regra de inserção do $|z|$, o primeiro passo a seguir consiste em formular a referida regra para os contextos que exigem a variante "-zinho".

Entretanto, não há uma motivação fonológica para esta regra. Ela é uma regra morfológica, pois sua inserção depende do contexto de morfema.

Com base na análise feita, nos contextos para "-inho" ou "-zinho", podem ser formuladas as seguintes regras morfológicas de inserção de $|z|$:

(23) R M Obrigatória (inserção do z):

(1ª formulação)

1.. (1)	$\emptyset \rightarrow z$ / X	$\left\{ \begin{array}{l} VC_0 \bar{V} \\ \left\{ \frac{1}{r} \right\} \\ \bar{V} (\bar{G}) \\ \bar{V} G \\ C_1 \bar{V} V \\ [+alt] \\ C_1 \check{V} \check{V} \\ [+alt] \\ \bar{V} G V \\ \bar{V} C_1 V C_1 V \\ \bar{V} z V \\ [+post] \end{array} \right.$	$\# \text{---} \tilde{i} \tilde{n} u \text{---}$	(café, baú)
2.. (2)				(mar, farol)
3.. (3)				(pão, vintém, ór - fão, lâ)
4. (4)				(pai, herói)
5.. (5)				(pua)
6. (6)				(pátria)
7. (7)				{ (arraia) (broa [brow \emptyset]) (meia [mej \emptyset])
8. (9)				(página, pátria)
9. (12)				(tese)

A regra (23) pode ser simplificada, pela união de (2) e (4) em (24), pois os dois contextos terminam em um elemento [-silábico].

$$\begin{array}{l}
 1. (2) \quad [X \left\{ \frac{1}{r} \right\}] \\
 2. (4) \quad [X \bar{V} G]
 \end{array}
 \begin{array}{l}
 \diagdown \\
 \diagup
 \end{array}$$

$$(24) \quad + z \tilde{i} \tilde{n} u \quad / \quad XV \quad [- \text{silab}] \# \text{---}$$

É necessário também unir os contextos (5), (6) e (7) da regra (23) em um só, pois observou-se que todos os três contextos têm o penúltimo elemento $\begin{bmatrix} -\text{cons} \\ +\text{alt} \end{bmatrix}$.

$$(25) + \text{zĩnhu} / X \begin{bmatrix} -\text{cons} \\ +\text{alt} \end{bmatrix} \check{V} \# \longrightarrow \begin{cases} (\text{pua}) \\ (\text{pátria}) \\ (\text{meia } [\text{mej}\check{\text{r}}]) \\ (\text{broa } [\text{brow}\check{\text{r}}]) \\ (\text{arraia}) \end{cases}$$

A regra obrigatória (23) passará a ter a seguinte forma:

(26) R M obrigatória (inserção do {z}):

(versão final)

1. (1)	/ X $\left\{ \begin{array}{l} C_0 \check{V} \\ V [-\text{silab}] \\ \check{V} (G) \\ \begin{bmatrix} -\text{cons} \\ +\text{alt} \end{bmatrix} \check{V} \\ \check{V} C_1 V C_0 V \\ \check{V} Z \begin{bmatrix} +\text{voc} \\ -\text{post} \end{bmatrix} \end{array} \right\}$	#	—	$\check{i} \check{n} u$	{ (café, baú)
2. (24) $\emptyset \rightarrow Z$					{ (mar, farol, pai, herói)
3. (3)					{ (pão, vintém, órfão, lâ)
4. (25)					{ (pua, pátria, arraia, meia [mej \check{r}]) (broa [brow \check{r}])
5. (9)					(página, pátria)
6. (12)					(tese)

Será formulada, também, uma regra opcional de inserção | z |, para atender as palavras tipo bola, livro, e broa.

(27) R M opcional: inserção do | z | ($\emptyset \rightarrow z$).

$$\emptyset \rightarrow z / X \left\{ \begin{array}{l} \bar{V} C_1 V \\ \check{V} V \\ [-alt] V \end{array} \right\} \# \text{---} \tilde{i} \tilde{n} o \quad (10) \text{ (bola, livro)}$$

$$(13) \text{ (broa [broa])}$$

$$\text{(meia [mea])}$$

Condição: $C_1 V \neq z \left\{ \begin{array}{l} 0 \\ a \end{array} \right\}$ (casa, rosa)

Os contextos (15) e (11) do Quadro 1 não entraram na formalização das regras (26) e (27), Estas regras merecem uma explicação:

Em (13), referente às palavras tipo broa e meia, onde se pode usar as duas formas de diminutivos, a inserção do | z | é opcional, sem a inserção do glide, onde o contexto fica diferente de (25), no qual o penúltimo elemento é $\left[\begin{array}{l} -cons \\ +alt \end{array} \right]$ e a regra é obrigatória. No contexto (15) referente às palavras terminadas em si bilantes no singular este |s| ou |z|, diante de "-inho", realiza-se como [z], permitindo a interpretação do fato como não inserção de | z |, não havendo razão para ser (15) incluído em (26) (paz + inha \rightarrow [paziñ \varnothing], lápis + inho \rightarrow [lápiziñu]). Quanto aos plurais é necessário um estudo melhor, o que será feito em outro item.

Da mesma forma, as palavras referentes ao contexto (11), tipo casa, para as quais se impôs a condição na regra: $C_1 V \neq z \left\{ \begin{array}{l} a \\ 0 \end{array} \right\}$, podem ser interpretadas como realizadas só com o sufixo "-inho", porque o | z | do radical realiza-se como [z] diante de "-inho". Não se dando a inserção do | z |, mas apenas o truncamento da vogal temática diante de "-inho" ([kaz+a+iñ a] \rightarrow [kaziñ \varnothing]),

Para deixar bem clara a exposição, será apresentada uma derivação com um exemplo de cada grupo de palavras, cujos contextos estão especificados na regra (26), obrigatória.

3.3.4.3. Nomes terminados em vogal tônica:

Iniciaremos por apresentar uma derivação com a palavra terminada em vogal tônica, onde o acento 1 é representado por (˘) e o acento 2 é representado por (˘).

(28) Derivação de cafezinho e cafezinhos:

F Subjacente | kafɛ #iĩ+o | | kafɛ#iĩ+o+s |

1º ciclo:

1.R Morfológicas:

(20) acento M. kafɛ# ——— kafɛ# ———

2.R Fonológicas: (não há contexto)

2º ciclo:

1.R. Morfológicas:

(26) inserção do | z | kafɛ#ziĩ+o kafɛ #ziĩ+o+s

2.R. Fonológicas:

(19) acento kafɛ#ziĩ+o kafɛ#ziĩ+o+s

(16) nasalização kafɛ#ziĩ+o kafɛ#ziĩ+o+s

(29) elev. de V. kafɛ#ziĩ+u+s kafɛ#ziĩ+u+s

(30) s → š ——— kafɛ#ziĩ+u+š

F Fonética

[kafɛziĩnu]

[kafɛziĩnuš]

A acentuação, no segundo ciclo, do sufixo com acento 1 (˘), abaixa, automaticamente, para acento 2 (˘), o acento 1 da base.

Conforme se observa, a regra de inserção do | z | aplicada aqui, é uma regra obrigatória e dá conta de palavras terminadas em vogal tônica precedida de consoante ou de vogal (VC₀V̄).

café	cafezinho	* cafeinho
baú	bauzinho	* bauinho

Com exceção às regras de inserção do | z | (26) e (27), formuladas neste trabalho, as outras regras usadas nesta derivação são regras fonológicas, comuns dentro do português.

A regra de elevação de vogais átonas finais | e |, | o | pode ser formulada como em (29).

(29) R F de elevação de vogais ($\begin{bmatrix} e \\ o \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} i \\ u \end{bmatrix}$) :

$$\begin{array}{c} V \\ \left[\begin{array}{l} - \text{ alt} \\ - \text{ bx} \\ - \text{ ac} \end{array} \right] \longrightarrow \left[+ \text{ alt} \right] / \text{ — } (s) \# \end{array}$$

A regra que reescreve | s | em [^vs] em posição final é dialeto do sul do país. Foi formulada, por outros estudiosos, uma regra mais completa da realização do | s |, em outros ambientes. Como não foi encontrada uma regra que satisfizesse os propósitos deste trabalho, será formulada, agora, uma regra de realização do | s | em posição final de palavra. Mais adiante será apresentada uma regra mais completa para outros contextos de | s |.

(30) R.F. de palatização do s (s → s ou \check{s})

$$\begin{array}{c} C \\ \left[\begin{array}{l} + \text{ cont} \\ - \text{ soant} \\ + \text{ cor} \end{array} \right] \rightarrow \left[- \text{ son} \right] / \text{---} \left\{ \begin{array}{l} \# \\ C \end{array} \right\}$$

Em resumo, quando se trabalha com regras cíclicas há dois tipos de regras em cada ciclo, a partir da base, sintática: as morfológicas e as fonológicas, sendo que as primeiras (morfológicas) se aplicarão inicialmente.

Sendo assim, serão aplicadas as regras morfológicas de acento, depois as fonológicas, na base (1º ciclo) da esquerda para a direita. No início do 2º ciclo, a mesma ordem deverá ser seguida, ou seja, regras morfológicas primeiro, depois as fonológicas ao novo conjunto.

Dessa forma a regra alomórfica de inserção do | z | será aplicada no início do 2º ciclo.

3.3.4.4. Outros contextos.

Os nomes correspondentes aos grupos representados por, jaú, pua, pai, tese, página não oferecem maiores problemas.

A seguir, será feita uma demonstração, apresentando as formas subjacentes dessas palavras e as derivações respectivas, no singular e plural. Para isso, foi escolhida apenas uma palavra representante de cada grupo.

(31) Derivação de bauzinho - bauzinhos:

F subjacente: | bau # iñ+o | | bau # iñ+o+s |

1º ciclo:

1.R. Morfológicas:

(20) acento baū # — baū # —

2.R. Fonológicas: (não há contexto)

2º ciclo:

1.R. Morfológicas:

(26) inserção do |z| baū # ziñ+o baū # ziñ+o+s

2.E. Fonológicas:

(19) acento baù # zĩñ+o baù # zĩñ+o+s

(16) nasalização baũ # zĩñ+o baũ # zĩñ+o+s

(29) elev. V baũ # zĩñ+u baũ # zĩñ+u+s

(30) s → s̃ — — baũ # zĩñ+u+s̃

F Fonética [baũziñu] [baũziñu^{s̃}](32) Derivação de puazinha - puazinhas:

F. Subjacente | pua # iñ+a | | pua # iñ+a+s |

1º ciclo:

R. Morfológicas: (não há contexto)

2.R. Fonológicas:

(19) acento pūa # — pūa # —

(33) elev. V pú^ɸ # — pú^ɸ # —

2º ciclo:

1.R. Morfológicas:

(26) inserc. | z | pũʔ # ziña pũʔ # ziñ+a+s

2.R. Fonológicas:

(49) acento pũʔ # zĩñ+a pũʔ # zĩñ+a+s

(16) nasalização pũʔ # zĩñ+a pũʔ # zĩñ+a+s

(33) elev. v pũʔ # zĩñ+ʔ pũʔ # zĩñ+ʔ +s

(30) s → š — — pũʔ # zĩñ+ʔ +š

F. Fonética [pũʔ zĩñʔ] [pũʔ zĩñʔ š]

Observou-se, aqui, que o acento secundário se conserva na sílaba tônica da base. Se a vogal | u | de puazinha não ficasse com acento 2, ela deveria perder o traço silábico, tornando-se [w] diante de vogal [- alta]. O que não ocorreu, vindo a confirmar a necessidade de regras fonológicas a serem aplicadas ciclicamente, com os sufixos diminutivos, quando se anexam à base lexical.

A regra de elevação de | a | em posição final pode ser formulada em (33):

(33) R F de elevação de a: (a → ʔ / — #)

$$\begin{array}{c} V \\ \left[\begin{array}{l} + \text{ post} \\ - \text{ arr} \\ - \text{ ac} \end{array} \right] \longrightarrow \left[- \text{ bx} \right] / \text{ — } (s) \# \end{array}$$

(34) Derivação de paizinho - paizinhos:

F. Subjacente | pai # iñ+o | | pai # iñ+o+s |

1º ciclo:

1.R. Morfológicas: (não há contexto)

2.R. Fonológicas:

(19) acento	pāi # —	pāi # —
(35) -traço silab	pāj # —	pāj # —

2º ciclo:

1.R. Morfológicas:

(26) inserc. z	pāj # ziñ+o	pāj # ziñ+o+s
------------------	-------------	---------------

2.R. Fonológicas:

(19) acento	pāj # zĩñ+o	pāj # zĩñ+o+s
(16) nasalização	pāj # zĩñ+o	pāj # zĩñ+o+s
(29) elev. V	pāj # zĩñ+u	pāj # zĩñ+u+s
(30) s → š	_____	pāj # zĩñ+u+š

F. Fonética

[pājzĩñu]

[pājzĩñuš]

Foi aplicada apenas uma regra a mais nesta derivação, onde a vogal alta | i | perde o traço silábico. É uma regra comum ao português e pode ser formulada como (35):

(35) R F de alteração do traço silábico ($\begin{bmatrix} i \\ u \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} j \\ w \end{bmatrix}$)

$$\begin{bmatrix} + \text{ alt} \\ - \text{ ac} \end{bmatrix} \xrightarrow{V} \begin{bmatrix} - \text{ silab} \end{bmatrix} / \begin{bmatrix} - \text{ alt} \\ - \end{bmatrix} \text{ —}$$
(36) Derivação de tesezinha - tesezinhas:

F. Subjacente

| tez+e # iñ+a

tez+e # iñ+a+s |

1º ciclo:

1.R. Morfológicas: (não há contexto)

2.R. Fonológicas:

(19) acento	tēz+e # ———	téz+e # ———
(29) elev. V	tēz+i # ———	téz+i # ———

2º ciclo:

1.R. Morfológicas:

(26) inserc. z	tēz+i # zĩñ+a	téz+i # zĩñ+a+s
------------------	---------------	-----------------

2.R. Fonológicas:

(19) acento	têz+i # zĩñ+a	têz+i # zĩñ+a+s
(16) nasal.	têz+i # zĩñ+a	têz+i # zĩñ+a+s
(33) elev. V	têz+i # zĩñ+ø	têz+i # zĩñ+ø+s
(30) s → ṣ	—————	têzi #zĩñ+ø + ṣ
F. Fonética	[têzizĩñø]	[têzizĩñø ṣ]

(37) Derivação de paginazinha - paginazinhas:

F. Subjacente | pāžin+a # iñ+a | pāžin+a # iñ+a+s |

1º ciclo:

1.R. Morfológicas:

(21) acento	pāžin+a # ———	pāžin+a # ———
-------------	---------------	---------------

2.R. Fonológicas:

(33) elev. V	pāžin+ø # ———	pāžin+ø # ———
--------------	---------------	---------------

2º ciclo:

1.R. Morfológicas:

(26) inserc. do z	pāžin+ø # zin+a	pāžin+ø # zĩñ+a+s
---------------------	-----------------	-------------------

2.R. Fonológicas:

(19) acento	pāžin+ø # zĩñ+a	pāžin+ø # zĩñ+a+s
-------------	-----------------	-------------------

(16) nasal.	pãžin+ʋ # zĩñ+a	pãžin+ʋ # zĩñ+a+s
(33) elev. V	pãžin+ʋ # zĩñ+ʋ	pãžin+ʋ # zĩñ+ʋ+s
(30) s → š	_____	pãžin+ʋ # zĩñ+ʋ+š
F. Fonética	[pãžinʋ zĩñʋ]	[pãžinʋzĩnhʋš]

Como se pôde notar, em derivações anteriores, quando o acento da base é aplicado por uma regra fonológica, esta inicia a seqüência de regras fonológicas. E quando o acento é colocado por uma regra morfológica, esta inicia a seqüência de regras morfológicas.

3.3.5. Problemas com esta hipótese:

Os nomes terminados em nasal ou consoante apresentam problemas relacionados com a flexão de número e gênero.

Sabe-se que tais palavras no plural sempre aparecem com uma alteração do final do radical. Algumas destas alterações são: ao → aos,ães,ões; r → res; l → is, eis, s.

Uma outra alteração ocorre com as palavras que flexionam no feminino como: leão → leoa; anão → anã, doutor → doutora, etc.

Ao ser anexado o sufixo diminutivo, observou-se nestes nomes, a permanência da desinência da base, além do sufixo também flexionar em gênero e número.

Exemplificando, ao se anexar o sufixo à base, obtém-se o seguinte resultado depois da regra de inserção do | z |.

masculino - leão leãozinho leõe(s)zinhos

feminino	-	leoa	leoazinha	leoa(s)zinhas
masculino	-	irmão	irmãozinho	irmão(s)zinhos
feminino	-	irmã	irmãzinha	irmã(s)zinhas
masculino	-	capitão	capitãozinho	capitãe(s)zinhos
feminino	-	capitã	capitãzinha	capitã(s)zinhas
		farol	farolzinho	farói(s)zinhos
masculino	-	doutor	doutorzinho	doutore(s)zinhos
feminino	-	doutora	doutorazinha	doutora(s)zinhas

Com muitos falantes ouve-se, tranqüilamente, bem acentuado, o |s| [z] do plural da base, seguido do [z] inicial do sufixo.

Estes fatos conduzem o pesquisador a considerar estas estruturas idênticas às de palavras compostas do tipo de outras do português, como:

banana	-	maçã
bananas	-	maças

onde permanece a flexão da base.

Isto dá evidências para supor que, nas formações de palavras com os diminutivos, há duas bases, ou seja, há uma palavra formada por composição e não por derivação sufixal como se havia suposto. Pois os sufixos em português nunca são precedidos de flexão. (meninas + adas → meninadas).

A estrutura dos nomes simples em português é a seguinte:

Radical + V T + (Gênero) + (Número)

Os nomes compostos como banana-maçã têm a seguinte estrutura:

$$\# R_1 + VT + (g) + (n^\circ) \#\#: R_2 + (VT) + (g) + (n^\circ) \#$$

onde R_1 e R_2 são radicais do 1º e do 2º nome respectivamente, (VT) é vogal temática, (g) é desinência de gênero e (n°) é desinência de número. Os três últimos são opcionais.

Os nomes com os diminutivos se adaptam perfeitamente a esta estrutura de nomes compostos.

Com base nas observações acima, pode-se imaginar os colchetes como em (38):

(38)

- a) $\# \left[\# \underset{N}{\text{banan+a+s}} \# \right]_N \quad \left[\# \underset{N}{\text{masan+a+s}} \# \right]_N \# \right]_N$
- b) $\# \left[\# \underset{N}{\text{kapitan+i+s}} \# \right]_N \quad \left[\# \underset{N}{\text{ziñ+o+s}} \# \right]_N \# \right]_N$

É conveniente lembrar, aqui, a palavra na concepção de Chomsky e Halle: um elemento entre junturas como $\#\# X \#\#$, onde X é uma palavra qualquer.

3.3.6. Inconvenientes da segunda hipótese :

- a) Não é econômica na medida em que é preciso o uso de dois tipos de regras para a inserção do (z), uma obrigatória, (26) e outra opcional, (27).
- b) Não é adequada, visto que são formuladas regras que

especificam em vez de generalizar, pois não há contexto exclusivo para "-inho", enquanto "-zinho" pode ocorrer em todos os contextos.

- c) Há problemas com derivações de formas flexionadas nos contextos de nasal, | r | e | l |, quando a juntura usada deveria ser a de palavra composta (##), porque as desinências de gênero e número ocorrem antes do diminutivo.

Uma vez consideradas as formações com diminutivos como palavras compostas, onde os dois elementos (N e N) entram no léxico, a forma preferida do diminutivo deve ser "zinho" que já existe nos dicionários como nome, com o significado de indivíduo⁹, sujeito de menor importância e como sufixo significando diminuição¹⁰. Caso ocorra a queda do | z | obtém-se uma composição por aglutinação desaparecendo a desinência do 1º elemento da composição. Isto sugere escrever ortograficamente os nomes separados por hífen (café - zinho), (corações-zinhos). Os diminutivos deixariam de ser exceções nas gramáticas escolares, simplificando-as.

3.4. Terceira Hipótese: a forma subjacente é "zinho"

3.4.1. Considerações iniciais.

Nesta hipótese será apresentado "-ziño" como forma básica dos diminutivos, onde o processo de formação de palavras é uma composição.

Observou-se inicialmente o seguinte: A flexão de gênero e número, tanto no primeiro nome, como no segundo nome está bem clara no quadro 2 a seguir.

QUADRO 2 - ESTRUTURA DOS NOMES COMPOSTOS ¹¹

	TEMA		desinência			TEMA		desinência		
	RADICAL	VT	g	nº		RADICAL	VT	g	nº	
##	menin	o		s	##	ziñ	o		s	##
##	menin	o	a	s	##	ziñ	o	a	s	##
##	flor	i		s	##	ziñ	o	a	s	##
##	farol	i		s	##	ziñ	o		s	##
##	leon	i		s	##	ziñ	o		s	##
##	leon	i	a	s	##	ziñ	o	a	s	##
##	kapitan	i		s	##	ziñ	o		s	##
##	kapitan	i	a	s	##	ziñ	o	a	s	##
##	doutor	i		s	##	ziñ	o		s	##
##	doutor	i	a	s	##	ziñ	o	a	s	##

Onde, Radical + vogal temática, formam o tema ou base de cada nome da composição.

É necessário aqui um parêntese para se refletir sobre as palavras formadas com os diminutivos depois dos fatos observados até agora. Levando-se em conta uma formação como capitãozinho, observou-se o seguinte:

- 1) considerando o aspecto fonológico, há dois vocábulos, cada um com sua individualidade fonética, o seu acen

to. (capitão + zinho).

- 2) sob o aspecto formal, observou-se que também há dois nomes, uma vez que cada um possui a estrutura ótima de um nome.

(39)

- a) capitão + zinho # R + VT + g + n° ## R + VT + g + n° #
 b) capitais + zinhos # R + VT + g + n° ## R + VT + g + n° #

Onde g, representa gênero e n°, número.

- 3) observando-se agora o aspecto semântico, confirma-se a hipótese de um processo de composição de palavras com os diminutivos porque há dois radicais, isto é, dois elementos com significado extra-lingüístico.

Um dos conceitos comumente aceitos para palavra composta é a reunião de dois ou mais significados extra-lingüísticos com um terceiro significado. Em "banana-maçã" há dois conceitos: uma banana e uma maçã. Reunindo estes dois conceitos, aparece um terceiro que é, um tipo de banana, macia como maçã, ou, com gosto de maçã: banana-maçã.

O mesmo pode-se dizer com referência às formações que constituem o objeto desta pesquisa:

Em capitão-zinho há dois conceitos: o de capitão e o de diminuição (pouca importância). Reunindo os dois conceitos, forma-se um terceiro conceito que é: capitão de pouca importância: capitãozinho.

Voltando agora à hipótese que está sendo testada, observou-se que a forma ideal para a base dos diminutivos é "zinho". Pois é mais natural ao português, existirem palavras compostas pe

la aglutinação, onde caem elementos, do que compostas pela adição de elementos.

Retomando agora o processo de composição de palavras, pode-se observar a seguinte estrutura em (39) para os nomes compostos:

(40)

$$\left[\# \left[\# \left[R_1 + (VT) + (g) + (n^\circ) \# \right] \# \right] \# \right] \# \left[\# \left[\# \left[R_2 + (VT) + (g) + (n^\circ) \# \right] \# \right] \# \right] \# \# \#$$

Uma representação em colchetes rotulados é apresentada em

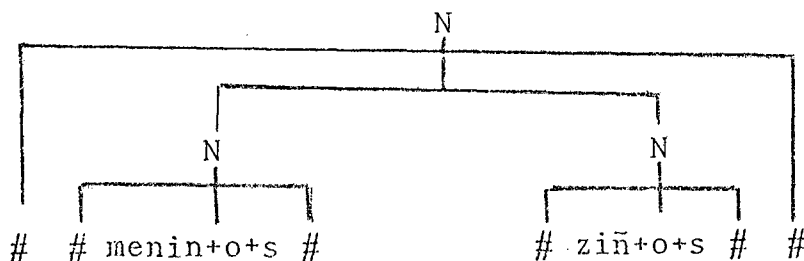
(41)

$$\left[\# \left[\# \left[\# \text{menin+o+s} \# \right] \# \right] \# \right] \# \left[\# \left[\# \left[\# \text{ziñ+o+s} \# \right] \# \right] \# \right] \# \# \#$$

Esta seqüência será então o "input" do componente fonológico.

Representando-se esta estrutura em árvore, aparece mais clara a noção de composição, onde os dois nomes estão sobre o rótulo da categoria maior N (nome), como em (42):

(42)



A análise da distribuição dos diminutivos em 3.1. mostrou que "-zinho" pode ocorrer em todos os contextos. "zinho" é a entrada lexical para os diminutivos e tem o rótulo N.

3.4.2. A queda do | z |:

Com base na distribuição de "-inho" e "-zinho" apresentada em 3.1. e sintetizada no quadro 1, será apresentada uma primeira proposta de regra morfológica da queda do | z | em (43). É suficiente apenas uma regra. Ela será testada a seguir, podendo ser também reformulada.

(43) R M de queda do z. (z → ∅)

(1ª formulação - opcional)

$$z \rightarrow \emptyset \quad / \quad X \left\{ \begin{array}{l} \bar{V} C_1 V \\ \left[\begin{array}{l} \bar{V} \\ [-alt] \end{array} \right] V \end{array} \right\} \quad \#\# \quad \text{---} \quad \tilde{i}n\tilde{u} \quad (10) \quad (\text{livro, bola})$$

$$(13) \quad \left\{ \begin{array}{l} (\text{broa}) \quad | \text{broa} | \\ (\text{meia}) \quad | \text{mea} | \end{array} \right.$$

Condição $C_1 \neq z$ (tese, fase)

A regra de alomorfia (43), que se chama de queda do | z | é uma regra opcional, e elimina o | z | em compostos que apresentam contexto para a aglutinação. São palavras tipo bola, livro, broa [broa], meia [mea] .

Esta formulação requer uma explicação:

1.) O contexto (10) que entra na regra (43) pode ocorrer também com o nome "-zinho", embora se encontrem muitas palavras em português que aceitam melhor o nome "-inho".

Por exemplo: as palavras como livrinho, menininho, caderninho, dedinho etc. são muito usadas no ambiente familiar, situação ideal para se usar o diminutivo com o sentido de carinho, como foi visto na primeira parte deste trabalho.

Nestes casos, a regra morfológica da queda de | z | encontra uma motivação semântica, para ser aplicada nos contextos em que existe, em estado potencial, esta possibilidade. Esta motivação semântico/morfológica é aceita pelo sistema fonológico do português.

Observou-se, aqui, o inter-relacionamento do componente semântico com os outros componentes da gramática.

2.) Voltando agora à regra (43) de queda do | z |, observou-se que o contexto (13) de palavras (tipo broa, meia) foi incluído aqui nesta regra por apresentar comportamento duplo, como já se viu. Se o falante inserir o glide entre as vogais, a queda do | z | não se realiza, por não encontrar o contexto da regra (43). Isto quer dizer que, uma vez inserido o glide em [browp̃] e [meju], não há contexto para a aplicação de (43) pois o mesmo fica idêntico ao de outras palavras com o contexto (25), ou seja, /X $\begin{bmatrix} -\text{cons} \\ +\text{alt} \end{bmatrix} \check{V}$ (Como: pua, pátria, arraia) onde o | z | não cai.

3.) A condição $C_1 \neq z$ se explica pelo fato de que nas palavras terminadas em consoante | z | mais a vogal | e | [i] não ocorre a queda do | z |. De acordo com esta regra,

nos nomes terminados em $z \left\{ \begin{smallmatrix} 0 \\ a \end{smallmatrix} \right\}$ como, casa e caso, onde nunca ocorre a queda do $| z |$, a aglutinação é obrigatória. Isto poderia ser explicado por uma regra de haplologia, tal como em bondade \rightarrow bondadoso \rightarrow bondoso, haveria casa \rightarrow casazinha \rightarrow ? cazinha \rightarrow casinha (ortograficamente). Vide descrição mais adiante onde será tomada uma posição mais natural, pois, nem sempre, o mais simples representa a realidade psicológica.

Em 3.4.3.3. serão apresentadas as derivações com este grupo de nomes.

Uma vez formulada a regra (43), surge um inconveniente. Há uma série de palavras compostas com "-zinho", no português que apresentam o contexto (10) da regra (43), mas neste contexto nunca ocorre a queda do $| z |$. As seguintes palavras servem para exemplificar esta afirmação:

aquelazinha ali	-	* aquelinha
estazinha aqui	-	* estinha
umazinha só	-	* uminha
umazinha qualquer	-	* uminha

Observou-se, entretanto, que estas últimas palavras que se juntam a "zinho" não são nomes, mas pronomes, artigos e numerais, enquanto as outras palavras do radical, às quais se refere a regra (43), são todas um nome (N).

Estas observações sugerem uma reformulação na regra de queda do $| z |$, na qual uma informação gramatical irá restringir a aplicação da regra a nomes ¹¹.

A regra (43) será então reformulada incluindo-se nela a marcação $\left[\begin{smallmatrix} \\ N \end{smallmatrix} \right]$ à regra como em (44):

3.4.3. Aplicação das regras relacionadas com o processo de composição de palavras com "-zinho":

3.4.3.1. Nomes paroxítonos terminados em vogal, cujo contexto (10) se inclui na regra (44).

a) livro, livrinho, livrozinho, livrinhos, livrozinhos
(XVC₁V).

O primeiro problema que surge aqui é o do lugar em que a regra morfológica deve ser aplicada. É possível se supor duas maneiras de tratar o problema:

- 1) Como tratamos agora com elementos de composição de palavras, as regras poderiam ser aplicadas ao nível de cada palavra. Isto é, primeiro as regras morfológicas e depois, as fonológicas de cada palavra ao mesmo tempo.
- 2) Ou então, as regras seriam aplicadas em ciclos como já foi feito com a 2^a hipótese deste trabalho, pois os dois elementos da composição (livro e zinho) têm o rótulo de N e não LN, como se pode observar nas seguintes representações rotuladas.

$$\left[\begin{array}{c} \text{N} \\ \# \end{array} \right] \left[\begin{array}{c} \text{N} \\ \# \end{array} \right] \text{livr+o} \left[\begin{array}{c} \# \\ \text{N} \end{array} \right] \left[\begin{array}{c} \text{N} \\ \# \end{array} \right] \text{ziñ+o} \left[\begin{array}{c} \# \\ \text{N} \end{array} \right] \left[\begin{array}{c} \# \\ \text{N} \end{array} \right]$$

$$\left[\begin{array}{c} \text{N} \\ \# \end{array} \right] \left[\begin{array}{c} \text{N} \\ \# \end{array} \right] \text{ka'fe} \left[\begin{array}{c} \# \\ \text{N} \end{array} \right] \left[\begin{array}{c} \text{N} \\ \# \end{array} \right] \text{'ziñ+o} \left[\begin{array}{c} \# \\ \text{N} \end{array} \right] \left[\begin{array}{c} \# \\ \text{N} \end{array} \right]$$

Levando-se em conta a primeira suposição, surge, no entanto, um inconveniente com nomes de acento fonológico (paroxítonos), ou seja, a regra morfológica da queda do | z | que deveria ser aplicada antes das regras fonológicas, não encontra contexto ótimo para sua aplicação, pois a regra de acento fonológico ainda não se aplicou no primeiro nome.

Uma solução seria levar a queda do | z | a ser aplicada por último. No entanto, há outro inconveniente, que é a aplicação da regra morfológica da queda do | z | depois das regras fonológicas, contrariando um princípio da fonologia gerativa que preconiza para as regras fonológicas serem ordenadas depois das morfológicas em cada palavra.

Para evitar estes inconvenientes, preferiu-se, neste trabalho, a aplicação das regras em ciclos, como uma segunda maneira de tratar o problema acima apontado. As regras serão, então, aplicadas da seguinte forma: primeiro as morfológicas, seguidas das fonológicas do primeiro nome, no primeiro ciclo; depois as regras morfológicas, seguidas das fonológicas do segundo nome, no segundo ciclo. Haverá um terceiro ciclo, necessitando-se aplicar novas regras ao novo conjunto. O reajuste do acento do novo conjunto, como um todo, poderá fazer parte do terceiro ciclo, entretanto, por enquanto, pode ser simultâneo com o acento 1 do 2º ciclo.¹² Em contexto onde ocorre a queda do | z | haverá um terceiro ciclo, logo depois das regras morfológicas do segundo ciclo, onde as regras serão aplicadas agora à nova palavra composta como um todo, porque a queda do | z | no 2º ciclo, motiva o processo de aglutinação da palavra, onde a juntura (##) passará para (+). Dessa forma, neste terceiro ciclo, aplicam-se primeiro as regras morfológicas (truncamento da vogal temática do primeiro nome), final -

(46) Derivação de livrozinho - livrozinhos:

F. Subjacente: | livr+o##ziñ+o | | livr+o+s##ziñ+o+s |

1º ciclo:

1. R. Morfológicas: (não há contextos)

2. R Fonológicas:

(19) acento	lív+o#	—	lív+o+s#	—
(29) elev. de V	lív+u#	—	lív+u+s#	—
(47) s → z ¹⁴	—	—	lív+u+z#	—
(48) simplif.	—	—	lív+u #	—

2º ciclo:

1. R. Morfológicas: (é opcional)

2. R. Fonológicas:

(19) acento	lîvr+u##zîñ+u		lîvr+u ##zîñ+u+s
(16) nasalização	— ##zîñ+u	.	— ##zîñ+u+s
(47) s → ŝ	—	—	— ##zîñ+u+ŝ
F F	[lîvruzîñu]		[lîvruzîñuŝ]

Aqui não houve um terceiro ciclo porque não houve a aglutinação de palavras. O reajuste do acento foi simultâneo, não havendo necessidade de regras ao novo conjunto como um todo.

(46) é uma derivação onde o falante não usou a regra morfológica de queda do | z |, pois sabe-se que ela é opcional.

Foram incluídas, entretanto, nesta derivação, as regras de reajuste de acento, assimilação e simplificação de | s | do plural.

A regra de reajuste do acento considera, nos compostos,

que o acento principal, colocado à direita do segundo nome, abaixa automaticamente para acento secundário, o acento principal do nome à esquerda:

[# lívr+o+s | # | # zĩñ+o | → [lívr+zĩñu]

A regra de assimilação formulada em (47) dá conta deste tipo de assimilação e de outras realizações de | s |.¹⁵

(47) R F de assimilação do s: $(s \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} s \check{s} z \check{z} \\ s \check{s} \\ z \end{array} \right\})$

$\left[\begin{array}{l} +cont \\ -soant \\ +cor \end{array} \right]$	}	$C \left[\begin{array}{l} \alpha son \\ -son \end{array} \right] / \text{---} \left\{ \begin{array}{l} \alpha \\ \check{\alpha} \end{array} \right\} \left[\begin{array}{l} C \\ \alpha \end{array} \right] \text{son}$	$\left\{ \begin{array}{l} (pa [s] \#forçada, pa [\check{s}] \#\#forçada) \\ (pa [z] \#vibrante, pa [\check{z}] \#\#vibrante) \\ (fe [s] ta, fe [\check{s}] ta) \\ (ne [z] ga, ne [\check{z}] ga) \end{array} \right.$
		$\left[\begin{array}{l} + \\ - \end{array} \right] \text{ant} / \text{---} \left\{ \begin{array}{l} \# \\ \#\# \end{array} \right\} V$	$\left\{ \begin{array}{l} (ma[s] \#\#\#) \\ (ma[\check{s}] \#\#\#) \end{array} \right.$
		$\left[\begin{array}{l} + \\ + \end{array} \right] \text{son} / \text{---} \left\{ \begin{array}{l} \# \\ \#\# \end{array} \right\} V$	$\left\{ \begin{array}{l} (a [z] \#azás., lapi [z] \# eira). \\ (lapi [z] \#\#amarelo) \end{array} \right.$

A regra de simplificação pode ser formulada como a

(48):

(48) R Fonológica de simplificação de consoantes:

(zz → z) (opcional):

C	C	
1	2	⇒
∅	2	

Condição: 1 = 2

Obtém-se, desta forma, explicação para a realização fonética de compostos por justaposição com diminutivos. Não é necessária a juntura ## na regra porque esta aglutinação independe de junturas.

[lîvruzînu] e [lîvruzîñus]

A seguir será visto o que pode ocorrer quando o falante opta pela formação de palavras compostas por aglutinação.

(49) Derivação de livrinho - livrinhos.

F. Subjacente: | livr+o##ziñ+o | livr+o+s##zin+o+s

1º ciclo:

1. R. Morfológicas: (não há contexto)

2. R. Fonológicas:

(19) acento	lîvr+o ##-----	lîvr+o+s ##-----
(29) elev. Vogal	lîvr+u ##-----	lîvr+u+s ##-----
(47) s → z	-----	livr+u+z ##-----
(48) simplif.	-----	livr+u ##-----

2º ciclo:

1. R. Morfológicas:

(45) queda do z	----- + iñ+o	----- + iñ+o+s
-----------------	--------------	----------------

3º ciclo:

1. R. Morfológicas:

(50) truncamento	lîvr + iñ+o	lîvr + iñ+o+s
------------------	-------------	---------------

2. R. Fonológicas:

(19) acento	lîvr + iñ+o	lîvr + iñ+o+s
(16) nasalização	lîvr + îñ+o	lîvr + îñ+o+s

(29) elev. vogal	lîvr + îñ+u	lîvr + îñ+u+s
(47) s → š	lîvr —	lîvr + îñ+u+š
F. Fonética	[lîvrîñu]	[lîvrîñuš]

A regra fonológica de acento no 2º ciclo passa o acento 1 (˘) para o acento 2 (˘). Pois quando se dá a aglutinação, a sílaba de acento 1 do primeiro nome passa, automaticamente, a acento 2.

Acrescentou-se, na derivação (49), uma regra morfológica de truncamento, onde a vogal átona final cai quando seguida de vogal na palavra seguinte que se aglutinou. Esta regra pode ser formulada como a (50):

(50) R. Morfológica de truncamento da VT:

(VT → ∅ - obrigatória)

$$[VT] \rightarrow \emptyset \quad /+ \text{ — } + V X \quad \#]_N$$

O truncamento da vogal temática tem sido consagrado na literatura lingüística como uma regra fonológica. No entanto, esta regra, aqui, comporta-se como uma regra morfológica porque é motivada pela junção de morfema (+), seguida de um morfema que inicia por vogal, em palavra composta por aglutinação. Com a junção de palavra não ocorre este truncamento como se pode ver em "casa ## íntima", "roupa ## íntima", "alma ## integra" etc. E no interior das palavras sem a junção (+) também não se dá a aglutinação (tainha não se realiza como *tinha, nem bainha, como *binha).

Resumindo, foi visto até aqui que o processo morfológi-

co de aglutinação de palavras formadas com os diminutivos é explicado pela aplicação de uma regra morfológica, no início do 2º ciclo, onde o | z | cai em determinados contextos substituindo a jun_{tu}ra de palavra (##) pela jun_{tu}ra de morfema (+). Uma vez obtida a jun_{tu}ra (+) inicia-se o 3º ciclo, com a aplicação do truncamento da vogal temática e, em seguida, das outras regras fonológicas, ao novo nome (composto) como um todo.

3.4.3.2. Nomes paroxítonos terminados em ZV.

(za, ze, zi, zo, zu)

Quanto à regra (45) de queda do | z | verificou-se que a condição $C_1 \neq z$ bloqueia a aglutinação de palavras como fase, tese, base que nunca se realizam com "-inho".

Entretanto, há palavras terminadas em za [zɸ] e zo [zu], que se realizam obrigatoriamente com "-inho", pelo menos superficialmente. Os exemplos abaixo ilustram a explicação.

XII

a) não se realiza a queda de z.

[zi]	tese	* tesinha	tesezinha
[zi]	fase	* fasinha	fasezinha
[zi]	base	* basinha	basezinha

b) aparentemente houve queda de | z | obrigatória.

[zɸ]	casa	casinha	* casazinha
[zu]	caso	casinho	* casozinho
[zɸ]	mesa	mesinha	* mesazinha

Observou-se que com as vogais finais em | e | é que fica bloqueada a aplicação da aglutinação.

Pode-se supor três soluções para o problema em questão:

1) a primeira solução já foi proposta, para conservar a regra (45), com a informação de que o elemento C_1 deve ser diferente de |z|. Não se precisaria marcar as palavras tipo tese, base, fase porque a informação sobre a C_1 , diferente de |z|, bloquearia a aplicação da regra da queda do |z|, obtendo-se as composições, tesezinhas, fasezinhas e basezinhas.

As palavras tipo casa, mesa, vaso, seriam compostas com o diminutivo "zinho", não sofrendo a aplicação da queda do |z| porque a informação, $C_1 \neq z$, bloquearia a aplicação desta regra. A forma fonética poderia ser explicada por haplologia em 3.4.2.

Como nos compostos, a regra da queda do |z| (que é uma regra morfológica e atua antes das fonológicas) não se aplicaria. As palavras tipo mesa, caso seria aplicada a regra de haplologia, neste último estágio, obtendo-se casinha, de casazinha, mesinha, de mesazinha e casinho de casozinho. Entretanto a haplologia não parece uma solução muito natural, mesmo como regra morfológica, apesar de ser a solução mais simples.

2) uma segunda solução seria proposta a seguir, onde se poderia eliminar da regra da queda do |z|, (45), a informação, que o elemento $C_1 \neq z$, para dar conta das palavras tipo caso, mesa (terminadas em [za], [zo] e teríamos mesa + zinha → meszinha → mesinha. Desta forma seria necessário marcar as palavras como tese, fase, base (terminadas em ze) com a informação, [- regra de queda do z]. Entretanto a marcação no léxico será sempre evitada por se mostrar pouco econômica e menos natural.

3) uma terceira solução, que será aceita neste trabalho, é que a regra de queda do | z | apresente condições, dizendo que com as palavras terminadas em | ze |, a regra não ocorre; com os terminados em | z {₀^a } |, é obrigatória; e nos demais contextos da regra, ela é opcional.

A forma final da regra de queda do | z | será a seguinte:

(51) Regra morfológica da queda do | z | : (forma final)

$$\begin{array}{l}
 \left[X \left\{ \begin{array}{l} \bar{V} C_1 V \\ \bar{V} V \\ [-alt] \end{array} \right\} \right]_N \quad \begin{array}{l} [##] [z] [in+o] \quad (10) \text{ (livro, bola)} \\ (13) \text{ (broa [broa])} \\ \text{(meia [mea])} \end{array} \\
 \begin{array}{cccc} 1 & 2 & 3 & 4 \Rightarrow \\ 1 & + & \emptyset & 4 \end{array}
 \end{array}$$

Condições: a) R. Obrigatória em nomes terminados em $[z \{ \substack{a \\ 0} \}]$

b) Não se aplica em nomes terminados em | ze |

c) R. Opcional nos demais contextos da regra.

Segue uma derivação destes dois tipos de palavras, tipo fase e casa.

(52) Derivação de casinha e fasezinha:

	a)	b)
FS.	faz+e##ziñ+o+a	kaz+a###ziñ+o+a
1º ciclo	1º ciclo	1º ciclo
1. R.M.	(Não há contexto)	(Não há contexto)
(19) acento	fáz+e##——	káz+a##——
(33)(29) elev. V	fáz+i##——	káz+ɸ##——
2º ciclo	2º ciclo	2º ciclo
1. R.M.		
(50) truncamento	——##ziñ+a	——##ziñ+a
(51) queda do z	(não se aplica)	káz+ɸ + iñ+a
2. R.F.		
(19) acento	fáz+i##ziñ+a	
(16) nasaliz.	——##ziñ+a	
(33) elev. V	——##ziñ+ɸ	
F.F.	[fãzizĩɸ]	3º ciclo
1. R.M.		
(50) truncamento		káz + iñ+a
2. R.F.		
(19) acento		káz + iñ+a
(16) nasaliz.		káz + iñ+a
(33) elev. V		káz + iñ+ɸ
F F		[kãziñɸ]

Nesta derivação dá-se o truncamento da vogal temática de "zinho" diante de morfema do gênero |a|, adicionado pelas regras de concordância com o primeiro nome. A regra (50) explica este processo de truncamento da VT, antes de morfema iniciado por V.

Explicando agora, a queda do z não ocorre em faze + zinha, mas pode, então, ser aplicada a casa + zinha obrigatoriamente.

(53) Derivação de casinhas e fasezinhas:

	a)	b)
F S	[faz+e+s##ziñ+o+a+s	[káz+a+s#ziñ+o+a+s
1º ciclo	1º ciclo	1º ciclo
1. R.M. 2. R.F.	(não há contexto)	(não há contexto)
(19) acento	fáz+e+s ## —	káz+a+s ## —
(33)(29) elev. V	fáz+i+s ## —	káz+ɸ+s## —
(47) s → z	fáz+i+z ## —	káz+ɸ+z ## —
(48) simplif.	fáz+i ## —	káz+ɸ ## —
2º ciclo	2º ciclo	2º ciclo
1. R.M. (50) truncamento (51) queda do z	— ##ziñ+a (não se aplica)	— ##ziñ+a+s kázɸ+iñ+a+s
2. R.F.		
(19) acento	fàz+i##zĩñ+a+s	
(20) nasaliz.	— ##zĩñ+a+s	
(33) elev. vogal	— ##zĩñ+ɸ+s	
(47) s → š	— ##zĩñ+ɸ+š	
	FF [fãzizĩñɸ+š]	3º ciclo
1. R.M. (50) truncamento 2. R.F.		káz + iñ+a+s
(19) acento		kâz + ãñ+a+s
(16) nasaliz.		kâz + ãñ+a+s
(33) elev. V		kâz + ãñ+ɸ+s
(47) s → š		kâz + ãñ+ɸ+š
	FE [kãzĩñɸš]	

3.4.3.3. Nomes terminados em \bar{V} V.
[- alt]

Os nomes com o contexto acima realizam-se ora com "-inho" ora com "-zinho".

Entretanto a sua descrição fonética apresenta o penúltimo elemento [+ alto], como as palavras do grupo V, que só se realizam com "zinho".

Procurou-se uma explicação, em suas formas subjacentes, e o resultado foi o seguinte:

(54)

a) Formas subjacentes do Grupo V:

| p u + a |
| p a t r i + a |
| a ã r a i + a |

b) Formas subjacentes deste Grupo X:

| . m e + a |
| b r o + a |

Comparando-se agora as formas subjacentes, nota-se uma diferença: as formas do grupo X, tipo meia e broã, não apresentam o segmento mais alto antes da vogal átona final.

O que ocorre com estas formas é um processo de inserção de um glide, diante de vogal menos alta¹⁶, precedida por outra vogal.

Como se observou durante esta pesquisa com os informantes, a inserção de glide é opcional. Está aí a explicação para

o comportamento original com este grupo de palavras: A inserção do glide impede a queda do | z |. Se não inserir o glide a queda do | z | é opcional.

Exemplificando melhor, as formas subjacentes e as fonéticas a seguir, com as duas formas de diminutivo, evidenciam esta conclusão:

(55)

F S	Inserção do G	F F
↓	↓	↓
a) bro+a	brôw+a	[brôw ^h zĩñ ^h]
b) bro+a	—	[brôĩñ ^h] ou [brôezĩñ ^h]
a) me+a	měj+a	[mèi ^h zĩñ ^h]
b) me+a	—	[mèĩñ ^h] ou [mèezĩñ ^h]

Em a) houve a inserção do glide, e a forma do diminutivo é "-zinho", como com o contexto /XC₁^h V^h V. O importante é o penúltimo elemento ser [+alt].

Em b) não houve a inserção do glide e a forma usada é "-inho" ou zinho. O relevante aqui é o penúltimo elemento ser [-alto], para que a queda do | z | seja opcional.

Vide derivação (57) e (58).

Uma regra fonológica de inserção do glide, pode ser formulada como (56):

(56) R F de inserção do glide: $(\emptyset \rightarrow \left\{ \begin{matrix} j \\ w \end{matrix} \right\} / V - V.)$

$$\emptyset \rightarrow \begin{bmatrix} - \text{voc} \\ - \text{cons} \\ \alpha \text{ post} \end{bmatrix} / \begin{bmatrix} + \text{voc} \\ + \text{ac} \\ - \text{alt} \\ \alpha \text{ post} \end{bmatrix} \text{ — } \begin{bmatrix} + \text{voc} \\ - \text{alt} \end{bmatrix}$$

Esta regra insere um glide com o traço [α posterior] de acordo com a vogal precedente. O segmento seguinte deve ser vogal, menos alta, independentemente de outros traços. Pois esta regra se refere a contextos em que a vogal que segue o glide pode ser | a | como em broa, | o | como em veio, e nenhuma vogal ocorre neste contexto.

Serão apresentadas, a seguir, as derivações com a palavra broa, do grupo (13), para ilustrar esta exposição:

Na derivação (57) a regra de inserção do glide não se realiza.

(57) Derivação de broinha - broinhas:

F S | bro+a##ziñ+o+a | | bro+a+s##ziñ+o+a+s |

1º ciclo:

1. R. Morfológicas: (não há contexto para aplicação)

2. R. Fonológicas:

(19) acento	brô+a ##	brô+a+s ##
(33) elev. vogal	brô+ɸ ##	brô+ɸ+s##
(47) s → z	— —	brô+ɸ+z##
(48) simplif.	— —	brô+ɸ ##

2º ciclo:

1. R.M

(50) truncamento

(51) queda do | z |

$$\text{brô} + \text{p} + \text{z} \text{ziñ} + \text{a}$$

$$\text{brô} + \text{p} + \text{z} \text{ziñ} + \text{a} + \text{s}$$
3º ciclo:

(50) truncamento

$$\text{brô} + \text{z} \text{ziñ} + \text{a}$$

$$\text{brô} + \text{z} \text{ziñ} + \text{a} + \text{s}$$

2. R.F.

(19) acento

$$\text{brô} + \text{z} \text{ziñ} + \text{a}$$

$$\text{brô} + \text{z} \text{ziñ} + \text{a} + \text{s}$$

(16) nasalização

$$\text{brô} + \text{z} \text{ziñ} + \text{a}$$

$$\text{brô} + \text{z} \text{ziñ} + \text{a} + \text{s}$$

(33) elev. vogal

$$\text{brô} + \text{z} \text{ziñ} + \text{p}$$

$$\text{brô} + \text{z} \text{ziñ} + \text{p} + \text{s}$$

(47) s → š

$$\text{brô} + \text{z} \text{ziñ} + \text{p}$$

$$\text{brô} + \text{z} \text{ziñ} + \text{p} + \text{š}$$

F F

[brôĩñp]

[brôĩñpš]

As derivações a seguir explicam o processo ativado pelo falante para a realização fonética com "-zinho", neste grupo de palavras quando não ocorre a queda do | z |, por causa da inserção do glide entre as vogais:

(58) Derivação de broazinha - broazinhas:

F F

$$| \text{bro} + \text{a} \text{z} \text{ziñ} + \text{o} + \text{a} | \quad | \text{bro} + \text{a} + \text{s} \text{z} \text{ziñ} + \text{o} + \text{a} + \text{s} |$$
1º ciclo:

1. R.M. (não há contexto)

2. R.F.

(19) acento

$$\text{brô} + \text{a} \text{z} \text{ziñ} + \text{o} + \text{a}$$

$$\text{brô} + \text{a} + \text{s} \text{z} \text{ziñ} + \text{o} + \text{a} + \text{s}$$

(56) Ins. glide

$$\text{brôw} + \text{a} \text{z} \text{ziñ} + \text{o} + \text{a}$$

$$\text{brôw} + \text{a} + \text{s} \text{z} \text{ziñ} + \text{o} + \text{a} + \text{s}$$

(33) elev. vogal

$$\text{brôw} + \text{p} \text{z} \text{ziñ} + \text{o} + \text{a}$$

$$\text{brôw} + \text{p} + \text{s} \text{z} \text{ziñ} + \text{o} + \text{a} + \text{s}$$

(47) s → z

$$\text{brôw} + \text{p} \text{z} \text{ziñ} + \text{o} + \text{a}$$

$$\text{brôw} + \text{p} + \text{z} \text{z} \text{ziñ} + \text{o} + \text{a} + \text{s}$$

(48) simplificação

$$\text{brôw} + \text{p} \text{z} \text{ziñ} + \text{o} + \text{a}$$

$$\text{brôw} + \text{p} \text{z} \text{z} \text{ziñ} + \text{o} + \text{a} + \text{s}$$

2º ciclo:

1. R.M.

(50) truncamento — ##zĩñ+a — ##zĩñ+a
 (51) queda z (não há contexto porque houve inserção de glide)

2. R.F.

(19) acento brōw+ɸ ##zĩñ+a brōw+ɸ+z##zĩñ+a+s
 (16) nasalização _____ ##zĩñ+a _____ ##zĩñ+a+s
 (33) elev. de vogal _____ ##zĩñ+ɸ _____ ##zĩñ+ɸ+s
 (30) s → š _____ _____ ##zĩñ+ɸ š
 F F [brōw ɸ zĩñɸ] [brōwɸ zĩñɸ š]

Neste ponto do trabalho foi possível obter-se uma ordem da aplicação das regras no processo de derivação de palavras simples e de palavras compostas. Esta ordenação está expressa no quadro 3:

QUADRO 3

N. Simples	Justaposição	Aglutinação
↓ 1º ciclo (1º nome)	↓ 1º ciclo (1º nome)	↓ 1º ciclo (1º nome)
R M ↓ R F	R M ↓ R F	R M ↓ R F
F F [kafê]	↓ 2º ciclo (2º nome)	↓ 2º ciclo (2º nome)
	R M ↓ R F	R M - { queda do z ## → +
	↓ F F [kafêzĩnu]	↓ 3º ciclo (no conjunto novo)
		R M ↓ R F
		↓ F F [livrĩnu]

Este quadro dá uma visão geral da ordem de aplicação das regras de nomes simples e compostos com os diminutivos.

No caso de derivação de nomes simples, aplicam-se as regras do 1º ciclo. Na derivação de compostos por justaposição, aplicam-se as regras do 1º e 2º ciclos. E na derivação por aglutinação, aplicam-se 3 ciclos de regras.

O acento inicia o processo morfológico e também o fonológico.

Atendendo a ordem do quadro 3, serão apresentadas as derivações de meia e arraia.

Como já foi visto anteriormente, o primeiro nome (meia) não apresenta contexto para a aplicação da queda do | z |, caso se aplique a inserção do glide. (| mea | → [meje]).

O segundo nome (arraia) não apresenta contexto para a aplicação desta regra porque já tem, na forma subjacente, o glide.

Antes de se apresentar a derivação de meia, é preciso deixar bem claro que o seu comportamento junto ao diminutivo é idêntico ao do nome broa. Uma única diferença consiste na ortografia, onde em meia, aparece a semivogal i, enquanto que em broa não parece a semivogal u.

Verificou-se durante esta pesquisa, que a ortografia influi para se acreditar que estes dois nomes apresentam comportamento diferente. Pois, quando se pede a um informante para pronunciar estas palavras, há uma preocupação muito grande em pronunciar o i no caso de meia, enquanto em broa não os preocupa a pronúncia do [w].

Entretanto, quando motivados para pronunciar estes nomes em situação de conversa, os informantes, pronunciam ambos com o mesmo grau com referência à ditongação ; .

Uma	[méɸ]	amarela	c
Uma	[brôɸ]	gostosa	ou
Uma	[méjɸ]	amarela	e
Uma	[brôwɸ]	gostosa.	

Isto vem afirmar a naturalidade com que foram reunidos os dois nomes como componentes de um processo idêntico apenas em parte. Comparando-se agora os nomes meia e arraia, observa-se que ambos têm um glide em forma de superfície fonética [méjɸ] e [aãajɸ]. Sendo que em meia é opcional, mas em arraia é obrigatório.

Pois há uma diferença no tipo de glide em um e outro caso: em arraia ele é derivado da vogal | i | subjacente e em meia, o glide é inserido.

Uma derivação com estas palavras, seguindo-se a ordem sugerida no quadro 3, é a seguinte:

(59) Derivação de meiazinha - arraiazinha:

F S | me+a##ziñ+o+a | | aãai+a##ziñ+o+a |

1º ciclo:

1. R M

(21) acento — — aãái+a ## —

2. R F

(19) acento mé+a ## — — —

(56) e (35) glide mé+j+a ## — aãáj+a ## —

(37) elev. V mé+j+ɸ ## — aãáj+ɸ ## —

2º ciclo:

1. R M

(50) truncamento	—— ##ziñ+a	—— /##ziñ+a
(51) queda de z	(não há contexto)	(não há contexto)
2. R F		
(19) acento	mê+j+ɸ ##zĩñ+a	arã+j+ɸ ##zĩñ+a
(16) nasalização	—— ##zĩñ+a	—— ##zĩñ+a
(33) elev. vogal	—— ##zĩñ+ɸ	—— ##zĩñ+ɸ
F F	[mējɸ zĩñɸ]	[arãjɸ zĩñɸ]

Serão apresentados, agora, os mesmos nomes no plural para mostrar a distinção entre regras morfológicas e fonológicas.

(60) Derivação de meiazinhas e arraiazinhas:

F S	me+a+s+ziñ+o+a+s	arãi+a+s##ziñ+o+a+s
<u>1º ciclo:</u>		
1. R M		
(21) acento	——	arãi+a+s ——
2. R F		
(19) acento	mē+a+s ## ——	—— ——
(56) e (35) glide	mēj+a+s ## ——	arãj+a+s ## ——
(37) elev. V	mēj+ɸ+s## ——	arãj+ɸ+s## ——
(47) s → z	mēj+ɸ+z## ——	arãj+ɸ+z## ——
(48) simplificação	mēj+ɸ ## ——	arãj+ɸ ## ——
<u>2º ciclo:</u>		
1. R M		
(50) truncamento	—— ##zĩñ+a+s	—— ##zĩñ+a+s
2. R F		
(19) acento	mê+j+ɸ ##zĩñ+a+s	arãj+ɸ ##zĩñ+a+s
(16) nasalização	—— ##zĩñ+a+s	—— ##zĩñ+a+s
(33) elev. vogal	—— ##zĩñ+ɸ+s	—— ##zĩñ+ɸ+s
(47) s → š	##zĩñ+ɸ+š	—— ##zĩñ+ɸ+š
F F	[mējɸ zĩñɸ š]	[arãjɸ zĩñɸ š]

A eficiência da ordenação das regras apresentadas no quadro 3 pode ser observada na derivação (61). Onde não há inserção do glide, ocorre a queda do | z |.

(61) Derivação de meinhas e meiazinhas:

	a)	b)
FS	me+a+s##ziñ+o+a+s	me+a+s##ziñ+o+a+s
1º ciclo	1º ciclo ↓	1º ciclo ↓
1. R M	(não há contexto)	(não há contexto)
2. R F		
(19) acento	mē+a+s ##——	mē+a+s ##——
(36) ins. glide	mēj+a+s ##——	(não é obrigatória)
(33) elev.vogal	mēj+ɸ +s##——	mē+ɸ +s##——
(47) s → z	mēj+ɸ +z##——	mē+ɸ +z##——
(48) simplif.	mēj+ɸ ##——	mē+ɸ ##——
2º ciclo	2º ciclo ↓	2º ciclo ↓
1. R M		
(50) truncamento	—— ##ziñ+a+s	—— ##ziñ+a+s
(51) queda do z	(não há contexto)	mē+ɸ +iñ+a+s
2. R F		
(19) acento	mēj+ɸ ##zĩñ+a+s	
(16) nasalização	—— ##zĩñ+ã+s	
(33) elev. V	—— ##zĩñ+ɸ +s	
(47) s → s̥	—— ##zĩñ+ɸ +s̥	

	FF [m̃ejʔ zĩñʔs̃]	3º ciclo
1. R M (50) truncamento		m̃e + iñ̃+a+s
2. R F (19) acento		m̃e + iñ̃+a+s
(16) nasalização		m̃e + iñ̃+a+s
(33) elev. V		m̃e + iñ̃+ʔ+s
(47) s → s̃		m̃e + iñ̃+ʔ+s̃
		↓ FF [m̃ ẽ iñ̃ ʔ s̃]

Em b) na derivação (61) registrou-se a saída fonética com "-inho", não houve a inserção do glide e houve o processo de aglutinação, (3 ciclos); em a), a saída fonética realizou-se com "-zinho", houve a inserção do glide, e o processo de formação de palavras é o da justaposição (2 ciclos apenas).

3.4.3.4. Nomes terminados em l, r, s, e nasais.

Ao retomar agora estes nomes observou-se que apresentaram problemas com a hipótese 2. A forma subjacente das palavras com este contexto tem sido discutida na literatura lingüística sem que os pesquisadores ¹⁷ encontrassem uma solução satisfatória.

Tais palavras não oferecem problemas para a formação de compostos com o sufixo "-zinho", pois os nomes apenas se justapõem, tanto no singular, como no plural.

Para este trabalho, é assumida a proposta apresentada por Paulino Vandresen¹⁸ para as nasais, que consiste em "distinguir o ambiente em que a queda do | n | se efetua, por uma distinção de vogais finais nas formas subjacentes. Os itens | i | e | u | finais não dariam condições à aplicação da regra da queda de | n |, enquanto | e | e | o | finais permitiriam a sua aplicação".

Tal proposição, apesar de não ter sido testada em todas as situações, conforme o próprio autor revela, apresenta-se satisfatória para o propósito deste trabalho.

A seguir segue-se um exemplo de derivação, a título de ilustração, em (62), onde são aplicadas as regras de acordo com o quadro 3.

(62) Derivação de mãozinha e mãozinhas:

F Subjacente | man+u##ziñ+o+a | | man+u+s##ziñ+o+a+s |

1º ciclo:

1. R M (não há contexto)

2. R F

(19) acento	mãn+u ##——	mãn+u+s ##——
(57) nasal.	m \tilde{p} n+u##	m \tilde{p} n+u+s##——
(61) n → ∅	m \tilde{p} +u ##——	m \tilde{p} +u+s ##——
(35) u → w	m \tilde{p} +w ##——	m \tilde{p} +w+s ##——
(47) assimilação	—— ——	m \tilde{p} +w+z ##——
(48) simplif.	—— ——	m \tilde{p} +w ##——

2º ciclo:

1. R M

(50) truncamento —— ##ziñ+a —— ##ziñ+a

(51) queda do z 2. R F	(não há contexto)	(não há contexto)
(19) acento	m $\tilde{\varphi} + w \# \# z \tilde{i} \tilde{n} + a$	m $\tilde{\varphi} + w \# \# z \tilde{i} \tilde{n} + a + s$
(16) nasalização	— $\# \# z \tilde{i} \tilde{n} + a$	— $\# \# z \tilde{i} \tilde{n} + a + s$
(33) elev. vogal	— $\# \# z \tilde{i} \tilde{n} + \varphi$	— $\# \# z \tilde{i} \tilde{n} + \varphi + s$
(47) s \rightarrow \check{s}	— —	— $\# \# z \tilde{i} \tilde{n} + \varphi + \check{s}$
F F	[m $\tilde{\varphi}$ w z $\tilde{i} \tilde{n}$ φ]	[m $\tilde{\varphi}$ w z $\tilde{i} \tilde{n}$ φ \check{s}]

As regras apresentadas por Vandresen parecem explicar o processo de nasalização e queda ou manutenção do n, problema polêmico na literatura lingüística.

São as seguintes as regras apresentadas em seu trabalho, que estão, agora, enumeradas de acordo com a ordem das regras usadas neste trabalho ¹⁹:

(63) R F de nasalização obrigatória ($V \rightarrow \tilde{V}$):

$$\left[\begin{array}{l} + \text{ voc} \\ + \text{ ac} \\ + \text{ voc} \end{array} \right] \rightarrow \left[\begin{array}{l} + \text{ nas} \\ - \text{ bx} \end{array} \right] / - \left[\begin{array}{l} + \text{ cons} \\ + \text{ nas} \\ + \text{ cons} \\ + \text{ nas} \end{array} \right] \left\{ \begin{array}{l} C \\ \# \end{array} \right\}$$

(64) R F de nasalização opcional:

$$\left[\begin{array}{l} + \text{ voc} \\ - \text{ ac} \end{array} \right] \rightarrow \left[\begin{array}{l} + \text{ nas} \\ - \text{ bx} \end{array} \right] / - \left[\begin{array}{l} + \text{ cons} \\ + \text{ nas} \end{array} \right]$$

(65) R F de assimilação da consoante nasal:

$$\begin{bmatrix} + \text{ cons} \\ + \text{ nas} \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} + \text{ glide} \\ \alpha \text{ ant} \\ \alpha \text{ cor} \end{bmatrix} / \text{---} \begin{bmatrix} + \text{ cons} \\ \alpha \text{ ant} \\ \alpha \text{ cor} \end{bmatrix}$$

(66) R de apagamento de consoante nasal:

$$\begin{bmatrix} + \text{ cons} \\ + \text{ nas} \end{bmatrix} \rightarrow \emptyset / \text{---} \left(\begin{bmatrix} + \text{ voc} \\ + \text{ alt} \end{bmatrix} \right) \quad (+ s) \#$$

Estas regras, com pequenas adaptações, são suficientes para explicar os processos fonológicos da nasalização no contexto de "-zinho", na posição que se vem adotando neste trabalho.

A regra da queda do | z | não encontra contexto para a sua aplicação e a saída fonética se realiza com a forma [zĩũ] como na derivação (62).

Entretanto, com referência à regra (66), apenas se propõe o seguinte:

- a) a eliminação da junção de morfema do termo (+s) da regra, por ser irrelevante. Esta modificação atenderá a posição que este trabalho assumiu (vide nota 17 do Cap. II) numa tentativa de separar as regras fonológicas das morfológicas.
- b) acrescentar o contexto fonológico \tilde{V} antes de n. O que parece ser relevante é que o | n | ocorre entre \tilde{V} e vogal + alta (seguida ou não de s) em posição final # e não por ser ele um morfema de plural. O contexto é fonológico. Na posição adotada por Vandresen não havia preocupação em distinguir tipos

de regras morfológicas e fonológicas.

Desta forma, por questão de coerência, propõe-se, na regra (66), substituir o termo, (+s), por (s), simplesmente, e acrescentar o contexto fonológico \bar{V} antes de n.

A regra (66) terá a formulação modificada para (67), a fim de atender melhor aos propósitos deste trabalho. Outros problemas que deveriam ser resolvidos em nasais fogem à alçada deste trabalho.

(67) R F de apagamento da consoante nasal
 $(n \rightarrow \emptyset / \bar{V} \text{ — } \left\{ \begin{matrix} \dot{V} \\ \cdot u \end{matrix} \right\} \text{ — reformulação da (66):}$

$$\left[\begin{matrix} + \text{ cons} \\ + \text{ nas} \end{matrix} \right] \rightarrow \emptyset / \bar{V} \text{ — } \left(\left[\begin{matrix} V \\ + \text{ alt} \end{matrix} \right] \right) (s) \#$$

Esta regra elimina o | n | de nomes como: | limõn+i+s | e | mãn+w+s | (vide nota 17 Cap. II e Shane (1975: 130), (tênis é uma exceção).

Quanto às palavras terminadas em | l |, | r |, e | z |, este trabalho toma a liberdade de propor tratamento um pouco diferente, para as nasais, com referência às vogais temáticas | i | e | u |.

O | i | estará na forma subjacente, tanto no plural como no singular. Isto permite a eliminação do | l |, antes de | i |, em nomes no plural como | kanal+i+s | \rightarrow [kanaiš], e a conservação do | l | antes de | e | em nomes como foles, tules, peles. Como também permite eliminação do | i |, no singular, em nomes como | kanal + i | \rightarrow [kanaʎ] \rightarrow [kanaw] e a manutenção de | e |, no singular em nomes como fole, tule, pele.

Esta posição requer que se formule regras para a queda do | l | e do | i |, como se fará : a seguir em (68) e (69) respectivamente.

(68) R M da queda do l (l → ∅ / — i + s) ;

$$\left[\begin{array}{l} + \text{ cons} \\ + \text{ lat} \\ + \text{ ant} \end{array} \right] \rightarrow \emptyset / \text{ — } + i + s \text{]}_N$$

(69) R F de queda do i (i → ∅ / l — #)
(1ª formulação)

$$\left[\begin{array}{l} V \\ + \text{ alt} \\ - \text{ post} \end{array} \right] \rightarrow \emptyset / \left[\begin{array}{l} + \text{ lat} \\ + \text{ ant} \end{array} \right] \text{ — } \#$$

A regra (68) é uma regra morfológica porque o | l | cai num contexto seguido de morfema de plural que é precedido de i' somente de nomes.

A informação]_N nesta regra de queda de | l | é necessária para evitar agramaticalidades com verbos no presente do indicativo, falis (verbo falir - 2ª pessoa do singular) que deve trazer o traço]_V.

(70) Derivação de canalzinho e canalzinhos:

Forma Subjacente | kanal+i###ziñ+o | | kanal+i+s###zin+o+s |

1º ciclo:

1. R M

(68) $l \rightarrow \emptyset$ — — kãna+i+s ##——

2. R F

(19) acento kãnãl+i ##—— kãnã+i+s ##——

(64) nasal. kãnãl+i ##—— kãnã+i+s ##——

(69) $i \rightarrow \emptyset$ kãnãl ##—— — ##——(35) $i \rightarrow j$ — — kãnã+j+s ##——(71) $l \rightarrow \uparrow$ kãnã[↑] ##—— kãnã+j+s ##——

(47) assimilação — — kãnã+j+z ##——

(48) simplificação — — kãnã+j ##——

2º ciclo:

R M · (não há contexto)

2. R F

(19) acento kãnã[↑] ##zĩñ+o kãnã+j ##zĩñ+o+s

(63) nasalização — ##zĩñ+o — ##zĩñ+o+s

(29) elev. vogal — ##zĩñ+u — ##zĩñ+u+s

(47) $s \rightarrow \check{s}$ — — — ##zĩñ+u[✓]F F [kãnã[↑]zĩñu] [kãnãjzĩñu[✓]]

Foi aplicada aqui a regra de velarização do | 1 | em posição final que pode ser formulada como em (71). Tendo em vista que há uma regra dialetal que reescreve | 1 | como | w |, acrescentou-se esta informação na regra (71).

(71) R F de realização do 1 ($1 \rightarrow \left\{ \begin{smallmatrix} \uparrow \\ w \end{smallmatrix} \right\}$):

$$\left[\begin{array}{l} + \text{ lat} \\ + \text{ ant} \end{array} \right] \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} [+ \text{ velar}] \\ [- \text{ cons}] \\ [- \text{ voc}] \\ [+ \text{ post}] \end{array} \right\} / \text{ — } \left\{ \begin{array}{l} \# \\ C \end{array} \right\}$$

Esta regra abrange assim a perda de traço consonantal do | l | ($\{l \rightarrow w\}$) além da velarização do | l | ($l \rightarrow \text{ɫ}$).

Foi aplicada em (70) a regra opcional de nasalização (64). Esta regra, uma vez aplicada, nasaliza a vogal átona de consoante nasal em kanal.

A composição de palavras com "zinho" não apresentou complicações, pois as três regras formuladas para nomes terminados em | l | são naturais ao sistema do português.

O mesmo pode-se dizer com referência aos nomes terminados em | r |.

Um | i | subjacente, tanto no singular como no plural, em certos nomes deste grupo, permite a eliminação deste | i | em posição final, em nomes tais como mar (| mar+i | \rightarrow [mãĩ]). Bem como permite a conservação de | e |, na mesma posição, em nomes como are (| ar+e | \rightarrow [ari]).

Esta regra de eliminação do | i | final antes de | r | pode ser formulada como em (72):

(72) R F de queda do | i | ($i \rightarrow \emptyset / r \text{ — \#}$)

(1ª formulação)

$$\begin{array}{c} V \\ \left[\begin{array}{l} + \text{ alt} \\ - \text{ post} \end{array} \right] \rightarrow \emptyset / \left[\begin{array}{l} + \text{ soan} \\ + \text{ ant} \\ - \text{ lat} \end{array} \right] \text{ — \#}$$

Esta regra elimina o | i | em posição final, seguida de | r |, porém o conserva, diante de morfema de plural. Uma derivação mostrará, como, também com este grupo de palavras, a composição de palavras com | zĩnu |, não acarreta complicações.

para a gramática do português.

(73) Derivação de marzinho e marizinhos:

F S | mar+i##ziñ+o | | mar+i+s##zin+o+s |

1º ciclo:

1. R M (não há contexto)

2. R F

(19) acento mār+i ## _____ mār+i+s ## _____

(72) i → ø mār ## _____ _____

(47) assim. _____ mār+i+z ## _____

(48) simpl. _____ mār+i ## _____

(74) r → r̃ mār̃ ## _____ _____

2º ciclo:

1. R. Morfológicas: (não há contexto)

2. R. Fonológicas:

(19) acento _____ ## zĩñ+o _____ ## zĩñ+o+s

(63) nasaliz. _____ ## zĩñ+o _____ ## zĩñ+o+s

(29) elev. V _____ ## zĩñ+u _____ ## zĩñ+u+s

(47) s → š _____ _____ ## zĩñ+u+š

F F [mār̃zĩñu]

[mār̃izĩñuš]

Foram acrescentadas aqui, regras comuns ao português, tais como a queda do | i | depois de | r | e a posteriorização

do | r | em posição final. Esta última é uma regra dialetal, e pode ser formulada como em (74):

(74) R F de posteriorização do | r | (r → r̄ / — #):

$$\begin{bmatrix} + \text{ cont} \\ + \text{ soant} \\ + \text{ ant} \\ + \text{ cor} \\ - \text{ lat} \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} - \text{ ant} \\ - \text{ cor} \end{bmatrix} / \text{ — } \#$$

Para as palavras terminadas em [s] de | z |; será formulada em (75), a exemplo do que foi feito com palavras terminadas em | l | e | r |, uma regra de queda do | i | em posição final.

(75) R F de queda do | i | (i → ∅ / z — #):

(1ª formulação)

$$\begin{bmatrix} \overset{V}{+ \text{ alt}} \\ - \text{ post} \end{bmatrix} \rightarrow \emptyset / \begin{bmatrix} - \text{ soant} \\ + \text{ ant} \\ + \text{ cor} \\ + \text{ son} \end{bmatrix} \text{ — } \#$$

Uma derivação como (76) explica melhor a atuação das regras que estão sendo propostas:

(76) Derivação de rapazinho e rapazinhos:

1º ciclo:

F S

| r̄apaz+i##zinto | | r̄apaz+i+s##ziñ+o+s |

1. R M	(não há contexto)	
2. R F		
(19) acento	řapáz+i ##——	řapáz+i+s ##——
(47) assimil.	—— ———	řapáz+i+z ##——
(48) simplif.	—— ———	řapáz+i ##——
(72) i → ø	řapáz ##——	řapáz ##——
(48) simplif.	řapā ##——	řapā ##——

2º ciclo:

1. R M	(não há contexto)	
2. R F		
(19) acento	řapā ##zĩñ+o	řapā ##zĩñ+o+s
(63) nasalização	—— ##zĩñ+o	—— ##zĩñ+o+s
(29) elev. V	—— ##zĩñ+u	—— ##zĩñ+u+s
(47) s → š	—— ———	—— ##zĩñ+u+š
F F	[řapāzĩñu]	[řapāzĩñuš]

É necessária uma explicação com referência às palavras terminadas em | s | como lāpis, por não ser |s| de plural, e será feita com a seguinte derivação em (77):

(77) Derivação de lāpisinho e lapisinhos:

1º ciclo:

F S	lapis##zĩñ+o	lapis+s##zĩñ+o+s
1. R M	(não há contexto)	
2. R F		
(19) acento	lāpis ——	lāpis+s## ——
(48) simplif.	—— ——	lāpis ## ——

(47) assim.	lâpiz ##_____	lâpiz ##_____
(48) simpl.	lâpi ##_____	lâpi ##_____

2º ciclo:

1. R M	(não há contexto)	
2. R F		
(19) acento	lâpi ##zĩñ+o	lâpi ##zĩñ+o+s
(63) nasalização	_____ ##zĩñ+o	_____ ##zĩñ+o+s
(29) elev. vogal	_____ ##zĩñ+u	_____ ##zĩñ+u+s
(49) s → š	_____ _____	lâpi ##zin+u+š
F F	[lâpizĩñu]	[lâpizĩñuš]

Serão reunidas aqui, numa só regra, as regras de queda de | i | em nomes terminados em | l |, | r̃ | e | z | seguidos de | i | subjacente.

(78)

$$\begin{bmatrix} V \\ + \text{ alt} \\ - \text{ post} \end{bmatrix} \rightarrow \emptyset / \left\{ \begin{array}{l} (63) \text{ l} \\ (66) \text{ r} \\ (69) \text{ z} \end{array} \right\} \text{ --- } \# \quad (1^{\text{a}} \text{ formulação})$$

Observa-se que | l, r̃, z | estão reunidas num grupo natural por se encontrar em processos fonológicos semelhantes. Todas são consoantes [+ contínuas], [+ cor], [+ ant], [+ son], em final de palavras, travando as sílabas.

Outras consoantes, que poderiam ocorrer nesta posição, são | s | e | n |. A primeira não reúne o traço [+ sonora] que está contido nas consoantes do grupo acima. E a segunda | n |, não reúne o traço [+ cont]. Isto dá evidências para se reunir as regras em uma só como em (79).

(79) R F de queda de i (i → ∅ / $\left\{ \begin{matrix} l \\ r \\ z \end{matrix} \right\}$ — #)

$$\begin{bmatrix} V \\ + \text{ alt} \\ - \text{ post} \end{bmatrix} \rightarrow \emptyset / \begin{bmatrix} + \text{ cont} \\ + \text{ ant} \\ + \text{ cor} \\ + \text{ son} \end{bmatrix} \text{ — } \#$$

3.4.3.5. Nomes masculinos terminados em a:

Um problema surgido neste trabalho necessita explicação.

Foi observado que o diminutivo "zinho" concorda em gênero e número com o nome ao qual se anexa, para formar um composto por justaposição.

Esta concordância já deve ter sido feita no componente sintático, pelas regras de transformação. Por exemplo: A base do diminutivo, isto é, sua forma subjacente é | ziñ+o |. O o aí não é morfema flexional de masculino, mas uma vogal temática, pois neste trabalho o feminino, como o plural, são morfemas aditivos. Eles se opõe respectivamente aos morfemas zero de masculino e singular.

Como se vê o o de | zin+o | não é morfema de gênero, mas ele se conserva o, por concordância com o gênero do nome ao qual se anexa. E recebe o morfema a quando o nome ao qual se anexa é feminino não importa se o 1º nome termine em o e ou a, o que parece relevante aqui é o gênero do 1º nome. Isto é evidenciado nos exemplos abaixo:

a porta + zinha → a portinha
a ponta + zinha → a pontinha

a triboo + zinha → a *tribinha
o doentee + zinho → o doentinho
o mapaa + zinho → o mapinha
o pontoo + zinho → o pontinho.

Entretanto esta concordância não acontece com um grupo de palavras quando o processo de composição é o da aglutinação.

Observe-se o seguinte grupo de palavras:

GRUPO XII

(vogal final)

- | | | | |
|----|---|------------------------|---|
| 1. | a | mapazinho | o map <u>inha</u> (ausência de concordância) |
| 2. | a | o artistazinho | o artist <u>inha</u> (ausência de concordância) |
| 3. | a | a artistaz <u>inha</u> | a artist <u>inha</u> |
| 4. | o | a triboz <u>inha</u> | a *trib <u>inha</u> |
| 5. | a | a portaz <u>inha</u> | a port <u>inha</u> |
| 6. | e | o doentez <u>inho</u> | o doent <u>inho</u> |
| 7. | a | a doentez <u>inha</u> | a doent <u>inha</u> |

Foram relacionadas no grupo XII, todas as possibilidades de combinação de palavras femininas e masculinas com todas as vogais temáticas | a |, | e | e | o |.

Somente em 1 e 2 não ocorre a concordância do gênero com o os nomes que o antecedem. Eles são nomes masculinos terminados em | a |. E isto só ocorre com aglutinação de nomes. Em todas as demais palavras a concordância de gênero se conserva com a aglutinação do | z |.

Há duas soluções para este problema:

A primeira solução seria marcar estas palavras com [- nativas]. São palavras que não se adaptam ao sistema da língua (o mapa, o tema, o diadema etc) com referência à concordância.

Entretanto, é sistemático no português nomes deste tipo. Toda a palavra masculina terminada em |a| passa pelo mesmo processo: o diminutivo aglutinado recebe |a|.

Pode-se formular uma regra menor que dará conta de um número bem representativo de palavras como esta.

Esta será então a segunda solução.

Uma regra morfológica que reescreve | o | para | a | no contexto de (/ + a ##ĩñ —).

Esta regra será aplicada depois da queda do | z |. Isto é, a vogal temática de | ziño | é normalmente | o |, e se reescreve como | a |, nos compostos (aglutinados) com nomes masculinos, cuja vogal temática é | a |. Tendo em vista que se realiza somente com um grupo de nomes (masculinos, terminados em a), ela é por enquanto considerada uma regra morfológica. Esta regra pode ser formulada como a (80):

(80) R M de substituição de VT(O → a)!

$$\begin{array}{c}
 V \\
 \left[\begin{array}{l}
 - \text{ alt} \\
 - \text{ bx} \\
 + \text{ post} \\
 + \text{ arr}
 \end{array} \right] \rightarrow \left[\begin{array}{l}
 + \text{ post} \\
 - \text{ arr}
 \end{array} \right] / \left[\begin{array}{l}
 + \text{ post} \\
 - \text{ arr}
 \end{array} \right] + \text{ ãñ} + \text{ — ##}
 \end{array}$$

Depois da aplicação desta regra, ocorre o truncamento da vogal final do radical (regra (50)):

Uma derivação como (76) esclarece melhor a aplicação

das regras:

(81) Derivação de mapinha e mapinhas:

1º ciclo:

F Subjacente	map+a##ziñ+o	map+a+s##ziñ+o+s
1. R M	(não há contexto)	
2. R F		
(19) acento	mâp+a ##——	mâp+a+s ##——
(33) elev. V	mâp+ø ##——	mâp+ø +s##——
(47) s → z	—— —	mâp+ø +z##——
(48) simplif.	—— —	mâp+ø ##——

2º ciclo:

1. R M		
(51) queda do z	mâp+ø + iñ+o	mâp+ø + iñ+o+s

3º ciclo:

1. R. Morfológicas:

(80) o → a	mâp+ø + iñ+a	mâp+ø + iñ+a+s
(50) truncamento	mâp+ + iñ+a	mâp+ + iñ+a+s
2. R F		

(19) acento	mâp + ãñ+a	mâp + ãñ+a+s
(16) nasalização	mâp + ãñ+a	mâp + ãñ+a+s
(33) elev. vogal	mâp + ãñ+ø	mâp + ãñ+ø +s
(30) s → š		mâp + ãñ+ø +š

F Fonética [mâpãñø] [mâpãñøš]

Destas regras derivam, como já foi dito, todos os nomes masculinos terminados em | a | átono.

o tema	+	zinho	o teminha	o temazinho
o diadema	+	zinho	o diademinha	o diademazinho
o lema	+	zinho	o leminha, etc.	o lemazinho

3.4.4. Vantagens da terceira hipótese.

A forma subjacente "zinho" para os diminutivos, como elemento de composição de palavras, apresenta as seguintes vantagens:

1) A gramática torna-se mais simples e mais geral, tendo em vista que as duas palavras apenas se justapõem, pois "zinho" pode ocorrer em quase todos os contextos, embora algumas vezes opcionalmente.

2) No caso da aglutinação, que é opcional, foi formulada apenas uma regra de queda de | z |. Esta regra enfraquece a juntura(##)para(+).

Uma regra de truncamento da vogal átona final acompanha o processo, mas é uma regra comum ao português já consagrada na literatura linguística como uma regra fonológica de queda da vogal temática diante de outra vogal. Entretanto esta queda de VT é um pouco diferente por se tratar de composição de palavras como foi visto.

3) Considerando-se que "zinho" é a forma básica dos diminutivos, a gramática torna-se mais natural ao considerar o processo, uma composição de palavras.

É mais natural ao português, ocorrer nomes compostos onde se aglutinam elementos, do que onde se inserem elementos.

4:) Como elemento de composição, os diminutivos deixam de ser exceções a várias regras de português como a de acento, a de elevação das vogais átonas pré-tônicas, a de flexão de gênero e número, a de significado apenas extra-linguístico dos sufixos, a da aparente não concordância do diminutivo com o gênero do 1º nome com palavras como o mapa + zinho (inha). O fato é explicado por uma regra morfológica regular neste tipo de nomes.

NOTAS DO CAPÍTULO III

1. Usou-se provisoriamente a juntura(#), por ser irrelevante aqui.
2. Esta possibilidade existe e os falantes a usam em sentido pejorativo.
3. Entede-se que uma forma fonética de lâ pode se realizar como [l ɸ̃ ɸ̃], a exemplo do que ocorre com [i ỹ], de jardim e [ũ ỹ], de atum.
4. Barros (1974 : 22): Barros faz um estudo dos diminutivos, abordando o aspecto semântico - estilístico... 1º se o morfema em estudo deve ser atualizado depois da vogal átona, o "morfe" que representará o morfema será -inh-, ocorrendo entretanto a queda da vogal átona; 2º) se deve ser realizado depois da vogal tônica, o "morfe" que o representará será -zinh-. Quando porém, a atualização é depois de consoante, o morfe que representa o morfema é mais comum -zinh-, podendo ocorrer, na linguagem coloquial -inh-."
5. Paviani (1969): A autora apresenta à p. 66, a seguinte regra de palatização de n, juntamente com a palatização do l:

$$\left[\begin{array}{l} + \text{ cons} \\ + \text{ son} \\ \left\{ \begin{array}{l} [+ \text{ lat}] \\ [+ \text{ nas}] \end{array} \right\} \end{array} \right] \rightarrow [+ \text{ hight}] / \text{---} \left[\begin{array}{l} \text{V} \\ - \text{ back} \\ + \text{ high} \end{array} \right] \left[\begin{array}{l} \text{V} \\ + \text{ back} \\ \left\{ \begin{array}{l} [- \text{ high}] \\ [- \text{ round}] \end{array} \right\} \end{array} \right]$$

6. Serra (1976 : 110 e 112) defende esta posição da forma subjacente de "-inho" como [iñ+o].
7. Chomsky e Halle (1971 : 13).
8. Conforme Matheus (1965) e Plaghiarini (1977), a única regra fonológica produtiva de acento é a que acentua as palavras paroxítonas.

$$V \rightarrow [+ \text{ ac}] / \text{---} C_0 V C_0 \# \quad (\text{p. 126})$$

O acento de palavras oxítonas e proparoxítonas já vem marcado no léxico, com os traços agudo [+ A] e esdrúxulo [+ E] respectivamente. As regras apresentadas por Ma-

theus, como regras auxiliares de acento, que se aplicam antes da regra geral de acentuação, são as seguintes: (p. 218 a 222).

a) palavras oxítonas (agudas):

$$\left[\begin{array}{c} V \\ + A \end{array} \right] \rightarrow [+ \text{ acento}] / [-] C_0 \#$$

b) palavras proparoxítonas (esdrúxulas)

$$\left[\begin{array}{c} V \\ + E \end{array} \right] \rightarrow [+ \text{ acento}] / [-] C_0 V C_0 V C_0 \#$$

A exemplo de Pagliarini, p. 83 - 119, este trabalho atribui às duas últimas regras, o nome de regras morfológicas.

9. Vários dicionários já registraram este nome com o significado de indivíduo, sujeito. Vide Ferreira, 1968, e Lello Popular, 1957.
10. Câmara (1976. : 215-216).
11. À primeira vista a queda do z também ocorre com adjetivos, seguidos de diminutivos, como belinha, novinho, altinho, entretanto, lembra-se aqui, que este estudo está restrito a nomes por necessidade de limitações do mesmo.
12. Estudos posteriores sobre o português poderão decidir qual a melhor solução para o reajuste do acento em palavras compostas. No momento, é aconselhável considerá-lo simultâneo com o acento 1 do 2º ciclo.
Nos compostos, uma regra que pertence à fonética sintática leva o acento tônico (˘) da palavra base para acento subtônico (˘), no momento em que se dá a composição.
13. Estudando outros processos de aglutinação na língua portuguesa, seria possível obter maior generalização, com a regra que enfraquece a juntura da palavra (# # → +) por uma convenção geral: todas as vezes que ocorresse a aglutinação, haveria este enfraquecimento. É caso de se estudar.
14. A fonologia natural, talvez, possa resolver o problema de juntura, levando em conta a velocidade da fala (Vide Abaurre.

- (1976 : 258), mas será motivo para pesquisas posteriores).
15. A juntura ### foi usada aqui para indicar posição final de frase, deduzida da proposição de Chomsky e Halle, (1968: 13), da árvore rotulada nº (11) para uma sentença. Ao colocar a juntura (+), de cada lado das categorias lexicais maiores (N, A, V, etc) e das categorias que dominam estas últimas, o final de frase será com (###) (mais de uma simples juntura de palavras ##).
 16. Matheus (1975: 35) tratou deste problema.
 17. Vide trabalhos de Brasington (1971), Hensey (1968), Leite (1974), Lipsky (1973), Mateus (1965), Paviani (1969), Suciuk (1970), Saint Clair (1971).
 18. Vandresen (1976 : 306-315).
 19. As regras foram adaptadas na parte referente às abreviaturas, não alterando a regra em nada relevante.

CONCLUSÃO

1. Sobre os estudos feitos nas gramáticas tradicionais, concluiu-se:

1.1. Reina grande confusão entre os autores quanto à classificação dos diminutivos "-inho" e "-zinho". Ora são desinências de grau (flexão), ora são sufixos derivacionais. Ora se registram incoerências entre dizer que eles são elementos de flexão e se relacionam entre os sufixos derivacionais formadores de novas palavras.

1.2. Quanto à forma básica dos sufixos diminutivos. Ora é "-inho" e "-zinho", ora é apenas "-inho" com um z epentético.

1.3. Não há um estudo mais profundo sobre a distribuição dos sufixos, "-inho" e "-zinho".

1.4. Os diminutivos são tratados como exceções a várias regras de português:

1.4.1. A flexão de gênero e número é redundante, pois flexiona, tanto o nome, como o diminutivo:
 ([ɔ̃r̃fɔ̃zzĩ̃ñɔ̃s̃]), o que não ocorre com outros sufixos. Os autores não explicam a concordância de gênero dos diminutivos com as palavras aos quais se anexam. Ex.:

<u>o</u> mapa	<u>o</u> dente
<u>o</u> mapa + <u>z</u> inho	<u>o</u> dente <u>z</u> inho

o mapinha o dentinho

1.4.2. Há exceção à regra de elevação de vogal átona pré-tônica dos derivados:

tem-se | rɔ za+eira | → [rozéjr ø],
 mas | rɔ za##iã | → [rɔ zĩĩø].

1.4.3. Há dois vocábulos fonológicos com acento próprio nos derivados com os diminutivos, mas não com os outros derivados:

tem-se | pele+udo | → [pelúdu]
 mas | pele##ziã | → [pēlizĩĩø].

1.4.4. Os outros sufixos não têm significado extra-linguístico, mas os diminutivos constituem uma exceção. "zinho" significa, pequeno ou indivíduo de pouca importância. Em oso e dade o significado é apenas gramatical.

2. O tratamento estrutural pouco contribuiu para explicar o processo derivacional. Câmara é mais coerente em suas afirmações. Mas sua descrição não leva a uma explicação adequada sobre o comportamento original dos diminutivos em português.

3. Quanto à distribuição, apesar de se afirmar que os nomes paroxítonos terminados em vogal átona aceitam melhor "-inho," foram listados nos grupos IX, a), b), c) e d) com comportamentos onde isto não é verdade (ponte - *pontinha, ninho -

* ninhinho, parte - * partinha, e base - * basinha).

Não se pode negar, entretanto, que com muitos destes nomes paroxítonos a aglutinação é a preferida (livro - livrinho, porta - portinha) no dialeto do sul do país.

4. No desenvolvimento das hipóteses concluiu-se o seguinte:

4.1. Duas formas listadas no léxico só é possível numa teoria taxonômica. Esta posição de segmentação e classificação dos fatos não atinge um nível explicativo satisfatório. Toda a conclusão se fundamenta nos dados de superfície (observáveis).

4.2. Passou-se a estudar o problema numa abordagem gerativa que permitiu o estabelecimento de formas abstratas, sobre as quais se aplicaram regras que explicam os fatos lingüísticos de maneira adequada.

4.3. A segunda hipótese da forma "-inho" como básica, embora seja a forma histórica, apresentou os seguintes inconvenientes no tratamento gerativo:

4.3.1. Não é econômica na medida em que se precisa de dois tipos de regras para a inserção de | z |:

a) uma regra obrigatória em nomes como café, mar, pão, órfão, pai, rua, pátria, arraia, página, tese;

b) outra opcional em nomes tipo broa, bola, meia.
[meɔ].

4.3.2. Não é adequada, visto que se formulam regras que especificam em vez de generalizar, pois há apenas um contexto exclusivo para "-inho", enquanto "-zinho" pode ocorrer em quase todos os contextos, embora nem sempre preferencialmente. (só não ocorre superficialmente em nomes terminados em |zo|, |za|, átomos - caso, rosa)

4.3.3. Há problemas com as derivações de formas flexionadas nos contextos de nasal, |r|, |l| e |z|, devendo-se usar junctura de palavra composta porque o gênero e o número ocorrem, tanto no primeiro nome como no diminutivo.

4.4. Foram analisadas estas formações de palavras com "-zinho" e concluiu-se que se comportam como nomes compostos sob o aspecto fonológico, morfológico, sintático e semântico.

4.5. O desenvolvimento da terceira hipótese permitiu que se chegasse a conclusões que respondem às perguntas formuladas na introdução desta Dissertação.

4.5.1. Os diminutivos, anexados a nomes, não são elementos de flexão, nem sufixos como supunha a maioria das gramáticas tradicionais do português. O processo que ocorre é o de uma verdadeira composição de palavras.

Nos compostos com "zinho" houve o processo de justaposição e com "inho", houve a aglutinação.

Isto sugeriu que se passasse a escrever ortograficamente o composto por justaposição com um hífen (café - zinho). O nome deixaria de ser uma exceção nas gramáticas escolares, simplificando-as.

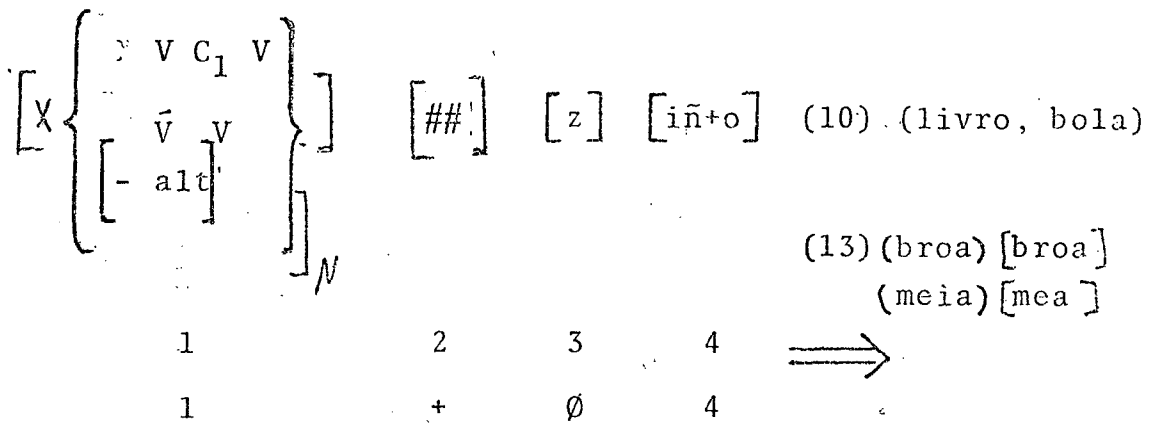
4.5.2. A forma subjacente melhor motivada é "zinho" porque aparece em todos os contextos, permitindo a formalização de regras generalizantes (embora haja poucas exceções).

4.5.3. Além das regras fonológicas, foram formalizadas regras morfológicas, o que vem a confirmar as recentes preocupações dos gerativistas em introduzir um subcomponente morfológico no componente fonológico.

Com a aplicação da regra de queda do |z| tem-se iniciado o processo de aglutinação que se completa com a regra de truncamento da vogal temática do 1º nome, seguindo-se outras regras morfológicas e fonológicas.

As duas primeiras regras são morfológicas e foram formuladas em sua forma final em (51) e (50).

(51) Regra morfológica da queda do | z |: (forma final)



Condições: a) R. obrigatória em nomes terminados em | z {_o^a } |.

b) Não se aplica em nomes terminados em | ze |.

c) R. opcional nos demais contextos da regra.

(50) Regra morfológica de truncamento: (VT → ∅)

$$[VT] \rightarrow \emptyset \quad / + \text{ — } + y \quad X \quad \# \quad]_N$$

5. A concordância de zinho com a palavra a qual se anexa é feita de acordo com traço inerente ao nome feminino ou masculino da 1^a palavra da composição. Os nomes masculinos terminados em a, que trazem o no diminutivo, tem este processo explicado por uma regra morfológica de mudança de vogal (o → a).

(80) R. M. de substituição de VT. (o → a):

$$\left[\begin{array}{l} - \text{ alt} \\ - \text{ bx} \\ + \text{ post} \\ + \text{ arr} \end{array} \right] \rightarrow \left[\begin{array}{l} + \text{ post} \\ - \text{ arr} \end{array} \right] / \left[\begin{array}{l} + \text{ post} \\ - \text{ arr} \end{array} \right] + i\tilde{n} + \text{ — } \quad ##$$

6. Estas conclusões explicam porque os diminutivos, apesar de não oferecerem dificuldades para o falante nativo, são motivos de controvérsias entre os gramáticos. O mecanismo empregado pelo falante ao estruturar nomes com os diminutivos assemelha-se ao que ele usa para compor outros nomes compostos do tipo banana-maçã, laranja-pera.

7. Com a distinção entre regras morfológicas e fonológicas, conseguiu-se reunir um conjunto de regras, nas derivações de nomes simples e compostos que explicam o mecanismo ativado pelo falante-ouvinte, no processo de composição de palavras com zinho em todos os contextos, tanto no singular como no plural.

A ordem de aplicação das regras foi expressa no quadro 3, que se transcreve abaixo:

QUADRO 3

N simples	N Comp. justaposição	N. Comp. aglutinação
1º ciclo (1º nome) ↓	1º ciclo (1º nome) ↓	1º ciclo (1º nome) ↓
R M R F	R M R F	R M R F
F F [kafê] ↓	2º ciclo (2º nome) ↓	2º ciclo (2º nome) ↓
	R M R F	R M — { queda de z ## → +
	F F [kafêzĩnu] ↓	3º ciclo ↓
		R M R F
		F F [lĩvrĩnu] ↓

8. Foram, desta forma, alcançados os objetivos a que se propôs no início deste trabalho:

8.1. Os princípios que orientam o falante nativo a empregar corretamente os diminutivos são os mesmos que os orientam nos outros processos de composição de palavras.

8.2. A forma subjacente melhor motivada é zinho.

8.3. As regras específicas que envolvem o processo são regras morfológicas de queda de z e enfraquecimento de(##)para(+), seguidas do truncamento da vogal temática do 1º nome.

9. Aplicações deste trabalho.

9.1. Esta Dissertação poderá ser objeto de consulta para alunos de nível universitário e pesquisadores interessados no assunto. Estes poderão discutir a validade das alternativas aqui apresentadas e propor sugestões, talvez, para uma solução não abordada nesta Dissertação.

9.2. Sugere-se, para futuras pesquisas, um estudo sobre outros sufixos do português, pois é um campo muito pouco explorado, assim como sobre a flexão de gênero.

9.3. As conclusões deste trabalho forneceram elementos para uma reformulação na descrição gramatical usada na escola, tornando-a menos confusa, mais explícita e mais

real.

Essa reformulação diz respeito ao seguinte:

- a) classificação coerente do diminutivo zinho como nome, que anexado a outro nome forma uma palavra composta.
- b) sugestão para escrever ortograficamente os nomes justapostos com um hífen (kafê - zinho), (homem - zinho) etc.
- c) como consequência, poderão ser eliminadas, de uma gramática, as notas em rodapé, e outras observações que consideram os diminutivos como exceção no que se refere a: acento, elevação de vogais átonas pretônicas, significado, flexão de gênero e número a que os sufixos derivacionais se submetem.

BIBLIOGRAFIA

1. ALI, Manuel Said. Gramática Histórica da Língua Portuguesa. S.P, Melhoramentos, 1971.
2. ABAURRE, M.B.M. O Status teórico "dos tempos" (Velocidade) de pronúncia na Fonologia Gerativa Natural. in Conferências do 1º Encontro Nacional de Linguística, PUC, Rio, 1976.
3. ALMEIDA, Napoleão Mendes. Gramática Metódica da Língua Portuguesa. São Paulo, Edição Saraiva, 1967.
4. ANDRÉ, Hildebrando A. de. Português: Gramática Ilustrada. São Paulo, Editora Moderna Ltda, 1974.
5. ARONOFF, Marck. Word Formation in Generative Grammar. The MIT Press, Cambridge, Massachusetts, and London, England, 1975.
6. AZEVEDO FILHO, Leodegário de. Gramática Básica da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Editora Fundos de Cultura, 1969.
7. ———. Para Uma Gramática Estrutural da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Edições Gernasa, 1971.
8. BARBOSA, Jeronymo Soares. Gramática Filosófica da Língua Portuguesa. Lisboa, (SE), 1881. (Xerox).
9. BARROS, Maria Ruth de Souza. O Sufixo Inho no Português Moderno. Seu emprego por Raul Bopp, Tese inédita, UFRJ, 1974.
10. BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. 19a. Edição, S P, Cia Editora Nacional, 1975.
11. BORBA, Francisco da Silva. Introdução aos Estudos Linguísticos. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1965.
12. BOTHÁ, Rudolph P. Methodological Aspects of Transformacional Generative Phonology. Paris, Mouton, 1971.
13. BRAKEL, C. Arthur. A Gramática Gerativa e a Pluralização em Português. Dept. of State University of New York at Albany, Albany, N.Y. 1977 (Xerox).

14. BRASINGTON, R.W.P. Noun Pluralization in Brazilian Portuguese se. In Journal of Linguistics, Vol. 7, october 1971. (Xerox).
15. BUENO, Silveira. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. São Paulo, Edição Saraiva, 1968.
16. CÂMARA, Mattoso Jr. Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa. Coleção Rex, Rio de Janeiro, Padrão 1977.
17. ——. Dicionário de Filosofia e Gramática. S P., J. Ozon Editor, 1968.
18. ——. Estrutura da Língua Portuguesa. R.J., Editora Vozes, 1972.
19. ——. História e Estrutura da Língua Portuguesa. R.J., Padrão Editora Ltda., 1976.
20. CEGALLA, Domingos Pascoal. Novíssima Gramática da Língua Portuguesa. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976.
21. CHOMSKY. Aspectos da Teoria da Sintaxe. Tradução, Introdução, Notas e Apêndices. José Antônio Meirelles e Eduardo Paiva. Coimbra. Armênio. Armando - Editor, Sucessor, 1975.
22. ——. and HALLE, Morris. The Sound Pattern of English. New York, Harper & Row, Publishers, 1968.
23. COUTINHO, Ismael de Lima. Gramática Histórica. R.J., Livraria Acadêmica, 1972.
24. CUNHA, Celso. Gramática do Português Contemporâneo. Belo Horizonte, Editora Bernardo Álvares S.A., 1975.
25. DESCHAMPS, Dário. Mecanismos Nasais do Português. Tese inédita, UFSC, 1976. (cópia xerox).
26. ELIAS, Sílvio Edmundo. Os Estudos Lingüísticos na América Latina, in Lítera 3, nº 8, pp. 2-24, 1973 a.
27. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. 11a. Edição, Editora Civilização Brasileira S.A., Rio de Janeiro, 1968.
28. HENSEY, I. Questões de Fonologia Gerativa: As Regras de Pluralização, in Estudos Lingüísticos V, III, n. 1-2, pp 1-10, 1968.

29. JACOBSON, Roman. Fonema e Fonologia. R.J., Livraria Acadêmica, 1972.
30. KIPARSKY, P. How abstract is phonology. Reproduzido por Indiana University Linguistics Club. Xerox, 1968.
31. LEITE, Yone de Freitas. Portuguese Stress and Related Rules. Dissertation of Doctor of Philosophy. The University of Texas at Austin, August, 1974. (Xerox).
32. LELO & IRMÃO. Lello Popular: Novo Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa. Lello & Irmão Editores, Porto, 1957.
33. LEMLE, Mirian. Analogia na Morfologia: Estudo de um caso, in Revista Brasileira de Linguística 1, pp. 16-21, Rio de Janeiro, Vozes, 1974.
34. LIMA, Rocha. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. R.J., Livraria José Olímpio Editora, 1974.
35. LIPSKI, John N. The Surface Structure of Portuguese. Plural and Other Things. The University of Alberta, 1973, Linguistic 111. (Xerox).
36. LUFT, Celso Pedro. Dicionário Gramatical da Língua Portuguesa. Porto Alegre, Editora Globo, 1971.
37. MACHADO, J.P. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. Biblioteca Luso-Brasileira, Editorial Confluência Ltda e Tip. Antônio Jorge, Lisboa, 30 de Janeiro de 1956.
38. MATEUS, Maria Helena Mira. Aspectos da Fonologia Portuguesa. Publicações do Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, 1975.
39. MAURER, Theodor Henrique. Um Sufixo de Comportamento Original: O Diminutivo em Zinho, in R. Neto, Estudos em homenagem à Cândido Juca Filho, 233-246, 1968 (?).
40. MELLO, Gladstone Chaves de. Gramática Fundamental da Língua Portuguesa. R.J., Livraria Acadêmica, 1970.
41. NARO, Antony Julius. Tendências atuais da Linguística e Filologia no Brasil. (Organizado por,) R.J., Livraria Francisco Alves, 1976.

42. PAGLIARINI, Maria Inês. Morfofonologia das Formas Verbais Finitas - Tratamento Fonológico-Gerativo. (Dissertação de Mestrado UFSC - 1978).
43. PAVLANI, Lea Andrade. Brasilian Portuguese Morphophonology - A Generative Approach, Thesis of Masters of Arts - The University of Texas at Austin, 1969. (Xerox).
44. PEREIRA, Eduardo Carlos. Gramática Expositiva, Curso Superior. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1958.
45. PONTES, Eunice. Estrutura do Verbo no Português Coloquial. Petrópolis, Editora Vozes Ltda., 1972.
46. POSTAL, P. Aspects of Phonological Theory. New York, 1968. (Xerox).
47. SACIUK, B. Some Basic Rules of Portuguese Phonology, in Sadoc, J.M. e VANEK, A.L. (eds), Studies Presented to Robert B. Lees by his Students, Champaign: Linguistic Research Inc., 1970.
48. RIBEIRO, Ernesto Carneiro. Estudos Gramaticais e Filológicos. Bahia, Livraria Progresso Editora, 1957.
49. SAINT CLAIR, Robert. The Portuguese Plural Formation. Linguistics 68, 1971. (Xerox).
50. SERRA, Maria Conceição. "Os glides no Português", Dissertação de Mestrado, PUC - Campinas (1976).
51. SCHANE, Sandord A. Fonologia Gerativa. Tradução de ROCHA, Alzira Soares "et alii". Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1975.
52. ———. French Phonology and Morphology, Cambridge, Mass, 1968.
53. SILVA NETO, Serafim da. Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1950 a.
54. SILVEIRA, Souza da. Lições de Português. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1964.
55. SKOGE, Silva. Os Sufixos Diminutivos em Português, in Boletim de Filologia. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1957, 16 (3 e 4) pp. 222.

56. TORRES, Artur de Almeida. Moderna Gramática Expositiva da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura S.A., (s/d).
57. VANDRESEN, Paulino. O Grau de abstração das Formas Lexicais do Português. Conferências do I Encontro Nacional de Linguístas, PUC Rio. 1976.
58. VASCONCELLOS, J. Leite de. Estudos de Filologia Portuguesa. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1961.

ÍNDICE DE REGRAS

- | | | pg |
|----|---|-----|
| 1. | (16) R F de nasalização: ($\acute{V} \rightarrow \tilde{V} / \text{--- n}$) | 108 |
| | $\acute{V} \rightarrow [+ \text{ nas}] / \text{---} \begin{bmatrix} + \text{ cons} \\ + \text{ nas} \end{bmatrix}$ | |
| 2. | (19) R F de acento: | 110 |
| | $V \rightarrow [+ \text{ ac}] / \text{--- } C_o V C_o \#$ | |
| 3. | (20) R M de acento (nomes oxítonos) | 110 |
| | $\begin{bmatrix} V \\ + A \end{bmatrix} \rightarrow [+ \text{ ac}] / \text{--- } C_o \#$ | |
| 4. | (21) R M de acento (nomes propároxítonos) | 110 |
| | $\begin{bmatrix} V \\ + E \end{bmatrix} \rightarrow [+ \text{ ac}] / \text{--- } C_o V C_o V C_o \#$ | |
| 5. | (29) R F de elevação de vogais ($\begin{bmatrix} o \\ e \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} u \\ i \end{bmatrix}$) | 118 |
| | $\begin{bmatrix} V \\ - \text{ alt} \\ - \text{ bx} \\ - \text{ ac} \end{bmatrix} \rightarrow [+ \text{ alt}] / \text{--- } (s) \#$ | |
| 6. | (30) R F de palatização do s ($s \rightarrow \acute{s} / \text{---} \#$) | 119 |
| | $\begin{bmatrix} C \\ + \text{ cont} \\ - \text{ soant} \\ + \text{ cor} \end{bmatrix} \rightarrow [- \text{ son}] / \text{--- } \{ \# \\ C \}$ | |

7. (33) R F de elevação do a: (a → ^p) 121

$$\begin{matrix} V \\ \left[\begin{array}{l} + \text{ post} \\ - \text{ arr} \\ - \text{ ac} \end{array} \right] \end{matrix} \rightarrow \left[- \text{ bx} \right] / \text{ — (s) \#}$$

8. (35) R F de alteração do traço silábico ($\begin{bmatrix} u \\ i \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} w \\ j \end{bmatrix}$) 122

$$\begin{matrix} V \\ \left[\begin{array}{l} + \text{ alt} \\ - \text{ ac} \end{array} \right] \end{matrix} \rightarrow \left[- \text{ silab} \right] / \begin{matrix} V \\ \left[- \text{ alt} \right] \end{matrix} \text{ —}$$

9. (47) Regra F. de assimilação do s : $s \rightarrow \begin{Bmatrix} s & \check{s} & z & \check{z} \\ s & \check{s} & & \\ z & & & \end{Bmatrix}$ 139

$$\begin{matrix} C \\ \left[\begin{array}{l} + \text{ cont} \\ - \text{ soant} \\ + \text{ cor} \end{array} \right] \end{matrix} \left\{ \begin{array}{l} \left[\alpha \text{ son} \right] / \text{ — (##) } \left[\alpha \text{ son} \right] \left\{ \begin{array}{l} (\text{pa}[s]##\text{forçada}, \text{pa}[\check{s}]##\text{forçada}) \\ (\text{pa}[z]##\text{vibrante}, \text{pa}[\check{z}]##\text{vibrante}) \\ (\text{fe}[s] \text{ } \check{t} \text{ a}, \text{fe}[\check{s}] \text{ } \check{t} \text{ a}) \\ (\text{ne}[z] \text{ } \check{g} \text{ a}, \text{ne}[\check{z}] \text{ } \check{g} \text{ a}) \end{array} \right\} \\ \left[- \text{ son} \right] / \text{ — } \text{###} \left\{ \begin{array}{l} (\text{ma}[s] \text{ } \text{###}) \\ (\text{ma}[\check{s}] \text{ } \text{###}) \end{array} \right\} \\ \left[\begin{array}{l} + \text{ ant} \\ + \text{ son} \end{array} \right] / \text{ — } \left\{ \begin{array}{l} \# \\ \text{##} \end{array} \right\} \text{ }^V \left\{ \begin{array}{l} (\text{a}[z] \text{ } \# \text{ azas}, \text{lapi}[z] \text{ } \# \text{ eira}) \\ (\text{lâpi}[z] \text{ } \text{##} \text{ amarelo}) \end{array} \right\} \end{array} \right.$$

10. (48) R F de simplificação de consoantes 139

(z z → z):

$$\begin{matrix} C & C \\ 1 & 2 \end{matrix} \rightarrow 2$$

Condição: 1 = 2

11. (50) R M de truncamento ($\check{V} \rightarrow \emptyset / z \text{ — } \check{V}$) 141

$$[V T] \rightarrow \emptyset / + \text{ — } + V X \#]_N$$

12. (51) Regra Morfológica da queda do |z| (forma final) 144

$$\begin{array}{ccccccc}
 [X \left\{ \begin{array}{l} \check{V} C_1 V \\ \check{V} V \\ [-alt] \end{array} \right\}]_N & [##] & [z] & [i\check{n}+o] & (10) & (\text{livro}) \\
 & & & & & (\text{bola}) \\
 & & & & (13) & ([broa]) \\
 & & & & & ([mea]) \\
 1 & 2 & 3 & 4 & \Rightarrow & \\
 1 & + & \emptyset & 4 & &
 \end{array}$$

Condições: a) R. Obrigatória em nomes terminados em |z {a o}|

b) Não se aplica em nomes terminados em |ze|

c) R. Opcional nos demais contextos da regra.

13. (56) R F de inserção de glide ($\emptyset \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} w \\ j \end{array} \right\}$) 149

$$\emptyset \rightarrow \left[\begin{array}{l} - \text{voc} \\ - \text{cons} \\ \alpha \text{ post} \end{array} \right] / \left[\begin{array}{l} + \text{voc} \\ + \text{ac} \\ - \text{alt} \\ \alpha \text{ post} \end{array} \right] \text{ — } \left[\begin{array}{l} + \text{vo}\check{c} \\ - \text{alt} \end{array} \right]$$

14. (63) R F de nasalização (obrigatória) ($V \rightarrow \tilde{V}$) 158

$$\begin{bmatrix} + \text{voc} \\ + \text{ac} \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} + \text{nas} \\ - \text{bx} \end{bmatrix} / \begin{bmatrix} + \text{cons} \\ + \text{nas} \\ + \text{cons} \\ + \text{nas} \end{bmatrix} \left\{ \begin{matrix} C \\ \# \end{matrix} \right\}$$

15. (64) R F de nasalização (opcional): 158

$$\begin{bmatrix} + \text{voc} \\ - \text{ac} \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} + \text{nas} \\ - \text{bx} \end{bmatrix} / \begin{bmatrix} + \text{cons} \\ + \text{nas} \end{bmatrix}$$

16. (67) R F de apagamento da consoante nasal 160
($n \rightarrow \emptyset$) (reformulação da 66)!

$$\begin{bmatrix} + \text{cons} \\ + \text{nas} \end{bmatrix} \rightarrow \emptyset / \tilde{V} \text{ — } ([+ \overset{V}{\text{alt}}]) (s) \#$$

17. (68) R M da queda do l ($l \rightarrow \emptyset$) / — + i + s) 161

$$\begin{bmatrix} + \text{cons} \\ + \text{lat} \\ + \text{ant} \end{bmatrix} \rightarrow \emptyset / \text{ — } + i + s \text{]}_N$$

18. (69) R F de queda do i ($i \rightarrow \emptyset$ / l — #): 161
(1ª formulação)

$$\begin{bmatrix} + \overset{V}{\text{alt}} \\ - \text{post} \end{bmatrix} \rightarrow \emptyset / \begin{bmatrix} + \text{lat} \\ + \text{ant} \end{bmatrix} \text{ — } \#$$

19. (71) R F de realização do l : (l → $\begin{Bmatrix} l \\ w \end{Bmatrix}$) 162

$$\begin{bmatrix} + \text{ lat} \\ + \text{ ant} \end{bmatrix} \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} + \text{ velar} \\ - \text{ cons} \\ - \text{ voc} \\ + \text{ post} \end{array} \right\} / \text{---} \begin{Bmatrix} \# \\ c \end{Bmatrix}$$

20. (72) R F de queda do i (i → \emptyset / r --- #) 163
(1ª formulação)

$$\begin{array}{c} V \\ \begin{bmatrix} + \text{ alt} \\ - \text{ post} \end{bmatrix} \end{array} \rightarrow \emptyset / \begin{bmatrix} + \text{ soant} \\ + \text{ ant} \\ - \text{ lat} \end{bmatrix} \text{---} \#$$

21. (74) R F de posteriorização do r (r → \tilde{r} / --- #) 165

$$\begin{bmatrix} + \text{ cont} \\ + \text{ soant} \\ + \text{ ant} \\ + \text{ cor} \\ - \text{ lat} \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} - \text{ ant} \\ - \text{ cor} \end{bmatrix} / \text{---} \#$$

22. (75) R F de queda do i (i → \emptyset / z --- #): 165
(1ª formulação)

$$\begin{array}{c} V \\ \begin{bmatrix} + \text{ alt} \\ - \text{ post} \end{bmatrix} \end{array} \rightarrow \emptyset / \begin{bmatrix} - \text{ soant} \\ + \text{ ant} \\ + \text{ cor} \\ + \text{ son} \end{bmatrix} \text{---} \#$$

23. (79) R F de queda do i ($i \rightarrow \emptyset / \begin{Bmatrix} 1 \\ r \\ z \end{Bmatrix} \text{---} \#$)

168

(última versão)

$$\begin{array}{c} V \\ \left[\begin{array}{l} + \text{ alt} \\ - \text{ post} \end{array} \right] \end{array} \rightarrow \emptyset / \begin{array}{c} \left[\begin{array}{l} + \text{ cont} \\ + \text{ ant} \\ + \text{ cor} \\ + \text{ son} \end{array} \right] \text{---} \# \end{array}$$

24. (80) R M de substituição do VT ($o \rightarrow a$):

170

$$\begin{array}{c} V \\ \left[\begin{array}{l} - \text{ alt} \\ - \text{ bx} \\ + \text{ post} \\ + \text{ arr} \end{array} \right] \end{array} \rightarrow \begin{array}{c} \left[\begin{array}{l} + \text{ post} \\ - \text{ arr} \end{array} \right] / \begin{array}{c} \left[\begin{array}{l} + \text{ post} \\ - \text{ arr} \end{array} \right] + \tilde{\text{int}} \text{---} \#\# \end{array}$$